LUMEN FLUENS
ESTUDOS COMPARADOS

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E CHARLES TAYLOR: ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado XV

GOIÂNIA

2026

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E CHARLES TAYLOR: ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado XV

Estudo Comparado XV da série “Onde nos tocamos, onde nos separamos”, do Lumen Fluens, sobre o Cânon v1.2, escrito em novembro de 2026. Versão 1.1, com as decisões do fundador de 20 de novembro de 2026. Preparado com assistência de inteligência artificial (Claude, Anthropic) sob direção e revisão do autor.

GOIÂNIA
2026

A luz não se acende — ela se revela.

Cânon Lumen Fluens, v1.2, Os Quatro Pilares, I

RESUMO

Este estudo compara a filosofia de vida Lumen Fluens, em seu Cânon v1.2, com o pensamento de Charles Taylor, seguindo o princípio da série de Estudos Comparados: apresentar a doutrina visitada em sua melhor forma e só depois marcar as fronteiras. É o primeiro estudo da série sobre um autor vivo, que não tinha Ficha de outubro. Taylor é exposto por tema — a avaliação forte, as molduras inescapáveis e a orientação no espaço moral, as teias de interlocução, os hiperbens e as fontes morais, a afirmação da vida ordinária, a autenticidade e os horizontes de significado, o reconhecimento, a era secular — e lido diante do cânon onde se tocam (a orientação e a Bússola, as teias e as Águas Comuns, os horizontes e “Ninguém começa do zero”, a vida ordinária e a Regra de Vida) e onde se separam (a fonte moral que se articula e nomeia diante da Lux sem nome, o eu constituído pelo que importa diante do valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância”, a identidade moldada pelo reconhecimento diante da luz “dada antes de qualquer relação”, a plenitude diante de “presença, não vitória”, o palpite teísta diante da Independência confessional). O estudo propôs, e o fundador adotou, a fórmula “o Lumen Fluens aceita de Taylor o horizonte e recusa o nome”, a primeira Ficha de Taylor e dez leituras; a origem da luz segue sem nome. Taylor está vivo: o estudo cita o que ele escreveu, nunca o que diria.

Palavras-chave: Lumen Fluens; Charles Taylor; fontes morais; autenticidade; reconhecimento; era secular; estudo comparado.

ABSTRACT

This study compares the philosophy of life Lumen Fluens, in its Canon v1.2, with the thought of Charles Taylor, following the principle of the Comparative Studies series: to present the visited doctrine in its best form and only then to draw the borders. It is the first study in the series on a living author, who had no October sheet. Taylor is presented by theme — strong evaluation, inescapable frameworks and orientation in moral space, webs of interlocution, hypergoods and moral sources, the affirmation of ordinary life, authenticity and horizons of significance, recognition, the secular age — and read before the Canon where they touch (orientation and the Compass, webs and the Common Waters, horizons and “No one starts from zero”, ordinary life and the Rule of Life) and where they part (the moral source that is articulated and named before the nameless Lux, the self constituted by what matters before worth “prior to any achievement or circumstance”, identity shaped by recognition before the light “given before any relation”, fullness before “presence, not victory”, the theistic hunch before Confessional Independence). The study proposed, and the founder adopted, the formula “Lumen Fluens accepts from Taylor the horizon and refuses the name”, Taylor’s first sheet and ten readings; the origin of the light remains unnamed. Taylor is alive: the study quotes what he wrote, never what he would say.

Keywords: Lumen Fluens; Charles Taylor; moral sources; authenticity; recognition; secular age; comparative study.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[V-en]	citação conferida em inglês, com o português do estudo; para As fontes do self, em blocos citados por obras de terceiros
[V-es: Lizón]	citação conferida na tradução espanhola de Lizón
[V via secundária: autor]	citação lida por intermédio de outro autor, nomeado no Apêndice A
[paráfrase]	tese atribuída sem a letra
[leitura do estudo] / [inferência do estudo] / [hipótese do estudo]	o que é do estudo, e não de Taylor nem do cânon
[tese a confirmar] / [página a confirmar] / [localização a confirmar] / [atribuição a confirmar]	o que ainda falta conferir

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO 11
1.1 Como ler este estudo 14
1.2 O que a série já disse e o que fica para aqui 18
1.3 Decisões do fundador (versão 1.1, 20 de novembro de 2026) 18
2 TAYLOR EM SUA MELHOR FORMA 22
2.1 O percurso em vinte linhas 22
2.2 A avaliação forte 23
2.3 As molduras inescapáveis e a orientação no espaço moral 23
2.4 As teias de interlocução e a vida como busca 24
2.5 Os hiperbens, os bens constitutivos, as fontes morais e a articulação 25
2.6 A afirmação da vida ordinária 26
2.7 O expressivismo e a epifania 26
2.8 A autenticidade e os horizontes de significado 27
2.9 O reconhecimento 28
2.10 A era secular 28
2.11 O católico que escreve e o que a casa deixa dito 30
2.12 Os homônimos reunidos 30
2.13 O que um leitor do Lumen Fluens deve levar daqui 32
3 ONDE NOS TOCAMOS 33
3.1 A avaliação forte e a Bússola que veta 33
3.2 As molduras inescapáveis e “pessoal, nunca individual” 33
3.3 A orientação no espaço moral e a Revisão do rio 34
3.4 As teias de interlocução e “ninguém navega um rio privado” 34
3.5 A vida como busca e o Flumen 35
3.6 A afirmação da vida ordinária e Acender, Portar, Examinar 35
3.7 A autenticidade e “a luz não se acende — ela se revela” 36
3.8 Os horizontes de significado e o veto do relativismo brando 36
3.9 A dignidade igual e “a Lux admite graus de visão, nunca de valor” 37
3.10 O reconhecimento e o Abrigo que “revela” 37
3.11 A plenitude e “uma luz acesa dentro da noite” 38
3.12 A moldura imanente e a Independência confessional 39
3.13 A crítica da razão instrumental e a lamparina de museu 39
3.14 O “melhor relato” e o método da série 40
3.15 Pascal, grandeza e miséria, e a noite 40
4 ONDE NOS SEPARAMOS 41
4.1 A avaliação forte e o hiperbem × a Lux antes da avaliação 41

4.2 A fonte moral que se articula × a Lux sem nome 42
4.3 A identidade moldada pelo reconhecimento × a luz dada antes de qualquer relaçã 43
4.4 A autenticidade e os horizontes × “a luz não se acende — ela se revela” 44
4.5 A afirmação da vida ordinária × Acender, Portar, Examinar e a Regra de Vida 45
4.6 A orientação que constitui o eu × a Lux que precede, o Flumen e os dois registro 46
4.7 A plenitude × “presença, não vitória” 47
4.8 A moldura imanente, o eu poroso e o palpite teísta × a Independência confession 47
4.9 A transcendência “além do florescimento humano” × o Pilar IV 48
4.10 O depois 48
4.11 Os registros: política do reconhecimento, Marx e Moriá 49
4.12 O padrão das fronteiras diante de um autor vivo 49
4.13 A fórmula 50

5 TAYLOR DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE 51
5.1 Hegel 51
5.2 Platão e Aristóteles 51
5.3 Agostinho 52
5.4 Ricoeur e Ricoeur lê Taylor 53
5.5 Arendt 54
5.6 Jaspers e o tempo-eixo, Marcel, Levinas 55
5.7 O budismo, a Stoa e o cristianismo 55
5.8 O Vedanta, o existencialismo e o taoísmo 56
5.9 As portas 57
5.10 O padrão 58

6 O QUE A SÉRIE JÁ DISSE E A FICHA PROPOSTA 59
6.1 As prévias de Taylor 59
6.2 As decisões herdadas que tocam Taylor 60
6.3 O que o cânon não diz, o que diz em sentido restrito e os homônimos 61
6.4 A forma da Ficha 62
6.5 A Ficha proposta 62

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS 65
7.1 O que o estudo encontrou 65
7.2 A fórmula 67
7.3 Questões abertas 68
7.4 O que Taylor oferece 72
7.5 A lamparina 73

REFERÊNCIAS 74

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO 84

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES 121

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO 126

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial a Bússola (“a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?” diante da orientação no espaço moral e dos horizontes de significado), o Pilar I (“anterior a qualquer conquista ou circunstância” e “A luz não se acende — ela se revela” diante do eu que se constitui pelo que importa e da autenticidade), as Águas Comuns (“Ninguém navega um rio privado” e “pessoal, nunca individual” diante das teias de interlocução e do reconhecimento), a Regra de Vida (Acender, Portar, Examinar diante da afirmação da vida ordinária e da articulação), a Vigília (“presença, não vitória” diante da plenitude), a Independência confessional (“A filosofia não decide isso por ninguém” diante da moldura imanente e do palpite teísta) e a Lux sem nome (a fonte moral, o bem constitutivo, o hiperbem, a plenitude, o horizonte e a moldura como material, nunca como nome).
Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.
Versão 1.1, 20 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 20 de novembro de 2026.

Charles Taylor é o primeiro autor vivo que a série estuda inteiro, e é o que mais fala do que o cânon chama orientação. Taylor escreve, em 1989, que “Saber quem se é é estar orientado no espaço moral” (*As fontes do self*, 1989, p. 28; ver 2.3) [V-en], e que “Um eu existe só dentro do que chamo ‘teias de interlocução’” (p. 36; ver 2.4) [V-en]. O cânon diz que “a pergunta decisiva é uma só: a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?” (Cânon v1.2, “A Bússola”), e que “Ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). As duas casas põem a pessoa diante de um bem que ela não inventou e dentro de um rio que não é dela, e dizem coisas diferentes do que esse bem é e de como se fala dele [leitura do estudo].

A tese de partida, que o estudo testou: Taylor toca o cânon onde põe a pessoa a orientar-se por um bem que não escolheu, entre outros sem os quais não se orienta, e separa-se dele onde pede que esse bem seja articulado e nomeado — a fonte moral, o bem constitutivo, “algo cujo amor nos capacita a fazer e a ser o bem” (*As fontes do self*, p. 93; ver 2.5) [V-en] —, enquanto o cânon deixa a sua luz sem nome e “não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). A fronteira central não passa por “há fonte × não há fonte”, porque o cânon não nega que haja; passa por “nomeia a fonte × deixa o nome a cada um” (4.2) [leitura do estudo].

Este é o estudo que a série marcou como seguinte ao fim do existencialismo: “Próximo estudo: XV — Taylor” (decisão n.º 12 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV). Taylor foi tocado de passagem por oito estudos (V, VII, IX, X, XI, XII, XIII e XIV), e

nunca teve estudo próprio nem Ficha; o capítulo 6 recolhe as prévias uma a uma (6.1): a hipótese do Estudo VII, que leu a dignidade de Taylor como a Lux e o reconhecimento como identidade e visibilidade, registrada “como leitura” e nunca adotada nem recusada (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII); o IX, que o nomeou ao lado de Ricoeur sem letra de Ricoeur sobre ele; o X, o XI e o XII, que o citaram sobre Platão, Aristóteles e Agostinho; o XIII, que escreveu “vida comum” onde Taylor escreve “vida ordinária”; o XIV, que o pôs na porta do tempo-eixo de Jaspers com a tese a confirmar.

Não há Ficha de outubro sobre ele: o que o estudo propõe em 6.5 é a primeira, e é proposta.

O estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 12 de novembro de 2026, e a letra dos Estudos I a XIV; nenhuma decisão é reaberta, e toda extensão de decisão a Taylor vem como [hipótese do estudo] ou [leitura do estudo] e entra como pergunta no capítulo 4.

Três registros pesam mais do que os outros. O Estudo VII fixou que a luz é “dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), e é diante dessa letra que a identidade “em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta” (“A política do reconhecimento”, 1994, p. 25; ver 2.9) [V-en] encontra a sua fronteira (4.3). O Estudo X fixou que “a fonte continua sem nome no cânon” e que “o Bem não é nome da Luz” (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e é diante dessa letra que a fonte moral que Taylor pede que se articule encontra a sua (4.2). E o Estudo XIV fixou que a Lux não se nomeia por contraste (decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV), o que mede a própria fórmula deste estudo (4.13).

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: Taylor entra no Lumen Fluens pela orientação e pelas teias, e encontra as fronteiras do capítulo 4, das quais quatro se dizem aqui — a da fonte que se nomeia, a do eu constituído pelo que importa, a da plenitude e a do palpite teísta —; a do hiperbem, a do reconhecimento, a da autenticidade, a da vida ordinária, a da transcendência e a do depois ficam para 4.1, 4.3, 4.4, 4.5, 4.9 e 3.10.

Entra pela orientação, porque “Saber quem se é é estar orientado no espaço moral” e as molduras “fornecem o pano de fundo, explícito ou implícito, para nossos juízos, intuições ou reações morais” (*As fontes do self*, p. 26; ver 2.3) [V-en], e a Bússola pergunta se “a luz está lá”, e “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”) (3.1, 3.3). Entra pelas teias, porque “Um eu existe só dentro do que chamo ‘teias de interlocução’” e o cânon diz que a vida da luz “é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) (3.2, 3.4).

Entra pelos horizontes, porque “A autenticidade não é inimiga das exigências que emanam de além do eu; ela as supõe” (*A ética da autenticidade*, 1992, pp. 40–41; ver 2.8) [V-en], e o Pilar II diz “Ninguém começa do zero” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II)

(3.5, 3.8). Entra ainda pela vida ordinária, “aqueles aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução” (*As fontes do self*, p. 211; ver 2.6) [V-en], ao lado de Acender e Portar na Regra de Vida (3.6), e pelo reconhecimento, que é “uma necessidade humana vital” (“A política do reconhecimento”, 1994, p. 26; ver 2.9) [V-en], ao lado do Abrigo que “revela” (3.10).

Encontra a fronteira da fonte, porque Taylor escreve que “A articulação pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” (*As fontes do self*, p. 92; ver 2.5) [V-en], e o cânon não articula nem nomeia a sua: “a fonte continua sem nome no cânon” (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) (4.2). Encontra a fronteira do eu, porque “Somos eus só na medida em que certas questões importam para nós” (*As fontes do self*, p. 34; ver 2.3) [V-en], e o Pilar I diz que o valor de cada pessoa é “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I); a orientação faz o eu em Taylor, e a Lux o precede no cânon (4.1, 4.6) [leitura do estudo].

Encontra a fronteira da plenitude, porque Taylor escreve que “Em algum lugar, em alguma atividade ou condição, reside uma plenitude, uma riqueza” (*Uma era secular*, 2007, p. 5; ver 2.10) [V-en], e a Vigília “promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”); “plenitude” não ocorre nos escritos (4.7). Encontra, enfim, a fronteira do palpite, porque Taylor declara que “o potencial de certa perspectiva teísta é incomparavelmente maior” (*As fontes do self*, pp. 517–518; ver 2.11) [V-en], e o cânon não decide por ninguém e não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV); o texto da Independência confessional vale para quem crê, seja quem for, e o estudo não o aplica à fé de Taylor (4.8) [leitura do estudo].

Um achado vem primeiro. “Dignidade”, a palavra com que o Estudo VII leu a Lux, não tem em Taylor o sentido que essa hipótese lhe deu. Taylor distingue a dignidade igual, em que “o que se estabelece deve ser universalmente o mesmo”, da identidade, “a identidade única deste indivíduo ou grupo, sua distinção em relação a todos os demais” (“A política do reconhecimento”, p. 38; ver 2.9) [V-en], e funda a primeira em Kant, num “estatuto de agentes racionais” (p. 41; ver 2.9) [V-en]. O Pilar I funda o valor em algo “anterior a qualquer conquista ou circunstância”, e a decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, dita de Ricoeur, diz que “a Lux é valor; a capacidade é poder”. O estudo não a estende a Taylor: pergunta, na questão (ea), se a distinção de Taylor fica como fronteira lida ao lado da hipótese do VII, que segue registrada como leitura (4.3) [leitura do estudo].

Outro achado é de palavra. O Estudo XIII escreveu “vida comum” onde Taylor escreve “vida ordinária” (*ordinary life*), e a diferença importa: a vida ordinária de Taylor é a “afirmação” de um lugar de valor, com origem protestante declarada; o cânon dá lugar ao ordinário em Acender e Portar — “Nas transições (trajetos, esperas, intervalos), voltar ao

corpo e ao lugar presente” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”) — sem usar a palavra e sem a afirmar nem a recusar como bem (2.6, 4.5) [leitura do estudo]. A correção vem dita uma vez, sem reabrir o XIII. Do mesmo modo, o Estudo V datou *A ética da autenticidade* de 1991, que é a data de *O mal-estar da modernidade*; a edição de Harvard é de 1992 (2.8).

O estudo propôs ao fundador, que a adotou (decisão n.º 1 de 20 de novembro sobre o Estudo XV), uma fórmula: **o Lumen Fluens aceita de Taylor o horizonte e recusa o nome** (4.13, 7.2). O horizonte aceito é que o sentido não se escolhe a si mesmo — os horizontes de significado que a autenticidade não escolhe, “os horizontes são dados” (*A ética da autenticidade*, p. 39; ver 2.8) [V-en] —, lido ao lado da Bússola e de “pessoal, nunca individual”; a palavra “horizonte” não ocorre nos escritos, e os horizontes que Taylor nomeia por Deus não entram no cânon.

O nome recusado não é o que cada um dá à sua luz — “seja qual for o nome que cada um lhe dê” —, mas o que a filosofia daria por todos: a fonte moral articulada e nomeada que Taylor pede. A recusa é do nome, não da fonte, cuja origem o cânon deixa em aberto e não decide; e a fórmula não define a Lux pelo que recusa: a Lux continua sem nome, e não se nomeia por contraste (decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV).

O estudo pesou outras letras e as deixou de lado (4.13): “aceita o horizonte e recusa a fonte”, porque se lê como negar que haja fonte e nomearia a Lux por contraste; “aceita a orientação e recusa a articulação”, porque o Examinar e a Revisão do rio articulam a vida, e a questão (dz) é a que decide; “aceita a avaliação forte e recusa o hiperbem”, porque a Lux é valor, não bem que se hierarquiza; “aceita a vida ordinária e recusa a plenitude”, porque o cânon não afirma nem recusa a primeira e não tem a segunda. A escolha é a pergunta (dx) de 7.3 [leitura do estudo].

Uma cautela de doutrina fica dita na primeira página. Taylor é católico e o declara: em Kyoto, em 2008, fala de si como “pessoa de fé” (conferência do Prêmio Kyoto, 2008, p. 197; ver 2.11) [V-en], e em *As fontes do self* escreve que “o leitor suspeita de que meu palpite se inclina para o afirmativo” (pp. 517–518) [V-en]; o estudo registra e não julga. O cânon não decide por ninguém. Deus, a fonte moral, o bem constitutivo, o hiperbem, a plenitude, a transcendência “além do florescimento humano” (*Uma era secular*, 2007, pp. 19–20; ver 2.10) [V-en], o horizonte e a moldura são, neste estudo, voz de quem os diz, como material; nenhum vira nome da Lux, e o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV) [leitura do estudo].

1.1 Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. Taylor diz o que está nos textos, citado e localizado; está vivo, e o estudo cita o que ele escreveu, nunca o que ele diria: nenhuma resposta é atribuída a Taylor em página alguma, e onde um intérprete lhe atribui uma posição, o nome do intérprete vem antes (2.1, 5.10).

Taylor é citado por obra, ano da edição e página, em inglês, com o título em português na primeira menção de cada capítulo e o original ao lado: *As fontes do self* (*Sources of the Self*, Harvard University Press, 1989); *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*, Harvard University Press, 1992, mesmo texto de *O mal-estar da modernidade*, Anansi, 1991); “A política do reconhecimento” (“The Politics of Recognition”, em Gutmann, org., *Multiculturalism*, Princeton University Press, 1994); *Uma era secular* (*A Secular Age*, Belknap Press, 2007); “O que é a agência humana?” e “A ética da inarticulação” pelos *Philosophical Papers* e pelos volumes que os recolhem; a conferência do Prêmio Kyoto (2008) pelo texto da Fundação Inamori. A tradução espanhola de *As fontes do self* (Lizón, Paidós) entra pelo nome onde a passagem foi conferida nela, [V-es: Lizón]; nenhuma tradução portuguesa de Taylor foi usada, e não há marcador de tradução portuguesa neste estudo.

A tradição lê o que um intérprete nomeado faz dos textos: Ricoeur, que leu Taylor em “Conscience and the Law” (*The Just*, 2000) e chega por Newing; Abbey, Smith, Meijer, Colorado, Calhoun, Williams, Casanova, Appiah, Habermas e Walzer, pelos textos que as Fontes dizem; Wallace, pela biografia de 2023, para as datas; a Fundação Inamori e a CBC, pelo nome, para o prêmio e para a Comissão. Hegel, Platão, Aristóteles, Agostinho, Ricoeur, Arendt, Jaspers, Marcel e as casas do Oriente e do Ocidente foram os Estudos VII a XIV: citam-se por eles e não se refazem (5.1 a 5.8).

O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas, do Glossário validado e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo. Os Estudos I a XIV entram como leitura anterior e se citam pelas seções; as contagens de palavras valem para os sete escritos, e não só para o Cânon v1.2.

O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. Chama-se aqui homônimo à palavra que o cânon e Taylor escrevem igual e entendem de modo diferente; o capítulo 2 os reúne (2.12), e cada capítulo avisa quando um aparece.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem limites que convém declarar na primeira página. [V-en] diz que a passagem foi conferida em inglês, e que o português é do estudo, com o original nas Fontes de cada capítulo; [V-es: Lizón] diz que foi conferida na tradução espanhola; [V via secundária: autor] diz que a passagem foi lida dentro de outro texto, do autor nomeado; [paráfrase] diz que há a tese sem a letra; [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e [atribuição a confirmar] diz que a frase circula, mas o estudo não achou a passagem. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

Os limites são estes, e o primeiro pesa sobre todo o estudo. O inglês de *As fontes do self* não foi conferido no exemplar: foi conferido em blocos citados por obras de terceiros — Colorado, Choi, Meijer, Turner, Chernilo e outros nomeados nas Fontes —, página a página, e é esse inglês que o marcador [V-en] atesta para esse livro; onde o bloco não alcança a frase, o marcador é [V-es: Lizón] ou [V via secundária]. *A ética da autenticidade*, "A política do reconhecimento" e *Uma era secular* foram conferidos no texto.

Não foram abertos *Hegel* (1975), *Uma modernidade católica?* (1999), os *Philosophical Papers* além do que as Fontes dizem, a réplica de Taylor a Tully, nem o relatório da Comissão Bouchard-Taylor (2008), que chega pela CBC; a tese de Oxford fica [tese a confirmar] no título, porque Wallace e o texto de Kyoto a descrevem de modo diferente (2.1). *Dilemmas and Connections* (2011) chega por Schoenberg; a leitura direta dos *Pensées* por Taylor não foi achada (3.15). Onde a palavra "transcendência" aparece em Taylor, o estudo a marca e não a estende.

Cuidados de vocabulário, os homônimos de que o estudo se guarda (a lista em 2.12), que cada capítulo repete onde trabalha. "Fonte" ocorre nove vezes nos escritos, nenhuma como palavra de doutrina fora do trecho que este estudo não trata; em Taylor, é fonte moral (*moral source*). "Horizonte", "plenitude", "autenticidade", "articulação" e "moldura" não ocorrem nos escritos; o cânon diz Integridade e "sem me trair" onde Taylor diz autenticidade. "Reconhecimento" ocorre uma vez, negada — o "reconhecimento externo" de que a luz não precisa (Tratado da Luz Interior) —; em Taylor é "necessidade humana vital". "Vida ordinária" não ocorre; a casa do ordinário é a Regra de Vida. "Bem" ocorre duas vezes como substantivo, nenhuma como nome da Lux; em Taylor há bens, hiperbens e bens constitutivos.

"Dignidade" ocorre sete vezes nos escritos, no Tratado da Luz Interior e na Disputatio, e é a palavra em que o Estudo VII leu a Lux; em Taylor é a dignidade igual, fundada em Kant. "Presença" tem os seis usos que o Estudo XIV declarou (decisão n.º 3 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV), e a presença de si que Taylor diz (2.12) não equivale a nenhum deles [leitura do estudo]. "Transcendência" ocorre cinco vezes, quatro fora da Antífona, que não é tratada neste estudo; a de Taylor, "além do florescimento humano", é um quinto uso, que o Pilar IV não responde (4.9). Fora da Antífona, que não é tratada neste estudo, "eterna" e "imortal" não se dizem da Lux, e "atemporal" é letra (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); o cânon não diz nada do depois (decisão n.º 6 de 06/11/2026 sobre o Estudo V), e o que Taylor escreve do "além da vida" fica registrado sem pergunta (4.10).

Quando um capítulo diz que Taylor não trata de algo, a afirmação vale só para os textos que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que o estudo conferiu, por contagem repetida sobre o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações Práticas e o Glossário.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. Taylor é exposto primeiro em sua melhor forma, tema a tema, na ordem do pensamento (capítulo 2), e o que a casa deixou dito com clareza — o católico que escreve, o Québec, as candidaturas pelo Novo Partido Democrático, a Comissão Bouchard-Taylor, os prêmios — é dito no mesmo capítulo, anotado e não julgado; a biografia não é doutrina (2.1, 2.11). Só depois se procura onde o cânon já anda ao lado dele (capítulo 3), e onde se separa (capítulo 4). O capítulo 4 numera as perguntas, de (dx) a (eg), e o capítulo 7 as reúne numa só lista com as herdadas (g), (j) e (k).

O capítulo 5 põe Taylor diante das casas da série: Hegel, de quem escreveu um livro; Platão, Aristóteles e Agostinho, que lê como etapas da interioridade; Ricoeur, que o leu, e que ele cita pouco; Arendt, Jaspers e o tempo-eixo, de que aceita o termo e não "necessariamente muito do que Jaspers associou a esse termo" (*Uma era secular*, n. 9, p. 792; ver 2.10) [V-en]; o budismo, a Stoa e o cristianismo; o Vedanta, o existencialismo e o taoísmo; e as portas, Kant, Pascal e Marx. Dele sai um padrão: Taylor chega às casas como historiador das fontes morais do Ocidente, quase não chega ao Oriente, e onde falta letra — Kierkegaard, Marcel, o Vedanta — o capítulo registra o silêncio e não preenche (5.10).

O capítulo 6 recolhe o que a série já disse de Taylor — as prévias dos Estudos VII a XIV, as decisões herdadas que tocam, o que o cânon não diz e o que diz em sentido restrito — e propõe ao fundador a primeira Ficha de Taylor, com seis toques e oito fronteiras, mais três linhas de registro (6.5). O capítulo 7 reúne a síntese, a fórmula, as questões abertas numa só lista, o que Taylor oferece à Bússola, às Águas Comuns, à Regra de Vida, à Vigília, à Independência confessional e à série, e a lamparina. Nas portas abertas, Taylor fecha uma lista e abre outra: a ordem seguinte, decidida pelo fundador em 20/11/2026, é Kierkegaard (XVI), Spinoza (XVII), Kant (XVIII) e Pascal (XIX). Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12), valem como palavra dele e não são reabertas.

Valem do mesmo modo as de 3 de novembro sobre o Estudo I (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo II (n.º 1 a 12), de 4 de novembro sobre o Estudo III (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo IV (n.º 1 a 12), de 6 de novembro sobre o Estudo V (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo VI (n.º 1 a 12), e de 12 de novembro sobre o Estudo XIV (n.º 1 a 12). As listas de dias com mais de um estudo vão sempre com o nome do estudo.

Nenhuma delas é sobre Taylor; várias o nomeiam ou o tocam de perto, e o capítulo 6 as recolhe (6.2). Quando o estudo relaciona a Taylor as decisões, pergunta se a leitura

vale, e marca. As relacionadas são estas: a luz “dada antes de qualquer relação” e a hipótese “Lux = dignidade” (n.º 3 de 17 de outubro sobre o Estudo VII, e n.º 11 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII, que a registrou como leitura); “a Lux é valor; a capacidade é poder”, dita de Ricoeur, e o “quem” que se faz na história que a Revisão do rio nomeia (n.º 2 e n.º 4 de 23 de outubro sobre o Estudo IX);

“a Lux admite graus de visão, nunca de valor” e “a fonte continua sem nome no cânon” (n.º 2 e n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X); o padrão das fronteiras (n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XI); o rio que “continua sem ser programa político” (n.º 9 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII); “a Lux é de alguém” (n.º 3 de 3 de novembro sobre o Estudo I); “exame, não consentimento” (n.º 1 de 3 de novembro sobre o Estudo II); o *ātman* e o Tao como estrutura, nunca nome da Luz (n.º 2 de 4 de novembro sobre o Estudo IV; n.º 4 de 6 de novembro sobre o Estudo VI);

o depois, de que o cânon não diz nada, “eterna” e “imortal” que não se dizem da Lux, e Moriá (n.º 6, n.º 9 e n.º 12 de 6 de novembro sobre o Estudo V); e, do Estudo XIV, a fórmula que não nomeia por contraste, os seis usos de “presença”, o cânon que não é teísta, ateu nem agnóstico, e “Próximo estudo: XV — Taylor” (n.º 1, n.º 3, n.º 9 e n.º 12 de 12 de novembro sobre o Estudo XIV).

1.2 O que a série já disse e o que fica para aqui

O que a série já disse de Taylor está no capítulo 6: o Estudo VII, 1.4, 3.1, 3.4 e 4.1, que leu “A política do reconhecimento” e deixou a hipótese; o IX, 5.6, que o nomeou ao lado de Ricoeur; o X, 1.11 e 6.5, o XI, 5 e 6.4, e o XII, 5.7, 5.9, 6.3 e 6.4, que o citaram sobre Platão, Aristóteles e Agostinho; o XIII, 5.8, 6.2 e 6.3, que escreveu “vida comum”; o XIV, 5.8 a 5.10 e 7.4, que o pôs na porta do tempo-eixo; e o V, 5.14 e 7.4, que datou *A ética da autenticidade* de 1991. Nada disso é Ficha: a Ficha proposta está em 6.5, como proposta, e a página antiga dos estudos não tem Ficha dos Estudos VIII a XIV [tese a confirmar].

1.3 Decisões do fundador (versão 1.1, 20 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão integral do Estudo XV — o primeiro sobre um autor vivo, Charles Taylor, que não tinha Ficha de outubro — e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das decisões de 17 de outubro (Estudo VII), de 19 de outubro (Estudo VIII), de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, de 3 de novembro sobre os Estudos I e II, de 4 de novembro sobre os Estudos III e IV, de 6 de novembro sobre os Estudos V e VI, e de 12 de novembro sobre o Estudo XIV. Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e dão a Taylor a sua primeira Ficha. No corpo, cada questão decidida leva a marca “[Decidida pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º N): …]”.

1. **A fórmula** está adotada (questão (dx)): o Lumen Fluens aceita de Taylor o horizonte e recusa o nome. O horizonte aceito é que o sentido não se escolhe a si mesmo — os horizontes de significado que a autenticidade não escolhe —, lido ao lado da Bússola e de “pessoal, nunca individual”, como leitura; a palavra “horizonte” não ocorre nos escritos, e os horizontes que Taylor nomeia por Deus não entram no cânon. O nome recusado não é o que cada um dá à sua luz (“seja qual for o nome que cada um lhe dê”), mas o que a filosofia daria por todos: a fonte moral articulada e nomeada que Taylor pede. A recusa é do nome, não da fonte, cuja origem o cânon deixa em aberto e não decide; a fórmula não define a Lux pelo que recusa, e a Lux continua sem nome. Caem “aceita o horizonte e recusa a fonte” (lê-se como negar que haja fonte e nomearia por contraste), “aceita a orientação e recusa a articulação”, “aceita a avaliação forte e recusa o hiperbem” e “aceita a vida ordinária e recusa a plenitude”, pelas razões de 3.13.
2. **A avaliação forte e o hiperbem** (questão (dy)): leem-se ao lado da Bússola e da Lux como valor, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o bem forte constitui o eu que o avalia × a Lux é anterior a qualquer avaliação e “admite graus de visão, nunca de valor”. O hiperbem não entra como nome da Lux nem como ranking de bens; “bem” segue sem ser nome da Luz (decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X).
3. **A articulação da fonte** (questão (dz)): o Examinar e a Revisão do rio são articulação da vida e leem-se ao lado da articulação de Taylor, como leitura, com a fronteira dita — articular a vida × articular e nomear a fonte moral; “a filosofia não decide isso por ninguém”. A fonte moral, o bem constitutivo e o hiperbem ficam como material, na voz de quem os diz, nunca como nome da Lux, como a série fez com o Bem de Platão, o *logos*, a mente luminosa, o *ātman* e o Tao. A linha da Ficha “A articulação da vida e a Revisão do rio” entra como leitura, sem a ressalva de espera.
4. **A dignidade, a identidade e o eu dialógico** (questão (ea)): a distinção de Taylor entre dignidade igual e identidade, e o eu dialógico, ficam como fronteira lida ao lado da hipótese do Estudo VII, que segue registrada como leitura (decisão n.º 11 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII) — o reconhecimento molda a identidade e é “necessidade humana vital” × a luz “dada antes de qualquer relação”, que não precisa de “reconhecimento externo”. O potencial e o reconhecimento não são nome nem condição da Lux. A decisão n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo IX (“a Lux é valor; a capacidade é poder”) foi dita de Ricoeur e não se estende a Taylor: a dignidade que Taylor recebe de Kant fica lida ao lado dela, como leitura.
5. **A autenticidade e os horizontes** (questão (eb)): os horizontes de significado, que a autenticidade não escolhe, leem-se ao lado de “Ninguém começa do zero”, de

"pessoal, nunca individual" e da Bússola que veta, como leitura, com a fronteira dita — a autenticidade que, ao articular o próprio modo de ser humano, também o define × a luz que "não se acende — ela se revela". "Autenticidade" não passa a letra do cânon, que diz Integridade e "sem me trair"; "horizonte" não é nome da Lux.

6. **A vida ordinária** (questão (ec)): a afirmação da vida ordinária de Taylor, com a origem protestante como material, lê-se ao lado de Acender, Portar, Examinar e do sabbath do fluxo, como leitura, com a fronteira dita — a vida ordinária afirmada como lugar de valor × a Regra de Vida que a ordena pela luz e a suspende no "não-ato". O cânon não afirma nem recusa o ordinário como bem. A correção ao Estudo XIII — a letra de Taylor é "vida ordinária", não "vida comum" — é de palavra e não reabre o XIII.
7. **A orientação e a busca** (questão (ed)): a orientação que constitui o eu em Taylor, e a vida entendida como busca, leem-se ao lado do Flumen e da Revisão do rio, como leitura, com a fronteira dita — a orientação faz o eu × a Lux o precede, e o "quem" se faz na história que a Revisão do rio nomeia (decisão n.º 4 de 23 de outubro sobre o Estudo IX). Nem a orientação nem a busca são nome da Lux.
8. **A plenitude, a moldura imanente, o eu poroso, o palpite teísta e a transcendência** (questão (ee)): ficam como leitura, com a fronteira dita — a plenitude como direção e o palpite teísta declarado × "presença, não vitória" e a Independência confessional. A transcendência de Taylor, "além do florescimento humano", é um quinto uso, que o Pilar IV não responde; nenhuma dessas palavras é nome da Lux. O texto da Independência confessional vale para quem crê, seja quem for; o estudo não o aplica à fé de Taylor. O cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12 de novembro sobre o Estudo XIV).
9. **A Ficha está aprovada** (questão (ef)): como proposta em 6.5 — seis toques, oito fronteiras e três linhas de registro —; é a primeira Ficha de Taylor e entra na página dos estudos do site nas três línguas. Os silêncios de Taylor (Kierkegaard, Marcel, o Vedanta) ficam registrados no estudo, não na Ficha.
10. **O padrão das fronteiras estende-se a Taylor, autor vivo** (questão (eg)): a obra lida, a biografia anotada (decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XI; n.º 11 de 3 de novembro sobre o Estudo II; n.º 11 de 4 de novembro sobre os Estudos III e IV; n.º 11 de 6 de novembro sobre os Estudos V e VI; n.º 11 de 12 de novembro sobre o Estudo XIV), nenhuma resposta posta na boca de Taylor — o Québec, as candidaturas, a Comissão Bouchard-Taylor, o comunitarismo e o catolicismo declarado ficam como biografia, não como fronteira, com as lacunas marcadas.
11. **Correções aos estudos anteriores, ditas sem reabrir**: o Estudo XIII escreveu "vida comum" onde Taylor escreve "vida ordinária"; o Estudo V datou *A ética da*

autenticidade de 1991, e a edição de Harvard é de 1992; o Estudo IX não tinha a letra de Ricoeur sobre Taylor, que existe em “Conscience and the Law”; o Estudo XII glosou a reflexividade radical de Agostinho “como história”, e nos trechos conferidos o argumento de Taylor não aparece como história; o Estudo XIV pôs Taylor na porta do tempo-eixo, e Taylor aceita o termo sem “necessariamente muito do que Jaspers associou a esse termo”. Nenhum dos cinco se republica por isso; as correções vivem neste estudo.

12. **Registros adotados**: a política do reconhecimento de Taylor é registro, não fronteira nem toque — matéria do tratado da justiça, e (g) segue aberta até o tratado; Moriá não tem letra em Taylor, e (j) segue como está, com a leitura recebida na decisão n.º 9 de 6 de novembro sobre o Estudo V; a porta para Marx recebe o que Taylor cita de Marx e a fragmentação, e (k) segue aberta até o estudo de Marx. **Publicação** como o Estudo XIV: integral, página própria com resumo trilíngue e nota de decisões, e a Ficha na página dos estudos nas três línguas. Ordem seguinte, decidida em 20 de novembro: XVI — Kierkegaard; XVII — Spinoza; XVIII — Kant; XIX — Pascal.

2 TAYLOR EM SUA MELHOR FORMA

Taylor vem aqui por si, na letra dele e na ordem dos seus livros. A aproximação com o cânon começa no capítulo 3.

2.1 O percurso em vinte linhas

O percurso cabe em marcos de datas, e as datas que divergem vêm ditas.

Charles Taylor nasceu em Montreal, em 1931, e está vivo na data deste estudo (novembro de 2026): é o primeiro autor vivo que a série visita. Formou-se em história na McGill em 1952; foi bolsista Rhodes no Balliol, em Oxford, e fez o doutorado no All Souls, de 1955 a 1961, sob Isaiah Berlin e Elizabeth Anscombe [V via secundária: Wallace]. A tese, uma crítica do behaviorismo psicológico, saiu depois como *The Explanation of Behaviour* (Prêmio Kyoto, 2008, p. 181) [V-en]; Wallace lhe dá o título "The Explanation of Behaviour in Social Science" [tese a confirmar]. Foi o primeiro presidente da seção de Oxford da Campanha pelo Desarmamento Nuclear [V via secundária: Wallace]. Segundo Nathan Wallace, cofundou em 1957 a *Universities and Left Review*, em 1960 a *New Left Review* e em 1961 o Novo Partido Democrático (Wallace, 2023, p. 16) [V via secundária: Wallace].

Pelo Novo Partido Democrático candidatou-se em 1962 (terceiro), 1963 (segundo), 1965 (terceiro, no quadro de Wallace) e 1968 (segundo), nos distritos de Mount Royal e de Dollard [tese a confirmar]. Ensinou na McGill, em Oxford (cátedra Chichele, 1976–1981) e de novo na McGill (1981–1998) (Wallace, p. 16); Northwestern também consta [tese a confirmar].

Os livros vêm nesta ordem. *Hegel* (1975), que foi o Estudo VII, e *Hegel e a sociedade moderna* (*Hegel and Modern Society*, 1979). O ensaio "O que é a agência humana?" ("What is human agency?", 1977), reunido em 1985 no primeiro volume dos *Philosophical Papers*. *As fontes do self* (*Sources of the Self*, 1989). A Conferência Massey de 1991, publicada como *The Malaise of Modernity* (Anansi) e, em 1992, como *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*, Harvard University Press), que traz o mesmo texto. "A política do reconhecimento" ("The Politics of Recognition", 1992; ampliado em 1994). *Argumentos filosóficos* (*Philosophical Arguments*, 1995). A conferência *Uma modernidade católica?* (*A Catholic Modernity?*, 1996; publicada em 1999). *Uma era secular* (*A Secular Age*, 2007). *O animal linguístico* (*The Language Animal*, 2016) e, em 2024, *Cosmic Connections: Poetry in the Age of Disenchantment*.

Recebeu o Prêmio Templeton em 2007, o Kyoto em 2008, o Kluge em 2015, dividido com Jürgen Habermas, e o Berggruen em 2016, o primeiro da série; Wallace acrescenta o Ratzinger, de 2019 (p. 16). A Comissão Bouchard-Taylor, de 2007–2008, vem em 1.11.

Das datas passa-se à exposição, que começa pela avaliação forte (2.2).

2.2 A avaliação forte

A avaliação forte é a primeira ideia de Taylor, e as outras partem dela.

Em “O que é a agência humana?” (1977), reunido em 1985 no primeiro volume dos *Philosophical Papers* (*Human Agency and Language*), Taylor parte do poder de avaliar os próprios desejos: “o que é distintivamente humano é o poder de avaliar nossos desejos” (*Philosophical Papers*, vol. 1, 1985, pp. 3 e 15–16) [V-en]. A raiz está em Harry Frankfurt (1971), diz Matthijs Meijer, com a diferença de que Taylor fala do mérito dos desejos, e não de sua desejabilidade (2018, p. 5) [V via secundária: Meijer].

Há duas espécies. Na avaliação fraca (*weak evaluation*), pesa-se o que é mais conveniente, e o critério é o resultado [paráfrase]. Na avaliação forte (*strong evaluation*), o desejo é julgado por contrastes de qualidade, e a definição vem da introdução do volume: o “pano de fundo de distinções entre coisas reconhecidas como de importância ou valor categórico, incondicionado ou mais alto, e coisas que carecem disso ou são de valor menor” (p. 3) [V-en]. O vocabulário é o do “superior e inferior, nobre e vil, corajoso e covarde, integrado e fragmentado” (p. 24) [V-en].

A avaliação forte toca a identidade: “nossa identidade é definida por nossas avaliações fundamentais” (p. 34) [V-en]. Quando a reflexão vai ao fundo, “certamente não há metalinguagem disponível em que eu possa avaliar autointerpretações rivais” (p. 40) [V-en], e o que então se faz é uma reflexão “que engaja o si mais plena e profundamente” (p. 42) [V-en]; o intérprete Nigel Desouza dá a essa reflexão o nome de reavaliação radical (*radical re-evaluation*) [localização a confirmar]. Quando não há razões a que apelar, Taylor expõe a posição de que os valores nascem de “uma escolha que não se funda em razão alguma”, a “escolha radical”, e a expõe para recusá-la (pp. 28–29) [V-en]. A relação dessa posição com Sartre é matéria do Estudo V e do capítulo 5.

A tradição discute o alcance do conceito. Owen Flanagan escreve que “não há tal coisa como um avaliador forte puro” (*Self Expressions*, 1996, p. 146) [V via secundária: Meijer]; Ruth Abbey responde que Taylor “não está sugerindo que cada escolha que um indivíduo faz seja objeto de avaliação forte” (*Charles Taylor*, 2000, p. 18) [V via secundária: Meijer].

Das avaliações passa-se às molduras, o fundo em que elas se fazem (2.3).

2.3 As molduras inescapáveis e a orientação no espaço moral

A avaliação forte supõe um fundo, e Taylor o chama de moldura.

No primeiro capítulo de *As fontes do self* (*Sources of the Self*, 1989), Taylor define as molduras inescapáveis (*inescapable frameworks*): “Molduras fornecem o pano de fundo, explícito ou implícito, para nossos juízos, intuições ou reações morais”, e “articular uma

moldura é explicitar o que dá sentido às nossas respostas morais” (cap. 1, p. 26) [V-en]. A tese é dita sem rodeio: “passar sem molduras é-nos inteiramente impossível” (p. 27) [V-en]; viver dentro de horizontes tão fortemente qualificados “é constitutivo da agência humana”, e sair deles “equivaleria a sair do que reconheceríamos como a personalidade humana íntegra, isto é, não danificada” (p. 27) [V-en].

A identidade fica presa a esse fundo: “saber quem sou é uma espécie de saber onde me situo” (cap. 1, p. 27) [V-en], e ela se define pelos “compromissos e identificações” que fornecem a moldura ou o horizonte (pp. 26–27) [V-en]. A frase que corre vem logo depois: “Saber quem se é é estar orientado no espaço moral, um espaço em que se põem perguntas sobre o que é bom ou mau, o que vale a pena fazer e o que não, o que tem sentido e importância para você e o que é trivial e secundário” (cap. 2, p. 28) [V-en]. A pergunta pela pessoa vira pergunta pelo que importa: “Somos eus só na medida em que certas questões importam para nós” (p. 34) [V-en].

Craig Calhoun lê o livro como “talvez o melhor ponto de partida para recuperar uma compreensão forte e decisiva do eu como sujeito moral” (1991, p. 232) [V-en]. O método tem nome em Taylor, o princípio “BA” (cap. 3, p. 58) [V-en], que o estudo lê como princípio do melhor relato (*best account*) [leitura do estudo]; e a frase que o acompanha diz o que o relato precisa explicar: “o que precisamos explicar é pessoas vivendo suas vidas” (p. 58) [V-en].

Da moldura passa-se às teias de interlocução (2.4).

2.4 As teias de interlocução e a vida como busca

Taylor põe a orientação entre outros e dentro de uma vida inteira.

“Um eu só existe entre outros eus. Um eu nunca pode ser descrito sem referência aos que o cercam” (cap. 2, p. 35) [V-en]. Taylor dá a isso um nome: “Um eu existe só dentro do que chamo ‘teias de interlocução’” (cap. 2, p. 36) [V-en], as *webs of interlocution*, que o estudo traduz por “teias”. A definição distingue os interlocutores que foram essenciais à autodefinição daqueles que hoje são cruciais para que se continue na posse das linguagens de autocompreensão (p. 36) [paráfrase]. *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*) diz o mesmo de outro modo: “Definimos [a identidade] sempre em diálogo com, às vezes em luta contra, as identidades que nossos outros significativos querem reconhecer em nós” (p. 33) [V-en], e “Descobrir minha identidade não significa que a elabore em isolamento, mas que a negocio por diálogo” (pp. 47–48) [V-en]. O reconhecimento, que 2.9 mede, já está nesse diálogo [leitura do estudo].

A vida inteira entra como busca (*quest*). Taylor escreve que “temos inescapavelmente de entender nossas vidas em forma narrativa, como uma ‘busca’” (cap. 2, pp. 51–52) [V-en; V-es: Lizón, p. 68], e que é “uma condição básica de fazermos sentido de nós mesmos, que apreendamos nossas vidas numa narrativa” (p. 47) [V-en]. Ruth Abbey lê

as autointerpretações como estruturadas num plano “vertical”, pela avaliação forte, e num “horizontal”, pela narrativa (2004, p. 5) [V via secundária: Abbey]. Alasdair MacIntyre sustenta, em *Depois da virtude* (*After Virtue*), a unidade narrativa de uma vida como busca (3.ª ed., 2007, pp. 218–219) [paráfrase; localização a confirmar].

Da orientação passa-se aos bens que a orientam (2.5).

2.5 Os hiperbens, os bens constitutivos, as fontes morais e a articulação

Aqui está a ideia de Taylor que mais pesa neste estudo: um bem se vive melhor quando se articula.

Taylor observa que quase todos vivemos com muitos bens e achamos que temos de ordená-los, e chama de hiperbens (*hypergoods*) os “bens que não só são incomparavelmente mais importantes que os outros, mas fornecem o ponto de vista a partir do qual estes devem ser pesados, julgados, decididos” (cap. 3, pp. 62–63) [V-en]. O bem constitutivo (*constitutive good*) é, no vocabulário do livro, uma “fonte moral” (*moral source*), “algo cujo amor nos capacita a fazer e a ser o bem” (cap. 4, p. 93) [V-en]. O sujeito do verbo é o amor ao bem, e não a articulação; e “fonte”, aqui, é palavra de Taylor, que o estudo só usa com o adjetivo. A articulação vem junto: “A articulação pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” (cap. 4, p. 92) [V-en].

A palavra vem de antes. No ensaio de 1977, “o avaliador forte tem articulação e profundidade que o ponderador simples não tem” (*Philosophical Papers*, vol. 1, p. 26) [V-en]; em *As fontes do self*, “a articulação é uma condição crucial da reconciliação” (p. 107) [V-en; localização a confirmar]. O título do capítulo 4, “A ética da inarticulação” (*ethics of inarticulacy*), nomeia a posição que Taylor critica [paráfrase; localização a confirmar].

Em *A ética da autenticidade*, o problema aparece como “uma extraordinária inarticulação a respeito de um dos ideais constitutivos da cultura moderna” (p. 18) [V-en], e a resposta como tarefa: “A articulação tem aqui um sentido moral” (p. 22) [V-en], pois torna mais vívida a força de um ideal pelo qual as pessoas já vivem e as empodera a vivê-lo “de modo mais pleno e íntegro”. O método é “um trabalho de resgate”: “identificar e articular o ideal mais alto por trás das práticas mais ou menos degradadas” (pp. 23, 71–73) [V-en]. Em *Uma era secular* (*A Secular Age*), a experiência é a mesma: “Lutamos para articular o que vivemos. Se conseguimos formulá-lo […] sentimos um alívio, como se o poder da experiência tivesse sido aumentado” (p. 6) [V-en].

Richard Rorty discorda do que Taylor faz com os hiperbens: a divergência, escreve, é entre “encorajar uma tendência a conceber hiperbens” e “simplesmente arranjar e equilibrar bens ordinários” (“Taylor on Truth”, em Tully, org., 1994) [V-en; página a confirmar]. Arto Laitinen intitulou um livro *Strong Evaluation without Moral Sources* (2008) [tese a confirmar]. O capítulo só expõe; o 3 mede. O estudo pergunta ao fundador

(ver 7.3, questão (dz)) como se mede a articulação das fontes morais, em Taylor, diante da Lux sem nome e da Independência confessional; é a fronteira central do estudo.

Da articulação passa-se à vida ordinária (2.6).

2.6 A afirmação da vida ordinária

Taylor acha um bem na vida de todos os dias e o acha contra a ordem que punha o melhor fora dela.

Na terceira parte de *As fontes do self*, Taylor chama de vida ordinária (*ordinary life*) "aqueles aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução, isto é, o trabalho, a feitura das coisas necessárias à vida, e nossa vida como seres sexuais, incluindo o casamento e a família" (p. 211) [V-en]. A tese do livro é que a época moderna passou a dar valor alto a essa vida, que antes ficava abaixo das atividades tidas por superiores [paráfrase; localização a confirmar].

Duas anotações de vocabulário. Taylor escreve "vida ordinária", e o estudo passa a dizer "a afirmação da vida ordinária"; o Estudo XIII, 6.2, escreveu "vida comum", na fórmula "lê a interioridade como história e a vida comum como bem" [tese a confirmar]. O Estudo XII, 6.3, dissera só que Taylor lê a interioridade de Agostinho como história. "Como história" é glosa dos estudos: nos trechos conferidos, o argumento de Taylor não aparece como história. Em "A política do reconhecimento", Agostinho é aquele "que viu o caminho para Deus passando pela nossa própria autoconsciência" (p. 29) [V-en], e *As fontes do self* o trata pela reflexividade (pp. 130–131) [leitura do estudo]. Craig Calhoun nota, por sua vez, que os relatos pré-modernos de Taylor são esguios (1991, n. 16, p. 244) [paráfrase].

Da vida ordinária passa-se à expressão, onde Taylor põe a revelação (2.7).

2.7 O expressivismo e a epifania

Taylor chama de expressivismo (*expressivism*) a ideia de que o mais próprio de alguém se revela ao exprimir-se, e este estudo o segue só pela poesia e pela pintura.

Em *A ética da autenticidade*: "A noção de que a revelação vem pela expressão é o que quero captar ao falar de 'expressivismo'" (p. 61) [V-en]. Em *As fontes do self*, o capítulo 21 mostra o caminho: cada um de nós tem "um caminho original que devemos trilhar", e as vozes de que o capítulo trata põem em cada um "a obrigação de estar à altura da nossa originalidade" (pp. 374–376; bloco longo na p. 375) [V-en]. A fórmula que costuma acompanhar essas páginas, "cada um de nós tem um modo original de ser humano", não está ali: é de *A ética da autenticidade*, p. 28, e fica para 1.8.

A epifania (*epiphany*) entra no capítulo 23: Taylor a define como "uma manifestação que, além disso, também define ou completa algo, mesmo ao revelar" (p. 419) [V-en]. Os exemplos vêm de quem resume o capítulo: Lizón põe Wordsworth na poesia e

Constable e Friedrich na pintura entre as epifanias do ser (p. 441) [V-es: Lizón]. O estudo segue a epifania só pela poesia e pela pintura.

O vocábulo “revelação” é homônimo do que a casa diz da Lux; fica anotado em 2.12 e não se equipara [leitura do estudo].

Da expressão passa-se à autenticidade e aos horizontes (2.8).

2.8 A autenticidade e os horizontes de significado

Autenticidade é o nome do ideal moderno que Taylor quer salvar, e o horizonte é o que o impede de esvaziar-se.

Uma correção de edição, dita aqui uma vez. *A ética da autenticidade* tem duas edições do mesmo texto: *The Malaise of Modernity*, publicado por Anansi em 1991 a partir da Conferência Massey, e *The Ethics of Authenticity*, publicado pela Harvard University Press em 1992. O Estudo V, 5.14, deu “Harvard 1991, p. 15”; o ano é 1992, e o V não se reabre. As páginas deste capítulo são as da edição de Harvard.

O diagnóstico está nas primeiras páginas: o individualismo é “a mais fina conquista da civilização moderna” (p. 2), e “centrar-se no eu […] achata e estreita nossas vidas” (p. 4) [V-en]. O ideal é “ser verdadeiro consigo mesmo” (p. 15) [V-en], e o que o corrompe é o “relativismo brando” (*soft relativism*), que “se autodestrói” (pp. 17 e 37) [V-en]. A origem do ideal está em Herder: “Cada um de nós tem um modo original de ser humano. Cada pessoa tem sua própria ‘medida’” (p. 28; nota 22, p. 127) [V-en]. E a consequência: “Ser fiel a mim significa ser fiel à minha própria originalidade, e isso é algo que só eu posso articular e descobrir. Ao articulá-la, também me defino” (p. 29) [V-en].

O freio vem do horizonte (*horizon*): “As coisas assumem importância contra um fundo de inteligibilidade. Chamemos isto de horizonte” (p. 37), e “os horizontes são dados” (p. 39) [V-en]. A passagem central: “a autenticidade não é inimiga das exigências que emanam de além do eu; ela as supõe” (pp. 40–41) [V-en]; e a diferença só se reconhece dentro de um horizonte “neste caso partilhado” (pp. 51–52) [V-en]. A autorreferência é do ideal, não do conteúdo: “A autenticidade é claramente autorreferencial: esta tem de ser a minha orientação. Mas isso não significa que, em outro nível, o conteúdo tenha de ser autorreferencial” (p. 82) [V-en]. Ali o livro diz também que “posso encontrar cumprimento em Deus, ou numa causa política, ou cuidando da terra” (p. 82) [V-en]; esse cumprimento (*fulfilment*) não é a plenitude (*fullness*) de 2007 [leitura do estudo]. O antropocentrismo, ao abolir os horizontes, “nos ameaça com perda de sentido” (p. 68) [V-en].

A tradição acompanha. Anthony Appiah discute o roteiro que a identidade coletiva põe diante de cada pessoa (“Identity, Authenticity, Survival”, em Gutmann, org., 1994, pp. 149–163, p. 162) [paráfrase]. A crítica do atomismo e o humanismo cívico “de Humboldt a Arendt” aparecem em *Argumentos filosóficos* (*Philosophical Arguments*), cap. 1 [V-en; página a confirmar]. “Autenticidade” não é palavra do cânon [leitura do estudo].

Da autenticidade passa-se ao reconhecimento, que o Estudo VII já abriu (2.9).

2.9 O reconhecimento

O reconhecimento é o tema de Taylor que o Estudo VII tratou; aqui entra o que o VII fixou e o que ficou por dizer.

O VII fixou três passagens de "A política do reconhecimento" ("The Politics of Recognition") (Estudo VII, 2.4 e 4.1). "Nossa identidade é em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta, muitas vezes pelo reconhecimento errôneo (*misrecognition*) por parte dos outros" (p. 25) [V-en]; "esse potencial, e não o que a pessoa fez dele, é o que garante que cada pessoa mereça respeito" (p. 41) [V-en]; e, em Hegel, ele toma por fundamental "que só podemos florescer na medida em que somos reconhecidos" (p. 50) [V-en]. Hegel fica com o VII.

O que o VII não tomou também é letra: "O devido reconhecimento não é apenas uma cortesia que devemos às pessoas. É uma necessidade humana vital" (p. 26) [V-en]. Duas políticas se opõem: a em que "o que se estabelece deve ser universalmente o mesmo", da dignidade igual, e a da "identidade única deste indivíduo ou grupo, sua distinção em relação a todos os demais" (p. 38) [V-en]. "Dignidade" vem de Kant: o que impunha respeito em nós era o "estatuto de agentes racionais" (p. 41) [V-en]. Taylor não esconde que a presunção de igual valor das culturas "envolve algo como um ato de fé" (p. 66), que ela traz uma "fusão de horizontes" (*fusion of horizons*) (p. 67) e que "eles sabem que querem respeito, não condescendência" (p. 70) [V-en].

A tradição lê assim. Habermas diz que Taylor "continua ambíguo no ponto decisivo" ("Struggles for Recognition in the Democratic Constitutional State", p. 109) [V-en]; Michael Walzer comenta na p. 99. Honneth, Fraser, Skinner e a réplica de James Tully não foram lidos [atribuição a confirmar].

O que falta fica dito sem acusar. As três palavras do VII para o que cada pessoa é antes de ser reconhecida são "valor", "dignidade" e "potencial". A hipótese do VII, "Lux = dignidade; reconhecimento = identidade e visibilidade", está registrada como leitura (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII); não é adotada nem recusada como doutrina. Nos escritos, "reconhecimento" aparece uma vez, no Tratado da Luz Interior, e em sentido negativo (ver 2.12). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ea)) se a distinção dignidade × identidade fica como fronteira lida ao lado da hipótese do VII.

Do reconhecimento passa-se à era secular (2.10).

2.10 A era secular

Em *Uma era secular* (*A Secular Age*, 2007), Taylor descreve como se passou de um mundo em que crer era a regra para um em que crer é uma opção.

A secularidade, no terceiro sentido, é a passagem da crença sem problema para "uma opção entre outras" (pp. 2–3) [V-en]. O fundo disso é a plenitude (*fullness*): "Em algum lugar, em alguma atividade ou condição, reside uma plenitude, uma riqueza; isto é, naquele lugar (atividade ou condição) a vida é mais plena, mais rica, mais profunda, mais digna, mais admirável, mais como deveria ser" (p. 5) [V-en]. "Plenitude" é o seu "termo abreviado", e ele diz estar "agudamente consciente de quão inadequadas são todas as palavras aqui" (p. 6 e p. 780, n. 8) [V-en]. A pergunta de fundo: "A vida mais alta, a melhor, envolve buscar, ou reconhecer, ou servir a um bem que está além, no sentido de independente do florescimento humano?", e "uma palavra como 'transcendente' é muito escorregadia" (p. 16) [V-en].

O eu blindado (*buffered self*) "pode se ver como invulnerável, como senhor dos sentidos das coisas para ele" (p. 38) [V-en]; o eu poroso (*porous self*) é o seu contrário [paráfrase]. A tradução brasileira, da Unisinos, diz "protegido" e "estrutura imanente"; o estudo diz "blindado" e "moldura" [V via secundária: Kotz, 2018; tradução da Unisinos não aberta]. A moldura imanente (*immanent frame*) é o nome do conjunto que o capítulo descreve: "Tudo isto compõe o que quero chamar de 'a moldura imanente'" (p. 542) [V-en]; "bem entendida, ela admite as duas leituras, sem nos compelir a nenhuma" (p. 550) [V-en], e a cultura inteira vive "pressões cruzadas" (*cross-pressures*) (pp. 594–595) [V-en].

O humanismo exclusivo (*exclusive humanism*) é o "puramente autossuficiente" (p. 18), e "uma era secular é aquela em que o eclipse de todos os fins além do florescimento humano se torna concebível" (pp. 19–20) [V-en]. Taylor lembra que há modos de ser levado "além do florescimento humano ordinário", o budismo entre eles (p. 17), e que no cristianismo "o florescimento é bom, mas procurá-lo não é o nosso fim último" (p. 18) [V-en].

Em *Uma modernidade católica?* (*A Catholic Modernity?*) o humanismo exclusivo é o que se baseia "exclusivamente numa noção de florescimento humano" (p. 19) [V via secundária: Schoenberg, 2016; página a confirmar]. A expressão "além dos nossos meios morais" (*beyond our moral means*) vem de *As fontes do self*, pp. 516–517 [V via secundária: Colorado, 2009, n. 13]. O livro tem silêncios, que o estudo mede adiante (ver 5.5, 5.6 e 5.9). Sobre Karl Jaspers, Taylor diz não aceitar necessariamente muito do que ele associou ao termo tempo-eixo (*Axial Age*) (p. 151 e n. 9, p. 792) [V-en]; o Estudo XIV, 5.9, anotava isso como "tese a confirmar", e a letra o confirma quanto a Jaspers e a esse termo.

O estudo não decide entre o teísmo de Taylor e o humanismo exclusivo que ele descreve; descreve os dois como ele os descreve.

Da era secular passa-se ao autor que a escreve (2.11).

2.11 O católico que escreve e o que a casa deixa dito

O autor é um católico que o diz, e a casa registra o que ele disse e o que se disse dele, sem acusar e sem desculpar.

Taylor declara a fé onde fala dos obstáculos à crença: “Concentrei-me sobretudo nos obstáculos, porque, como pessoa de fé, acho esses mais difíceis de entender; e o respeito aqui acompanha a compreensão” (Prêmio Kyoto, 2008, p. 197) [V-en]. Declara também o perigo: “nosso alcançar o religioso ou o espiritual pode ser abusado, e voltado para ódio e destruição terríveis” (p. 197) [V-en]. No fim de *As fontes do self*, diz: “Não sou obviamente neutro ao propor essas questões. […] o leitor suspeita de que meu palpite se inclina para o afirmativo […] por maior que seja o poder das fontes naturalistas, o potencial de certa perspectiva teísta é incomparavelmente maior” (cap. 25, pp. 517–518) [V-en]; e, na página seguinte, que “os mais altos ideais e aspirações espirituais também ameaçam impor os fardos mais esmagadores à humanidade” (p. 519) [V-en]. O estudo cita a letra sem abrandá-la e não faz dela argumento nem desculpa.

Quem o lê de fora já notou isso: a leitura de Bernard Williams e a de Craig Calhoun, sobre o catolicismo do livro, estão em 4.7.

O Québec entra pela vida pública. Taylor disse de Pierre Trudeau, em entrevista de 2008: “Trudeau tinha um problema real. Era um grande intelectual. Eu adorava o sujeito. Era um grande amigo meu. Mas era totalmente cego, tinha tanta animosidade contra os nacionalistas do Québec que não conseguia ver que um tipo de nacionalismo moderado era possível” (Wallace, 2023, p. 97, n. 283) [V via secundária: Wallace, 2023, p. 97, n. 283]. A Comissão Bouchard-Taylor foi criada pelo primeiro-ministro Jean Charest e copresidida por Gérard Bouchard e por Taylor; o relatório saiu em 22 de maio de 2008. Recomendava que juízes, promotores, guardas prisionais e policiais evitassem símbolos religiosos, e que professores e outros pudessem usá-los [V via secundária: CBC]. Em 2017, Taylor teria dito não apoiar mais essa recomendação [tese a confirmar].

O rótulo de comunitarista vem de fora: a citação do Prêmio Kyoto fala em “individualismo holístico”, frase da Fundação Inamori, e não de Taylor. As citações das fundações Inamori, Berggruen e Templeton são falas das entidades, e não letra de Taylor sobre a Lux. Se Taylor aceita ou recusa o rótulo [tese a confirmar]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (eg)) se o padrão das fronteiras (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI) se estende a um autor vivo, de fé declarada e de política no Québec.

Do autor passa-se aos homônimos que a leitura reúne (2.12).

2.12 Os homônimos reunidos

Os vocábulos de Taylor que a casa também tem, ou parece ter, ficam juntos aqui, cada um com a contagem nos escritos e sem equivalência.

- *Moldura, horizonte e plenitude.* Em Taylor, o fundo de que as avaliações dependem (2.3 e 2.8) e o termo abreviado da era secular (2.10). Nos escritos, nem “moldura”, nem “horizonte”, nem “plenitude” ocorrem; “celebração física plena”, do Pilar IV, é adjetivo e não se aproxima dela.
- *Fonte.* “Fonte moral” é de Taylor (2.5). Nos escritos, “fonte” ocorre nove vezes, nenhuma como palavra de doutrina fora do trecho que este estudo não trata; “a fonte continua sem nome no cânon” é decisão (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), não letra do cânon.
- *Articulação.* Em Taylor, dar palavra ao que se vive (2.5). Nos escritos, “articular” e “inarticulação” não ocorrem.
- *Reconhecimento.* Em Taylor, necessidade humana vital (2.9). Nos escritos, “reconhecimento” ocorre uma vez, em sentido negativo: “Acender supõe ausência prévia, um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo” (Tratado da Luz Interior, Definição) [escrito do cânon].
- *Dignidade e valor.* Taylor segue o termo kantiano (2.9). Nos escritos, “dignidade” ocorre sete vezes e “dignitas” uma, no Tratado da Luz Interior e na Disputatio; “valor”, sete (ver 3.9). A decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, dita a propósito de Ricoeur, diz: “a Lux é valor; a capacidade é poder”.
- *Revelação.* Em Taylor, a revelação vem pela expressão (2.7). Nos escritos, “revel-” ocorre doze vezes: “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, Pilar I) [letra do cânon].
- *Luz interior.* Agostinho, em Taylor, fala da luz de Deus que é também “interior” (*As fontes do self*, pp. 129–130) [V-en]. A “luz interior” do cânon é outra, e a nota sobre o nome, no Tratado da Luz Interior, é o modelo do cuidado.
- *Interioridade.* Em Taylor, “a interioridade da reflexividade radical” (pp. 130–131) [V-en]. Nos escritos, “interioridade” ocorre três vezes; a presença de si que Taylor também diz (p. 133) [V-en] não equivale à “presença” do cânon, que ocorre vinte e duas vezes, em seis sentidos (Estudo XIV).
- *Busca.* Em Taylor, a vida como busca (2.4). Nos escritos, “busca” ocorre cinco vezes.
- *Transcendência.* Em Taylor, o bem “além do florescimento” (2.10). Nos escritos, “transcendência” ocorre cinco vezes, quatro fora do trecho que este estudo não trata: “A transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, Pilar IV) [letra do cânon]. Deus e a transcendência só entram aqui na voz da casa, como matéria.
- *Vida ordinária e cotidiano.* Em Taylor, produção, reprodução, família (2.6). Nos escritos, “vida ordinária” e “vida comum” não ocorrem; “cotidiano”, quatro vezes;

"comum", quinze, e "comuns", vinte e duas, das quais vinte e uma em "Águas Comuns".

- *Palavras sem ocorrência.* Hiperbem, epifania, expressivismo, secular, imanente, humanismo, florescimento, blindado, poroso, interlocução, espaço moral, melhor relato e "self" não ocorrem nos escritos.

Nenhum desses vocábulos é nome da Lux, e o estudo não lê o cânon como tendo tomado nenhum deles no sentido de Taylor [leitura do estudo]. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Dos homônimos passa-se ao que o leitor leva daqui (2.13).

2.13 O que um leitor do Lumen Fluens deve levar daqui

Cinco pontos bastam para quem segue ao capítulo 3.

1. Para Taylor, ninguém se orienta sem molduras: a pessoa avalia o que é mais alto e mais baixo contra um fundo que não escolheu e que a faz quem é (2.2 e 2.3).
2. O eu vive nas teias de interlocução e numa vida que se entende como busca; a identidade se negocia por diálogo (2.4 e 2.9).
3. Articular os bens é, em Taylor, um trabalho moral: dá poder ao bem que já se vive, e a falta de articulação é o que ele chama de inarticulação (2.5).
4. A afirmação da vida ordinária, a autenticidade com horizontes e o reconhecimento como necessidade vital são três ideias que, para ele, a modernidade tem de melhor (2.6 a 2.9).
5. Taylor é católico e o diz, e escreve de uma era secular que descreve em duas leituras (2.10 e 2.11).

Do capítulo 2 passa-se ao capítulo 3, que lê Taylor com a tradição.

3 ONDE NOS TOCAMOS

Taylor e o cânon se aproximam aqui em quinze pontos, e o capítulo 4 mede onde se separam. A letra de Taylor vem em fragmentos, que o capítulo 2 traz inteiros; cada aproximação é do estudo, e nenhuma é glossário [leitura do estudo].

3.1 A avaliação forte e a Bússola que veta

Taylor começa pela capacidade de avaliar desejos, e o cânon pela pergunta que decide um caminho; as duas põem a qualidade antes da força.

Taylor define a avaliação forte (*strong evaluation*) pelo "pano de fundo de distinções entre coisas reconhecidas como de importância ou valor categórico, incondicionado ou mais alto" (ver 2.2).

A Bússola pergunta: "a pergunta decisiva é uma só: a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?" (Cânon v1.2, "A Bússola"). O desejo julgado por qualidade e o caminho julgado pela luz coincidem em não medir o querer pela força de querer [leitura do estudo]. O contraste de Taylor ordena em "superior e inferior, nobre e vil" (ver 2.2); a Bússola "apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los" (Cânon v1.2, "A Bússola") e não ordena ninguém, e o veto, lê-se em 3.8, é a própria Lux na pessoa. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (dy)) se a avaliação forte se lê ao lado da Bússola, como leitura, com a fronteira dita: o bem forte constitui o eu, e a Lux é antes da avaliação.

Da avaliação passa-se às molduras.

3.2 As molduras inescapáveis e "pessoal, nunca individual"

As duas letras recusam o eu sem laços e diferem no que constitui a pessoa.

Taylor chama de molduras inescapáveis (*inescapable frameworks*) o que dá sentido aos juízos morais: "Molduras fornecem o pano de fundo" (ver 2.3), e viver dentro delas é "constitutivo da agência humana" (ver 2.3). A identidade fica presa a esse fundo: saber quem sou é "uma espécie de saber onde me situo" (ver 2.3).

Do lado do cânon, a luz "é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). O eu não é um ponto sem pano de fundo [leitura do estudo]; mas a moldura constitui a agência, e a Lux é "anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I): o rio não a constitui (ver 4.1). Não é a mesma palavra: "moldura" não ocorre nos escritos, e o rio não é a moldura de Taylor; é aquilo que se deve ("devo ao rio o próprio fluxo", Cânon v1.2, "As Águas Comuns").

Das molduras passa-se à orientação.

3.3 A orientação no espaço moral e a Revisão do rio

Taylor põe a identidade na orientação, e o cânon pede, a cada estação, que a pessoa nomeie o que mudou; o toque é o gesto de nomear.

Para Taylor, saber quem se é é estar “orientado no espaço moral” (ver 2.3), num espaço em que se pergunta “o que vale a pena fazer e o que não” (ver 2.3), e articular uma moldura é “explicitar o que dá sentido às nossas respostas morais” (ver 2.3).

O Examinar pergunta, ao fim do dia, “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e a Revisão do rio pede, a cada estação, que se nomeie “o que mudou em mim, o que resisti em vão, o que entreguei bem” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo de estação). Nomear o que mudou é situar-se, e situar-se é o que Taylor chama de orientar-se [leitura do estudo]. O estudo lê o Examinar e a Revisão do rio como parentes da articulação de uma moldura [leitura do estudo], embora “articular” não ocorra nos escritos e “orientação” não seja palavra do Cânon.

A distância está no que a articulação faz: em Taylor ela “pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” (*moral source*; ver 2.5); na Revisão do rio o valor está na Lux, “antes de qualquer história”, e só o “quem” está na história que ela nomeia (decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (dz)) se o Examinar e a Revisão do rio são articulação da vida, como leitura, com a fronteira dita: a vida, e não a fonte moral.

Da orientação passa-se às teias.

3.4 As teias de interlocução e “ninguém navega um rio privado”

O eu de Taylor existe entre outros, e a pessoa do cânon deve ao rio o fluxo; a distância é o “antes”.

Para Taylor, um eu só existe “entre outros eus” e dentro das “teias de interlocução” (*webs of interlocution*) (ver 2.4), as dos que são cruciais para a posse das “linguagens de autocompreensão” (ver 2.4).

As Águas Comuns dizem: “Ninguém navega um rio privado. […] A palavra verdadeira posta em circulação, a confiança honrada, a vez respeitada, o espaço comum cuidado — tudo isso é manutenção das águas” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). As linguagens de autocompreensão e a palavra posta em circulação tocam-se em que ninguém as possui sozinho [leitura do estudo].

A fronteira já foi fixada pelo Estudo XIV diante de Jaspers: “a existência que se torna si mesma na comunicação × a luz ‘dada antes de qualquer relação’” (decisão n.º 8 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV), pois “o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII). O que Taylor acrescenta é que a teia define o eu, a identidade, e não o valor; a distinção volta em 3.9 e 2.10. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ea)) se o eu dialógico se lê ao lado das

Águas Comuns e se a distinção dignidade × identidade fica como fronteira, como leitura, com a luz “dada antes de qualquer relação”.

Das teias passa-se à busca.

3.5 A vida como busca e o Flumen

Taylor lê a vida como busca; o cânon a põe num rio que vem de antes e segue depois.

Taylor escreve que a vida se entende “em forma narrativa, como uma ‘busca’” (*quest*) (ver 2.4), e Ruth Abbey lê as autointerpretações num plano “vertical”, pela avaliação forte, e num “horizontal”, pela narrativa (*Charles Taylor*, 2004, p. 5) [V via secundária: Abbey].

O Flumen responde: “Ninguém começa do zero” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II), e pergunta “o que recebi que me trouxe até aqui? O que estou deixando para quem vem depois?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II). Taylor e o cânon tocam-se em que nenhuma vida começa do zero [leitura do estudo]. “Narrativa” não ocorre nos escritos, e “busca” é palavra do Tratado da Luz Interior, que a diz anterior: “o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro, anterior a toda busca” (“Fundamentação”).

Onde Taylor diz que a vida se entende como busca, o cânon deixa a pessoa e a história em registros distintos (decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ed)) se a orientação e a busca se leem ao lado do Flumen e da Revisão do rio, como leitura, com a fronteira dita.

Da busca passa-se à vida ordinária.

3.6 A afirmação da vida ordinária e Acender, Portar, Examinar

Este é o toque mais forte do capítulo: o bem de Taylor mora no trabalho, na casa e no dia, e a Regra de Vida também.

Taylor chama de afirmação da vida ordinária (*affirmation of ordinary life*) a valorização dos “aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução” (ver 2.6), com “o casamento e a família” (ver 2.6).

A Regra de Vida põe o bem no dia: “Definir a única coisa que hoje não pode ficar sem luz” (Acender); “voltar ao corpo e ao lugar presente” (Portar); “Encerrar com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” (Examinar) (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo diário). Nenhuma das duas letras manda buscar o bem fora do dia comum [leitura do estudo]. “Vida comum” e “vida ordinária” não ocorrem nos escritos, as Águas Comuns são o nome do rio, e o cânon não afirma nem recusa a vida ordinária como bem [leitura do estudo].

A definição de Taylor põe a produção no centro, e a Regra de Vida prescreve, no Ritmo semanal, o sabbath do fluxo, “meio dia sem produzir nada. Só ser. A luz não precisa

provar que existe” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”), porque a ferida que o Tratado nomeia é a de quem “existe plenamente apenas quando produz” (Tratado da Luz Interior, “O problema que responde”). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ec)) se a afirmação da vida ordinária se lê ao lado do Acender, do Portar, do Examinar e da Regra de Vida, como leitura, com a fronteira dita.

Da vida ordinária passa-se à autenticidade.

3.7 A autenticidade e “a luz não se acende — ela se revela”

Taylor chama de autenticidade (*authenticity*) o ideal de ser fiel a si; as duas letras usam o verbo “revelar”, que não é o mesmo.

O ideal é “ser verdadeiro consigo mesmo”, e “cada um de nós tem um modo original de ser humano” (ver 2.8). Ser fiel a si é fiel à própria originalidade, e “ao articulá-la, também me defino” (ver 2.8). Taylor chama de expressivismo (*expressivism*) a noção de que “a revelação vem pela expressão” (ver 2.7).

Os Quatro Pilares dizem: “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui” (Tratado da Luz Interior, “Definição”). “Autenticidade” não ocorre nos escritos; o cânon diz “sem me trair” (Cânon v1.2, “A Bússola”) e Integridade (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). Ser verdadeiro consigo e estar inteiro “sem me trair” tocam-se em recusar que a pessoa viva contra o que é [leitura do estudo].

Em Taylor a revelação vem pela expressão, e articular o que é meu me define; no cânon o que se revela estava lá antes de qualquer olhar. De um lado, o eu que se define ao articular a originalidade; do outro, a luz que não se fabrica. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (eb)) se a autenticidade e os horizontes se leem ao lado de “a luz não se acende — ela se revela” e da Bússola, como leitura, com o homônimo declarado.

Da autenticidade passa-se ao horizonte.

3.8 Os horizontes de significado e o veto do relativismo brando

Taylor diz que a autenticidade sem horizonte se esvazia, e a Bússola, que há caminhos que a luz veta; nenhum dos dois deixa tudo ao gosto de cada um.

As coisas assumem importância contra um fundo de inteligibilidade: “Chamemos isto de horizonte” (ver 2.8), os horizontes de significado (*horizons of significance*), e os horizontes, diz ele, “são dados” (ver 2.8). Julgar que cada um tem o seu modo e ninguém pode julgá-lo é o relativismo brando (*soft relativism*), que “se autodestrói” (ver 2.8). Só se a história, a natureza, os semelhantes, a cidadania ou “o chamado de Deus” importam de modo decisivo, diz Taylor, posso “definir para mim uma identidade que não seja trivial” (*A ética da autenticidade*, 1992, pp. 40–41) [V-en].

A Bússola “não escolhe os caminhos por ninguém” (Cânon v1.2, “A Bússola”), e não é relativismo, porque a pergunta tem resposta: “Se a resposta é não, não vou” (Cânon v1.2, “A Bússola”) [leitura do estudo]. “Horizonte” não ocorre nos escritos.

O que importa “de modo decisivo” vem, em Taylor, de fora do eu, e a lista inclui o chamado de Deus; no cânon o veto é “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e a Independência confessional deixa o nome a quem o dá (ver 4.2).

Do horizonte passa-se à dignidade.

3.9 A dignidade igual e “a Lux admite graus de visão, nunca de valor”

Taylor distingue a dignidade igual da identidade particular, e a hipótese do Estudo VII passa por essa distinção (ver 2.9).

Na política da dignidade igual, diz Taylor, “o que se estabelece deve ser universalmente o mesmo” (ver 2.9), e a dignidade se funda num “potencial, e não o que a pessoa fez dele” (ver 2.9).

O valor vem antes de qualquer conquista: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I); “a dignidade não é conquistada, é descoberta” (Tratado da Luz Interior, “Definição”); e a Lux “admite graus de visão, nunca de valor: a mesma luz pode estar mais ou menos vista, ‘encoberta’, sem que isso ordene pessoas” (decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X). O que se estabelece “universalmente o mesmo” e o valor que não ordena pessoas tocam-se [leitura do estudo]. “Dignidade” ocorre sete vezes nos escritos, só no Tratado da Luz Interior e na Disputatio, nenhuma no Cânon, cuja palavra é “valor”.

A decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX diz, de Ricoeur, que “a Lux é valor; a capacidade é poder”; o estudo a lê ao lado do potencial de Taylor [leitura do estudo], sem estendê-la a ele. A Lux é “de alguém” (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). A hipótese do Estudo VII, a Lux do lado da dignidade e o reconhecimento (*recognition*) do lado da identidade, ficou registrada “como leitura” (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), e a pergunta está em 2.4.

Da dignidade passa-se ao reconhecimento.

3.10 O reconhecimento e o Abrigo que “revela”

Os Estudos VII, XIII e XIV mediram o reconhecimento; aqui entra só o que Taylor acrescenta.

O Estudo VII citou a identidade “em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta” (ver 2.9). Taylor acrescenta que o devido reconhecimento é “uma necessidade humana vital” (ver 2.9); no polo da diferença, pede-se que se reconheça “a identidade única

deste indivíduo ou grupo” (ver 2.9); e a identidade se define “em diálogo com, às vezes em luta contra” os outros significativos (ver 2.4).

O Abrigo manda: “Sê casa para o outro” (Cânon v1.2, “O Abrigo”), e “pode revelar uma luz encoberta” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII). O Abrigo faz, por oferta, o que Taylor pede ao reconhecimento, dar ao outro lugar para ser visto [leitura do estudo].

A palavra, porém, não é a mesma: “reconhecimento” ocorre uma só vez nos escritos, em sentido negativo, “um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo” (Tratado da Luz Interior, “Definição”; ver 2.12), e “reconhecer” é verbo de humildade, de tarefa (“reconhecê-lo, não fabricá-lo”, Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”) e de registro, nunca o reconhecimento que molda. Taylor pede o reconhecimento porque a identidade se forma no diálogo; o Abrigo oferece casa antes de qualquer pedido [leitura do estudo]. Para Taylor o reconhecimento é necessidade vital da identidade; o que ele não funda, no cânon, é a luz “dada antes de qualquer relação” (ver 3.4). A justiça devida a quem foi mal reconhecido é a questão herdada (g), que segue aberta até o tratado da justiça.

Do reconhecimento passa-se à plenitude.

3.11 A plenitude e “uma luz acesa dentro da noite”

Este toque pede cautela: Taylor pergunta onde a vida é mais plena, e a Vigília diz o que fica quando a noite não tem fim visível.

Taylor chama de plenitude (*fullness*) o lugar em que a vida é “mais plena, mais rica, mais profunda […] mais como deveria ser” (ver 2.10), e diz estar “agudamente consciente de quão inadequadas são todas as palavras aqui” (ver 2.10).

O cânon põe a Vigília assim: “A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”); ela não se chama “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” (Tratado da Vigília, “Definição”); e a resposta à noite é “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”). As duas letras perguntam pelo que faz uma vida valer [leitura do estudo]. “Plenitude”, que para o próprio Taylor é só um “termo abreviado” (ver 2.10), não ocorre nos escritos; “plena” e “plenamente” são adjetivo e advérbio (cinco).

A plenitude de Taylor é um lugar onde a vida é “mais como deveria ser”, e a Vigília não promete lugar algum; o estudo não aproxima uma da outra além disso. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ee)) se a plenitude se lê ao lado da Vigília, como leitura, com a cautela dita.

Da plenitude passa-se à moldura.

3.12 A moldura imanente e a Independência confessional

Taylor descreve uma moldura que admite duas leituras; o cânon, com a Independência confessional, não gira para nenhuma [leitura do estudo].

A moldura imanente (*immanent frame*) é o nome que Taylor dá ao conjunto da cultura que descreve (ver 2.10), e "bem entendida, ela admite as duas leituras, sem nos compelir a nenhuma" (ver 2.10). Em *Uma era secular* (*A Secular Age*), distingue o giro (*spin*) da tomada (*take*) (2007, pp. 549–551) [paráfrase], e é o giro que faz a ordem parecer ditar uma interpretação "fechada" (p. 594) [V-en].

A letra do cânon deixa o nome a quem o dá: "seja qual for o nome que cada um lhe dê" (Cânon v1.2, "Independência confessional"; texto inteiro em 4.2). A Vigília "não depende de nenhuma das duas leituras", pois "quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa, quem não crê não a lerá" (Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve"). As duas leituras de Taylor e as de que a Vigília não depende tocam-se na forma: o cânon fala sem girar a moldura para lado algum [leitura do estudo]. "Moldura" e "imanente" não ocorrem nos escritos.

Taylor declara o seu palpite teísta (ver 2.11), e o cânon "não é teísta, ateu nem agnóstico" (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV). O texto da Independência confessional vale para quem crê, seja quem for; o estudo não o aplica à fé de Taylor.

Da moldura passa-se à razão instrumental.

3.13 A crítica da razão instrumental e a lamparina de museu

Taylor teme que a vida se estreite em cálculo, e o cânon, que a luz se guarde para si; o toque é o estreitamento.

Em *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*), a razão instrumental é "o tipo de racionalidade que usamos quando calculamos a aplicação mais econômica dos meios a um dado fim" (1992, p. 5) [V-en], e centrar-se no eu "achata e estreita nossas vidas" (ver 2.8).

O Abrigo adverte: "Uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu" (Cânon v1.2, "O Abrigo"); a lamparina tem "três lugares — de museu, quando a luz só se protege; guardada do vento, na margem; posta no rio —, e o que os separa é o devolver" (Tratado das Águas Comuns, "Definição"). O cálculo de meios e fins e a luz guardada para si tocam-se: a vida perde o que não circula [leitura do estudo]. No Pilar IV, "instrumento" é o corpo, o lugar e o ritmo, que "não são obstáculos ao espírito" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV), e não a razão instrumental.

O remédio de Taylor é "um trabalho de resgate", "identificar e articular o ideal mais alto por trás das práticas mais ou menos degradadas" (ver 2.5), e o do cânon é devolver a luz ao rio.

Da razão instrumental passa-se ao método.

3.14 O “melhor relato” e o método da série

Taylor pede que se explique a vida como é vivida, e a série, que cada doutrina seja lida em sua melhor forma.

Taylor dá o nome de “princípio BA” (*BA principle*) a um princípio de método (1989, cap. 3, p. 58) [V-en]; o estudo lê a sigla como “melhor relato” (*best account*) [leitura do estudo]. A frase seguinte diz o que se tem de explicar: “pessoas vivendo suas vidas” (ver 2.3), isto é, a vida como ela é vivida.

A série compara sem arbitrar: “Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras” (Princípio da série, cabeçalho dos Estudos XIII e XIV). Os dois tocam-se em não reduzir o outro a um caso do próprio [leitura do estudo]. Se o princípio de Taylor escolhe entre relatos [leitura do estudo], a série compara sem arbitrar.

Do método passa-se a Pascal.

3.15 Pascal, grandeza e miséria, e a noite

O último toque é uma porta: Taylor lê em Pascal a dupla consciência, e o cânon tem uma noite que não se explica; o Estudo XIX lerá Pascal.

“A expressão paradigmática dessa dupla consciência é a imagem pascaliana do caniço: o ser humano no universo tem toda a fragilidade de um mero caniço, mas sua grandeza está em ser um caniço pensante” (Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 347) [V-en]; a modernidade é “caracterizada por grandeza tanto quanto por *misère*” (*A ética da autenticidade*, 1992, p. 121) [V-en]. Os trechos citados não trazem leitura direta dos *Pensées* [localização a confirmar].

Do lado do cânon, a pessoa é inteira na fraqueza: “Uma pessoa dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A fragilidade e o que permanece inteiro tocam-se na figura, não na letra [leitura do estudo]. “Grandeza” não é “valor”. Onde Taylor lê em Pascal a dupla consciência, o cânon “não diz que a noite é prova” (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II) e permanece nela “sem explicá-la e sem negá-la” (Tratado da Vigília, “Síntese”).

Da noite passa-se às fronteiras, no capítulo 4.

4 ONDE NOS SEPARAMOS

Estas palavras não são nome da Lux: ser, mistério, tu absoluto, transcendência, abrangente, cifra, existência, liberdade e, de Taylor, fonte moral (*moral source*), bem constitutivo (*constitutive good*), hiperbem (*hypergood*), plenitude (*fullness*), horizonte e moldura. O capítulo mede as fronteiras uma a uma e leva ao fundador as perguntas que ficam em aberto.

4.1 A avaliação forte e o hiperbem × a Lux antes da avaliação

A primeira fronteira passa por saber o que vem antes: a avaliação que constitui a pessoa ou a luz que não depende de ser avaliada.

Taylor chama de avaliação forte (*strong evaluation*) o “pano de fundo de distinções” entre o que tem importância categórica e o que não tem, em contrastes de qualidade como “superior e inferior, nobre e vil”; dela depende a identidade, “definida por nossas avaliações fundamentais” (ver 2.2). Viver em horizontes assim qualificados “é constitutivo da agência humana” (ver 2.3). Os hiperbens são os bens “incomparavelmente mais importantes” que dão “o ponto de vista” para pesar os outros (pp. 62–63; ver 2.5).

O cânon responde pela anterioridade. O valor de cada pessoa é “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (ver 3.2), e no Tratado da Luz Interior o esforço parte da luz: “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la” (“O problema que responde”). A Lux “admite graus de visão, nunca de valor” (ver 3.9). A decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, sobre Ricoeur, diz que “a Lux é valor; a capacidade é poder”, e o estudo a lê ao lado da avaliação forte de Taylor [leitura do estudo].

A Bússola é pergunta e veto, “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?” (ver 3.1); o veto é “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” (ver 3.8), e a escolha é lugar da pessoa (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V). O Estudo X, 1.11, já registrou que “bens” é “palavra do Estudo VII, 3.4, e de Taylor, não do cânon”.

A divergência é de ordem [leitura do estudo]. Em Taylor o bem forte constitui o eu que o avalia: sair dos horizontes qualificados seria sair da “personalidade humana íntegra, isto é, não danificada” (ver 2.3). No cânon, quem “dorme, adoece, esquece, fracassa” permanece “pessoa inteira” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; ver 3.15). As duas frases falam de coisas distintas, a agência e o valor, e o estudo não as põe uma contra a outra. Marca só a distribuição: o que o hiperbem faz, pesar, julgar e decidir, o cânon reparte entre o veto da Bússola, a escolha da pessoa e nenhum peso sobre as pessoas. O estudo não diz que a Lux seja ou deixe de ser um hiperbem: a palavra fica com Taylor, como material.

Questão aberta (dy): a avaliação forte e o hiperbem de Taylor leem-se ao lado da Bússola e da Lux como valor, como leitura, com a fronteira na mesma frase — o bem forte constitui o eu que o avalia × a Lux é anterior a qualquer avaliação e “admite graus de visão,

nunca de valor” —, sem que o hiperbem entre como nome da Lux nem como ranking de bens? O estudo pergunta ao fundador.

Da avaliação forte passa-se à articulação da fonte moral.

4.2 A fonte moral que se articula × a Lux sem nome

A fronteira central do estudo passa pelo nome: Taylor pede que a fonte moral se articule e, onde quem articula crê, se nomeie; o cânon deixa a Lux sem nome.

Taylor escreve que a articulação “pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder”, e que o bem constitutivo é “algo cujo amor nos capacita a fazer e a ser o bem” (pp. 92–93; ver 2.5). A inarticulação é o mal que ele diagnostica, e a articulação “tem aqui um sentido moral” (ver 2.5). Em *Uma era secular* (*A Secular Age*), “lutamos para articular o que vivemos” (ver 2.5). Ricoeur vê na heterogeneidade dos hiperbens um caminho para a controvérsia (ver 5.4).

O cânon responde na Independência confessional: “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). A origem é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X diz que “o Bem não é nome da Luz” e que “a fonte continua sem nome no cânon”; a n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, que o nome “para o cristão” continua “onde a letra o pôs, com quem crê”. Diante do mal que ninguém causou, “importa a presença, e não a explicação” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”), dito sobre o mal, e não sobre a fonte.

O Examinar e a Revisão do rio também nomeiam e perguntam (ver 3.3): ao fim do dia, onde a luz ficou escondida e onde brilhou; a cada estação, o que mudou, o que se resistiu em vão, o que se entregou bem. O estudo pode ler aí um parente da articulação de Taylor [leitura do estudo]: o cânon articula a vida, o que o dia escondeu e o que a estação mudou, e não a fonte moral. O Tratado diz que o exame “não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta” e é “condição de sua visibilidade para quem a carrega” (“Objeção provável e resposta breve”). “Articul-” não ocorre nos escritos, e a letra mais próxima, “a palavra verdadeira posta em circulação” (ver 3.4), é cuidado devido às águas, não nome da luz. A explicação que a Vigília dispensa é a do mal; a articulação que Taylor pede é a do bem. O estudo as aproxima só como pergunta.

A fronteira cabe em uma frase [leitura do estudo]: em Taylor, viver o bem pede articulá-lo até a fonte moral e, onde quem articula crê, nomeá-la; no cânon, viver a luz pede fidelidade a ela, e o nome fica com cada um. A Independência confessional não proíbe a articulação de Taylor nem o palpite que ele faz dela (ver 4.8): dá ao cristão o nome onde a letra o pôs. O que não faz é decidir por ninguém. O estudo não lê Taylor como o cânon com

a fonte nomeada, nem o cânon como Taylor sem a fonte: nas duas leituras uma casa mediria a outra, e a série não escalona.

Questão aberta (dz): o Examinar e a Revisão do rio são articulação da vida e leem-se ao lado da de Taylor, como leitura, com a fronteira na mesma frase — articular a vida × articular e nomear a fonte moral, "a filosofia não decide isso por ninguém" —, e a fonte moral, o bem constitutivo e o hiperbem ficam como material, na voz de quem os diz, nunca como nome da Lux, como a série fez com o Bem de Platão, o *logos*, a mente luminosa, o *ātman* e o Tao? O estudo pergunta ao fundador.

Da articulação passa-se à identidade que o reconhecimento molda.

4.3 A identidade moldada pelo reconhecimento × a luz dada antes de qualquer relação

A terceira fronteira repete, diante de um autor que pensa a relação como constitutiva, a que os Estudos VII, XIII e XIV já fixaram; aqui mede-se só o que Taylor acrescenta.

Taylor escreve que um eu só existe entre outros eus e dentro das "teias de interlocução" (*webs of interlocution*) (pp. 35–36; ver 2.4), e que a identidade se define "sempre em diálogo com, às vezes em luta contra" os outros significativos (p. 33; ver 2.4) e se descobre "por diálogo", não em isolamento (pp. 47–48; ver 2.4). Em "A política do reconhecimento" ("The Politics of Recognition"), o Estudo VII leu que a identidade é "em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta" (p. 25; ver 2.9) [V-en] e que a dignidade se funda num potencial (p. 41; ver 2.9) [V-en]. O que o VII não citou é que o devido reconhecimento (*recognition*) "é uma necessidade humana vital" (p. 26; ver 2.9) e que há duas políticas, a da dignidade igual e a da diferença (p. 38; ver 2.9). Appiah pergunta se as identidades assim construídas são daquelas "com que podemos estar felizes a longo prazo" (Appiah, 1994, p. 162) [V-en].

O cânon responde. "Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar" e "acender supõe ausência prévia" (ver 3.7 e 2.12); "reconhecimento" ocorre uma só vez nos escritos, em sentido negativo, no "reconhecimento externo" (ver 3.10). A luz é "pessoal, nunca individual", e "ninguém navega um rio privado" (ver 3.2 e 3.4). A decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII fixou: "A luz é dada antes de qualquer relação; o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la" (ver 3.4). A luz pode estar encoberta "por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve"). "Toma-se de Buber o encontro, não a precedência da relação" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação").

O Estudo XIV, 4.8, mediu a fronteira com Jaspers — a existência que se torna si mesma na comunicação × a luz "dada antes de qualquer relação" (ver 3.4) —, e o Estudo XIII, 6.3, a hipótese do VII, que a decisão n.º 11 de 31/10/2026 registrou "como leitura".

O que Taylor acrescenta estreita a divergência [leitura do estudo]. Nos trechos conferidos, ele não escreve que o valor da pessoa seja moldado pelo reconhecimento; escreve que a identidade o é, em parte (p. 25), e que a dignidade se funda num potencial (p. 41). A letra de Taylor já separa os dois registros que a decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX separou: o valor na Lux, antes de qualquer história; o "quem" na história que a Revisão do rio nomeia. Sobre a luz dada antes de qualquer relação não há letra de Taylor, a favor ou contra. Resta a frase das teias: se o "eu" dela é o "quem" da Revisão do rio [leitura do estudo], ela fica do lado da identidade e não cruza a fronteira.

O "potencial" não é nome da Lux (Estudo X, 5.5), e "identidade" é palavra de Taylor e do VII, não da letra que este estudo cita. E o que a identidade necessita, o reconhecimento (p. 26), e o que a Lux não precisa, o "reconhecimento externo", são dois enunciados sobre dois objetos: a luz não depende de ser vista, e a visibilidade para quem a carrega, que o Tratado dá ao exame, o Abrigo pode dar também.

Questão aberta (ea): a distinção de Taylor entre dignidade e identidade (p. 38) e o eu dialógico ficam como fronteira lida ao lado da hipótese do Estudo VII, já registrada como leitura (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) — o reconhecimento molda a identidade e é necessidade vital × a luz "dada antes de qualquer relação", que não precisa de "reconhecimento externo" —, sem que o potencial nem o reconhecimento sejam nome ou condição da Lux? O estudo pergunta ao fundador.

Do reconhecimento passa-se à autenticidade.

4.4 A autenticidade e os horizontes × "a luz não se acende — ela se revela"

A quarta fronteira mede a autenticidade (*authenticity*), palavra que o cânon não tem, e os horizontes que ela supõe, que o cânon também não nomeia.

Taylor escreve que "o ideal moral por trás da autorrealização é o de ser verdadeiro consigo mesmo" (ver 2.8). Com Herder, cada um tem "um modo original de ser humano", e quem articula essa originalidade também se define: "ao articulá-la, também me defino" (ver 2.8). A revelação vem pela expressão, e daí o expressivismo (*expressivism*) (p. 61; ver 2.7). Quanto ao horizonte (*horizon of significance*), as coisas importam contra "um fundo de inteligibilidade", e "os horizontes são dados" (ver 2.8). A autenticidade os supõe: só num mundo em que "o chamado de Deus, ou algo desta ordem importa de modo decisivo" se pode "definir para mim uma identidade que não seja trivial" (*A ética da autenticidade*, 1992, pp. 40–41) [V-en]. Sem eles, o "relativismo brando" (*soft relativism*) "se autodestrói" (ver 2.8).

O cânon responde: "A luz não se acende — ela se revela" (ver 3.7); "a tarefa da vida é reconhecê-lo, não fabricá-lo" (ver 3.10); "pessoal, nunca individual" (ver 3.2); e "Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", II). O Estudo V, 3.2, registrou que "autenticidade" não é letra da

Bússola, que diz Integridade e “sem me trair” (ver 3.7), e a decisão n.º 10 de 06/11/2026 sobre o Estudo V tirou a palavra da Ficha. “Autêntic-” e “horizont-” não ocorrem nos escritos.

A fronteira passa pelo verbo [leitura do estudo]. Em Taylor, a revelação vem pela expressão, e quem articula o seu modo também se define. No cânon, “revelar supõe presença anterior a qualquer olhar” (ver 3.7), e o que se revela é onde a luz ficou coberta; a revelação não define a luz. Os dois dizem descobrir: Taylor descobre e define; o cânon descobre e não define. “Revelar” é homônimo, e o estudo não os equaciona.

Quanto aos horizontes, o estudo lê que “os horizontes são dados” e “ninguém começa do zero” dizem, cada um a seu modo, que o ponto de partida não se escolhe; a diferença é o que se dá, um fundo de inteligibilidade onde as coisas importam, em Taylor, e uma herança de gerações, no cânon. O horizonte de Taylor não é nome da Lux. O estudo propõe, como [hipótese do estudo], que a Bússola, que veta caminhos e não opiniões, cumpre diante do relativismo brando um limite parecido com o que os horizontes cumprem em Taylor; a leitura fica incerta.

Questão aberta (eb): os horizontes de significado de Taylor, que a autenticidade não escolhe, leem-se ao lado de “ninguém começa do zero”, de “pessoal, nunca individual” e da Bússola que veta, como leitura, com a fronteira na mesma frase — a autenticidade que, ao articular o próprio modo, também se define × a luz que “não se acende — ela se revela” —, sem que “autenticidade” passe a letra do cânon, que diz Integridade e “sem me trair”, e sem que “horizonte” seja nome da Lux? O estudo pergunta ao fundador.

Da autenticidade passa-se à vida ordinária.

4.5 A afirmação da vida ordinária × Acender, Portar, Examinar e a Regra de Vida

A quinta fronteira é a de menor distância e pede nome exato: Taylor diz “vida ordinária” (*ordinary life*), não “vida comum” (ver 2.6).

Taylor escreve que a afirmação da vida ordinária dá valor aos “aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução” (ver 2.6), e que a Reforma é o “impulso para completar a revolução axial” (*Uma era secular*, p. 774) [V-en]. A tradição lê a origem protestante: Casanova a situa na “narrativa mestra da Reforma” (Casanova, 2010, cap. 11) [V-en; localização a confirmar]. A letra de Taylor sobre essa origem, em “Deus ama os advérbios” (“God Loveth Adverbs”), fica como material, não como letra lida [localização a confirmar].

O cânon responde com uma Regra de Vida que dá lugar ao ordinário (Acender, Portar), sem que use a palavra “vida ordinária” nem a afirme ou a recuse como bem [leitura do estudo]: Acender, definir “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz”; Portar, voltar “ao corpo e ao lugar presente”; Examinar, encerrar “com gratidão a alguém do passado”

(ver 3.6). O Pilar IV diz “dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV). “Vida comum” e “vida ordinária” não ocorrem nos escritos.

A diferença é de gesto [leitura do estudo]. Taylor afirma que o trabalho e a família valem; a Regra de Vida diz o que fazer com o dia, e o sabbath do fluxo diz “meio dia sem produzir nada. Só ser. A luz não precisa provar que existe” (ver 3.6), que a decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI fixou como “um não-ato”. Produção e reprodução, na letra de Taylor, são o que a vida ordinária afirma; o sabbath é o meio dia em que a luz não precisa de nenhuma. O estudo não diz que um negue o outro: a Regra recolhe o ordinário sem o santificar, e o sabbath o suspende sem o desvalorizar.

Questão aberta (ec): a afirmação da vida ordinária de Taylor, com a origem protestante como material, leem-se ao lado de Acender, Portar, Examinar e do sabbath, como leitura, com a fronteira na mesma frase — a vida ordinária afirmada como lugar de valor × a Regra de Vida que a ordena pela luz e a suspende no “não-ato” —, sem que o estudo atribua ao cânon a afirmação nem a recusa? O estudo pergunta ao fundador.

Da vida ordinária passa-se à orientação que constitui o eu.

4.6 A orientação que constitui o eu × a Lux que precede, o Flumen e os dois registros

Em Taylor a orientação faz o eu; no cânon, o valor vem antes de qualquer orientação.

Para Taylor, saber quem se é é estar “orientado no espaço moral”, e só somos eus na medida em que “certas questões importam para nós” (ver 2.3). A vida é uma “busca” (*quest*) (ver 2.4). Em Agostinho, a luz de Deus é também uma luz interior (cap. 7, pp. 129–130; ver 5.3), homônimo que o estudo não equaciona com a luz interior do cânon.

O cânon responde que “ninguém começa do zero” e que o que se busca “não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro” (ver 3.5). A Humildade grata é “reconhecer-se pequeno no rio, mas parte dele” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II). A decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX separou a pessoa e a história em registros distintos (ver 3.3).

A fronteira é de precedência [leitura do estudo]: em Taylor, a orientação é o que faz do eu um eu; no cânon, o valor precede a orientação, e o “quem” se faz na história que a Revisão do rio nomeia. A “busca” de Taylor e o “dentro” do Tratado compartilham o verbo, não o objeto: o que a vida procura é um bem, em Taylor; a luz, no cânon, já está. O Flumen dá ao “quem” um rio onde se orientar e fica, como leitura, ao lado da orientação de Taylor [leitura do estudo].

Questão aberta (ed): a orientação que constitui o eu em Taylor lê-se ao lado do Flumen e da Revisão do rio, como leitura, com a fronteira na mesma frase — a orientação faz o eu × a Lux o precede e o “quem” se faz na história —, sem que a orientação nem a busca sejam nome da Lux? O estudo pergunta ao fundador.

Da orientação passa-se à plenitude.

4.7 A plenitude × “presença, não vitória”

A plenitude de Taylor é um lugar de chegada; a Vigília não promete chegada.

Taylor escreve que, em toda vida, “reside uma plenitude, uma riqueza”, um lugar em que a vida é “mais como deveria ser” (ver 2.10), e diz estar “agudamente consciente de quão inadequadas são todas as palavras aqui” (ver 2.10).

O cânon não tem a palavra: “plenitude” não ocorre nos escritos, e “plena” e “plenamente”, cinco ocorrências, são adjetivos. A Vigília “promete presença, não vitória” (ver 3.11); “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”); não se chama esperança, “que olha para uma manhã que a luz não promete”, e é “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” (ver 3.11).

A fronteira é de direção [leitura do estudo]. A plenitude de Taylor é um lugar para onde a vida se orienta e onde ela é “mais como deveria ser”; a Vigília recusa lugar de chegada, e a luz vale sem o fim. O estudo não afirma que o cânon negue a plenitude: não a diz. E “plenitude” não é nome da Lux.

Da plenitude passa-se à moldura.

4.8 A moldura imanente, o eu poroso e o palpite teísta × a Independência confessional

Taylor declara o seu giro e o seu palpite; o cânon declara que não toma posição.

Taylor escreve que a moldura imanente (*immanent frame*), “bem entendida, ela admite as duas leituras, sem nos compelir a nenhuma” (ver 2.10), e distingue o giro (*spin*) da tomada (*take*): a sua é algo na natureza de um palpite (*Uma era secular*, pp. 549–550) [paráfrase]. O eu poroso (*porous self*) está aberto a forças que o excedem; o eu blindado (*buffered self*) “pode se ver como invulnerável” (ver 2.10). E o palpite, no fim de *As fontes do self*: “Não sou obviamente neutro”, e “o potencial de certa perspectiva teísta é incomparavelmente maior” (cap. 25, pp. 517–518; ver 2.11). Taylor reconhece que “a cultura inteira vive pressões cruzadas” (*cross pressures*) (ver 2.10).

O cânon responde na Independência confessional, citada em 4.2: não pertence a religião oficial e não exclui nenhuma, e a filosofia não decide por ninguém. A decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV diz que o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico. A n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, que o cânon “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”. “Poroso” e “blindado” não ocorrem nos escritos.

A fronteira é de posição [leitura do estudo]. Taylor declara a sua, um palpite teísta que se diz palpite; o cânon declara que não toma posição, e dá o nome a quem crê. As duas coisas não se medem: um autor que se diz “pessoa de fé” (ver 2.11) escreve de dentro dela; o cânon, de dentro de uma independência que a sua letra afirma. O cânon não ocupa o lugar da moldura imanente aberta às duas leituras de Taylor: seria ler a Independência como posição, e ela diz não tomar.

Da moldura passa-se à transcendência.

4.9 A transcendência “além do florescimento humano” × o Pilar IV

A transcendência de Taylor está além do florescimento; a do Pilar IV passa pela matéria.

Taylor pergunta se a vida mais alta serve a um fim “além do florescimento humano” (pp. 19–20; ver 2.10), e diz que “transcendente” é palavra “muito escorregadia” (ver 2.10). O cristianismo traz a tensão: “o florescimento é bom, mas procurá-lo não é o nosso fim último” (p. 18; ver 2.10).

No cânon, o Pilar IV diz que “a transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”, e a Presença é “estar inteiro onde o corpo está” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV). O Catecismo diz “o que vai além de nós” (17), e a Disputatio recusa “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida”. O Estudo XIV, 4.4, e a decisão n.º 9 de 12/11/2026 contaram ao menos quatro usos de “transcendência”, nenhum nome da Lux; o de Taylor é o quinto [leitura do estudo]: um fim que está além do florescimento. A Mutatio, “mensagem a carregar” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III), e o Pilar IV dizem que o espírito passa pelo que se vive, e não além.

Questão aberta (ee): a plenitude, a moldura imanente “aberta”, o eu poroso e blindado, o palpite teísta e a transcendência “além do florescimento humano” de Taylor ficam, como leitura, com a fronteira na mesma frase — a plenitude como direção e o palpite teísta declarado × “presença, não vitória” e a Independência confessional, “seja qual for o nome que cada um lhe dê” —, e a transcendência de Taylor é o quinto uso, que o Pilar IV não responde, sem que nenhuma dessas palavras seja nome da Lux? O estudo pergunta ao fundador.

Da transcendência passa-se ao depois.

4.10 O depois

Do que vem depois da vida Taylor escreve, e o cânon não diz: reconhecer o transcendente, na definição que Schoenberg cita, “significa visar além da vida ou abrir-se a uma mudança de identidade” (*Dilemas e conexões* (*Dilemmas and Connections*), 2011, p. 173) [V via secundária: Schoenberg; localização a confirmar].

O cânon não responde: o que Taylor chama de “além da vida” não tem resposta nos textos que este estudo trata. O cânon não diz nada do depois (decisão n.º 6 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); o estudo registra a distância e não pergunta. “Eterna” e “imortal” não se dizem da Lux fora da Antífona, que não é tratada neste estudo (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V; “atemporal” é letra). “Conversão” não ocorre nos escritos; o que Taylor escreve dela (*Uma era secular*, p. 728) fica registrado sem aproximação.

Do depois passa-se aos registros.

4.11 Os registros: política do reconhecimento, Marx e Moriá

Três assuntos ficam em registro, e nenhum vira fronteira nova.

Questão aberta (g), herdada, aberta até o tratado da justiça: a política do reconhecimento de Taylor, a da dignidade igual e a da diferença (ver 2.9), com o liberalismo como "credo combatente" ("A política do reconhecimento", p. 62) [V-en] e a presunção de igual valor como "ato de fé" (ver 2.9), é registro, não fronteira nem toque. O cânon não é programa político, e a decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII diz que "o rio continua sem ser programa político". Habermas e Walzer discutem o texto (em Gutmann (org.), *Multiculturalism*, pp. 109, 112, 116 e 99) [paráfrase; localização a confirmar].

Questão aberta (k), herdada, aberta até o estudo de Marx: Marx, que Taylor cita (*Uma era secular*, pp. 545, 690) [V-en], e a fragmentação, em que "uma sociedade fragmentada é aquela cujos membros acham cada vez mais difícil identificar-se com sua sociedade política como uma comunidade" (*A ética da autenticidade*, p. 117) [V-en]. Em "Marxism and Humanism" (1957, p. 94), o comunismo trata os "inimigos do socialismo" como se tivessem "deixado de ser realmente humanos" [V via secundária: Wallace]; fica como letra de um texto de juventude, sem leitura do original.

Registro (j), herdado: o silêncio de Taylor sobre Kierkegaard, que não foi achado nos textos abertos (*Uma era secular*, "A política do reconhecimento", o *Précis*, Kyoto), segue como está, com a leitura de Moriá que a decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V registrou. Nada se pergunta.

Dos registros passa-se ao padrão das fronteiras.

4.12 O padrão das fronteiras diante de um autor vivo

Todas as fronteiras anteriores foram medidas em letra de Taylor, e o estudo diz, onde não há letra, que não há. Isso segue o padrão da série, que o Estudo XIV listou: a decisão n.º 7 de 31/10/2026 (XI), n.º 11 de 03/11/2026 (II), n.º 11 de 04/11/2026 (III e IV), n.º 11 de 06/11/2026 (V e VI) e n.º 11 de 12/11/2026 (XIV); e o Estudo XIII, 5.6, que fixou que "a biografia não é doutrina".

A pergunta é nova só porque o autor tem vida pública de hoje: o Québec, a Comissão Bouchard-Taylor e o catolicismo declarado entram como biografia (ver 2.1 e 2.11), e a Bússola veta caminhos, não autores nem biografias [leitura do estudo]. Quanto ao comunitarismo, não há, nos trechos conferidos, letra de Taylor que o aceite nem recuse; o Estudo XIII registrou, por uma nota da *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, que o pensamento de Arendt não se assimila ao dos comunitaristas, como Taylor [V via secundária: Stanford Encyclopedia of Philosophy; tese a confirmar].

Questão aberta (eg): o padrão das fronteiras da série — letra primeiro, biografia nunca como doutrina, nenhuma resposta posta na boca de Taylor — vale para Taylor

também onde há Québec, a Comissão Bouchard-Taylor, o comunitarismo e o catolicismo declarado, que o estudo nomeia como biografia, não como fronteira? O estudo pergunta ao fundador.

Do padrão passa-se à fórmula.

4.13 A fórmula

O estudo propõe a fórmula do capítulo: “o Lumen Fluens aceita de Taylor o horizonte e recusa o nome” [leitura do estudo]. O horizonte: que o sentido não se escolhe a si mesmo, nos horizontes de significado que a autenticidade não escolhe (ver 2.8), lidos ao lado da Bússola e de “pessoal, nunca individual” (4.4); a palavra “horizonte” não ocorre nos escritos, e os horizontes que Taylor nomeia por Deus não entram no cânon.

O nome: não o que cada um dá à sua luz (“seja qual for o nome que cada um lhe dê”, Independência confessional), mas o que a filosofia daria por todos, a fonte moral articulada e nomeada que Taylor pede (ver 2.5); a recusa é do nome, não da fonte, cuja origem o cânon deixa em aberto e não decide, e “fonte” é palavra de Taylor, que nos escritos não é palavra de doutrina fora do trecho que este estudo não trata. A fórmula descreve a distância que o estudo lê entre Taylor e o cânon; não define a Lux pelo que recusa, e a Lux continua sem nome (decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV: não se nomeia por contraste).

Quatro candidatas caem, cada uma com a sua razão. “Aceita o horizonte e recusa a fonte” cai porque se lê como negar que haja fonte, o que o cânon não afirma, e porque nomearia a Lux por contraste. “Aceita a orientação e recusa a articulação” cai porque o Examinar e a Revisão do rio articulam a vida [leitura do estudo], e a questão (dz), aberta em 4.2, é a que decide. “Aceita a avaliação forte e recusa o hiperbem” cai porque “bem” ocorre duas vezes como substantivo nos escritos, nenhuma como nome da Lux, e a Lux é valor, não bem que se hierarquiza (4.1). “Aceita a vida ordinária e recusa a plenitude” cai porque o cânon não afirma nem recusa a primeira (4.5) e não tem a segunda (4.7).

Questão aberta (dx): a fórmula “o Lumen Fluens aceita de Taylor o horizonte e recusa o nome” é, como leitura do estudo, a que fica diante das quatro candidatas, e entra como proposta, com o horizonte lido ao lado da Bússola e o nome deixado a cada um, na voz de quem a diz? O estudo pergunta ao fundador.

Questão aberta (ef): a Ficha de Taylor, tal como proposta em 6.5, é aprovada, emendada ou recusada, e entra na página dos estudos do site, em PT, ES e EN? O estudo pergunta ao fundador.

Da fórmula passa-se ao capítulo 5.

5 TAYLOR DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE

Taylor fica aqui diante dos autores, das casas e das portas da série, com a letra que há e o silêncio onde não há.

5.1 Hegel

Hegel foi o Estudo VII; aqui entra só a letra de Taylor que o VII não tinha.

O VII disse de Taylor uma coisa só: que a tradição se divide quanto ao que o espírito de Hegel é, "uma realidade metafísica" para Taylor, a sociabilidade da razão para Pinkard, e que o Flumen "não precisa arbitrar" (Estudo VII, 1.4 e 3.1). *Hegel* (Cambridge University Press, 1975) consta da bibliografia do VII "citado como leitura, sem página" (Estudo VII, cap. 1, bibliografia), e a caracterização fica como o VII a deixou [localização a confirmar].

Há três acréscimos. Taylor escreve que "o tema do reconhecimento recebe em Hegel o seu tratamento inicial mais influente" ("A política do reconhecimento", p. 36) [V-en]. De *Hegel* há uma frase com página, por Wallace: "Precisamos ao mesmo tempo de liberdade e de uma *Sittlichkeit* pós-industrial" (p. 461) [V via secundária: Wallace, 2023, p. 232, n. 836]. E em *Uma era secular* (*A Secular Age*, Belknap Press of Harvard University Press, 2007), Hegel "tentou à sua maneira casar Rousseau e Kant" (p. 690) [V-en]. Entre os que leem Taylor, Bernard Williams escreve que "o primeiro grande livro de Taylor foi sobre Hegel, mas ele nunca foi hegeliano", porque "não aceitou que a história tenha um propósito, que o horror do passado possa ser redimido" (Williams, 1990) [V-en]. O juízo é de Williams, e a letra de Taylor que o diga não foi achada [localização a confirmar].

O cânon responde pela fórmula do VII: aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia (decisão n.º 1 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII); e "o cânon não diz que a noite é prova" (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II). O que Williams lê em Taylor, um passado terrível que não se redime, fica perto desta segunda frase, mas a aproximação é do estudo [leitura do estudo].

Da leitura de Hegel passa-se à de Platão e de Aristóteles.

5.2 Platão e Aristóteles

Os Estudos X e XI avisaram que Taylor não fora lido nos dois clássicos, e a letra que há é pouca.

Sobre Platão, o X disse que Taylor lê a razão platônica como domínio de si e o Bem como fonte moral (*moral source*) (Estudo X, 5.5) [paráfrase; localização a confirmar]. Do primeiro ponto há Calhoun, que lê em *As fontes do self* (*Sources of the Self*) "a noção platônica de domínio racional, que casa razão e autocontrole" (1991, p. 234) [paráfrase]. Do segundo há letra de Taylor, em outro livro: ser movido por novas simpatias "é como ser movido por outras grandes fontes morais de nossa tradição, sejam elas a Ideia do Bem, ou o

agape de Deus, ou o Tao, ou a humanidade-de-coração” (*Uma era secular*, p. 255) [V-en]. A frase lista e não ordena [leitura do estudo].

O cânon responde pela decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X: “o Bem não é nome da Luz” e “a fonte continua sem nome no cânon”; e a fórmula é que o Lumen Fluens aceita de Platão o giro e recusa a escada (decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo X).

Sobre Aristóteles, Taylor conta que a sua tese sobre a psicologia behaviorista “valeu-se do que podemos aprender de Aristóteles e da filosofia da ciência” (Kyoto, 2008, p. 187) [V-en]. Calhoun anota que Aristóteles aparece “brevemente” em *As fontes do self*, para objetar à equação platônica entre a ordem dos fins humanos e a ordem cósmica, porque “assuntos humanos exigem mais um sentido de sabedoria prática” (1991, p. 244, n. 17, com a p. 125 de Taylor) [paráfrase]. E Newing nota que Ricoeur reconhece “a inspiração aristotélica” da obra de Taylor (2022, p. 78, n. 29, citando Ricoeur, 1994/2000, p. 148) [V via secundária: Newing, 2022, p. 78, n. 29]. A palavra grega *phronesis* não foi achada em letra de Taylor, e o capítulo não a atribui [localização a confirmar].

O cânon responde pela decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI, em que a Bússola “percebe o particular e veta”, e pela fórmula do XI: aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI).

De Aristóteles passa-se a Agostinho.

5.3 Agostinho

Agostinho é onde a série mais usou Taylor, e é onde a letra de Taylor mais difere do que a série lhe atribuiu.

O Estudo XII disse que Taylor “lê a interioridade de Agostinho como história” (Estudo XII, 6.3) e deu a Agostinho “um lugar na história do si” (6.4); o XIII repetiu a frase [tese a confirmar] (Estudo XIII, 6.2). A letra aberta diz outra coisa, e “como história” é glosa do estudo (ver 2.6). Taylor vê em Agostinho quem “via o caminho para Deus passando pela nossa própria autoconsciência” (“A política do reconhecimento”, p. 29) [V-en] e, no resumo de *As fontes do self*, a crença “de que o caminho para o contato com Deus ia para dentro” (“Précis of *Sources of the Self*”, p. 185) [V-en]. No capítulo 7 escreve que, para Agostinho, “o caminho do inferior ao superior, a mudança crucial de direção, passa por nossa atenção a nós mesmos como interiores” (pp. 128–129) [V-en], e que “a atividade de conhecer é particularizada; cada um de nós está engajado na sua. Olhar para essa atividade é olhar para o self, assumir uma postura reflexiva” (p. 130) [V-en].

O XII citou a p. 131 por Teixeira, com o começo da frase (“mal seria exagero dizer que foi Agostinho quem introduziu a interioridade da reflexividade radical”); a letra aberta traz só “introduziu a interioridade da reflexividade radical e a legou à tradição ocidental” (cap. 7, pp. 130–131) [V-en] [página a confirmar]. Sobre Agostinho e o tempo, o que Taylor

escreve é outro: nas *Confissões* XI, Agostinho “examina o tempo vivido”, em contraste com o tempo objetivo das fontes gregas (*Uma era secular*, p. 56) [V-en].

Duas passagens que o XII não tinha o tocam de perto. A primeira: “A luz de Deus não está apenas ‘lá fora’, iluminando a ordem do ser, como em Platão; é também uma luz ‘interior’. É a luz da alma” (*As fontes do self*, cap. 7, pp. 129–130) [V-en]. É a luz de Deus, na leitura de Taylor sobre Agostinho, e “luz interior” é também nome do Tratado da Luz Interior: o homônimo fica dito, sem equação. O Tratado usa a expressão sem herdar o sentido dos quacres: a luz de que fala “não é Cristo nem recebe outro nome; é de alguém, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (“Nota sobre o nome”).

A segunda: Taylor escreve, lendo Agostinho, que “só posso me compreender à luz de uma perfeição que vai muito além de meus poderes” (*As fontes do self*, cap. 7, p. 141) [V-en], e, pouco adiante, que “voltamo-nos para o caminho interior só para ascender além, a Deus” (p. 143) [V-en]. É a letra mais próxima do que o XII disse como leitura sua, que em Agostinho o voltar-se para dentro leva a outro lugar [leitura do estudo]. O cânon responde pela “principal herança” do Tratado da Luz Interior, “o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro” (“Fundamentação”), e pela fórmula do XII: aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). O que há por trás desse dentro o cânon deixa em aberto: “a filosofia não decide por ninguém o que há por trás dela” (“Nota sobre o nome”).

De Agostinho passa-se a Ricoeur.

5.4 Ricoeur e Ricoeur lê Taylor

O Estudo IX fez de Ricoeur uma casa e deixou por conferir se ele leu Taylor; a letra que há corrige a ausência, e não o IX.

O IX escreveu que “a letra de Ricoeur reunida para o estudo não traz passagem em que ele leia Taylor, e a relação entre os dois fica por conferir [tese a confirmar]” (Estudo IX, 5.6). A ausência estava no IX, e não na obra de Ricoeur. Em “Conscience and the Law” (em *The Just*, trad. Pellauer, University of Chicago Press, 2000, pp. 146–155; original de 1994), Ricoeur lê o “quem” da identidade pelas avaliações fortes (*strong evaluation*): “a pergunta *quem?* — Quem sou eu? —, que preside toda busca de identidade pessoal, encontra um primeiro esboço de resposta nos modos de adesão pelos quais respondemos à solicitação das avaliações fortes”, e põe as variações do discernimento do bem e do mal em correspondência com “diferentes maneiras de se orientar no que Taylor chama de espaço moral” (p. 148) [V via secundária: Newing, 2022, pp. 77–78, n. 28].

Em “The Fundamental and the Historical: Notes on Charles Taylor’s *Sources of the Self*” (em *Reflections on the Just*, 2007, pp. 168–184; original de 2001), Ricoeur trata dos hiperbens (*hypergoods*) de Taylor e escreve que “a heterogeneidade dos hiperbens também abre o caminho à controvérsia, pois como pôr o que é fundamentalmente heterogêneo numa

hierarquia única?” (p. 183) [V via secundária: Newing, 2022, pp. 79–80]. A página de *O si-mesmo como um outro* (1990) em que Ricoeur cita Taylor não foi achada [tese a confirmar]. De Taylor sobre Ricoeur há menos: o nome não ocorre em *Uma era secular*, nem no corpo, nem nas notas, nem no índice, e o único registro é uma discussão publicada, “Carr, Taylor and Ricœur, 1985/1991, pp. 174–179” (Newing, 2022, n. 38) [V via secundária: Newing, 2022, n. 38; atribuição a confirmar]. Taylor não lê Ricoeur nos textos abertos.

O cânon responde pelo que o IX decidiu. A decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX diz, de Ricoeur, que “a Lux é valor; a capacidade é poder”, e a n.º 4 da mesma data, que o “quem” está “na história que a Revisão do rio nomeia”, com o valor na Lux, “antes de qualquer história”; a fórmula é que o Lumen Fluens aceita de Ricoeur o desvio e recusa a conquista (decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX). O “quem” que Ricoeur lê em Taylor passa pelas avaliações fortes, e o da n.º 4, pela história; o capítulo 4 mede a distância (ver 4.6), e “identidade” segue homônimo do “quem” [leitura do estudo]. Quanto à hierarquia, a dificuldade que Ricoeur vê é a de pôr hiperbens heterogêneos numa ordem única, e o cânon diz de cada luz que é “não comparativa, não sujeita a ranking” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”): são objetos diferentes, e o estudo não os soma [leitura do estudo].

De Ricoeur passa-se a Arendt.

5.5 Arendt

O Estudo XIII leu Arendt inteira e pôs Taylor ao lado dela só por negação (Estudo XIII, 5.8); a letra de Taylor sobre ela é pouca.

Taylor a nomeia em três lugares: em *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*, Harvard University Press, 1992), p. 7, onde cita *A condição humana* [paráfrase]; no capítulo 2 de *Argumentos filosóficos* (*Philosophical Arguments*, Harvard University Press, 1995), onde vê “uma afinidade natural” entre a crítica do atomismo e a tradição do humanismo cívico, “de Humboldt a Arendt” [V-en] [página a confirmar]; e em *Uma era secular*, n. 38, p. 844, sobre “as formas de poder político sobre as quais Hannah Arendt escreveu” [V-en]. Nenhuma das três é leitura sistemática. Calhoun situa Arendt na mesma tradição cívica (1991, p. 247) [paráfrase].

“Comunitarista” é rótulo posto de fora: o texto da Fundação Inamori sobre o Prêmio Kyoto de 2008 diz que Taylor “defende o ‘comunitarismo’” [V-en], e a *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, no verbete que o XIII leu, distingue Arendt de Taylor [V via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*] [tese a confirmar]. Se Taylor aceita o rótulo, a palavra dele não foi achada [tese a confirmar].

O cânon responde pelo que o XIII decidiu: aceita de Arendt a pluralidade e recusa a aparição (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O humanismo cívico em que Taylor põe Arendt fala de liberdade situada e de raízes na comunidade; a Lux, diz o Tratado

da Luz Interior, não depende de ser vista: “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar” (ver 3.7). Que as duas frases fiquem em planos diferentes é [leitura do estudo].

De Arendt passa-se a Jaspers, a Marcel e a Levinas.

5.6 Jaspers e o tempo-eixo, Marcel, Levinas

Jaspers tem letra em Taylor, com reserva; Marcel, só silêncio; Levinas, uma nota.

O Estudo XIV disse que Taylor “trata o tempo-eixo”, e a letra confirma, com reserva. Em *Uma era secular*, p. 151, Taylor chama de “Era Axial” o que Jaspers nomeou [V-en]; na n. 9, p. 792, diz não aceitar necessariamente muito do que Jaspers associou a esse termo (ver 2.10); e na p. 578 budista, cristão, estoico e muçulmano são “os passos clássicos da Revolução Axial” [V-en]. É empréstimo com reserva, e a tese do XIV fica como está: Taylor trata o tempo-eixo, não o assume. A decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV (a presença sim, a cifra não) responde a Jaspers, e este capítulo não a estende a Taylor.

Sobre Gabriel Marcel há silêncio. Em *Uma era secular* as ocorrências de “Marcel” (pp. 213, 348–349, 664) são Marcel Mauss e Marcel Gauchet, segundo o índice; nada em “A política do reconhecimento”, no *Précis* nem em Kyoto. Gabriel Marcel não foi achado em Taylor, e o capítulo não preenche o vazio.

Levinas aparece uma vez em *Uma era secular*, na n. 37, p. 844, numa remissão a “a discussão de Derrida e Lévinas” em *Being Reconciled*, de John Milbank, cap. 8 [V-en]. Thomson trata de Levinas, a propósito da morte, em contraste com Heidegger; a ideia é de Thomson (2011, n. 26), não de Taylor [paráfrase]. O Estudo VIII aceitou de Levinas a dívida e recusou a eleição (decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII); em Taylor não há letra a que isso responda.

De Jaspers, Marcel e Levinas passa-se ao budismo, à Stoa e ao cristianismo.

5.7 O budismo, a Stoa e o cristianismo

A letra de Taylor aqui é uma pergunta, e as três casas entram nela como exemplos, com as cautelas dele.

Em *Uma era secular* (p. 16), Taylor pergunta se a vida mais alta envolve servir “a um bem que está além” do florescimento humano (ver 2.10) [V-en]. O budismo é “um exemplo” de ser levado além do florescimento comum (p. 17) [V-en]; a doutrina do *anatta* quer levar para além da ilusão do eu, e o caminho do Nirvana envolve renunciar [paráfrase]. Sobre a Stoa, Taylor nota que reconstruir o florescimento “verdadeiro” como renúncia, “como o estoicismo parece fazer”, “não vai funcionar para o cristianismo” (p. 17) [V-en]. Do cristianismo diz que há nele “uma tensão fundamental” entre o florescimento, que é bom, e o fim último, que ele não é (p. 18) [V-en].

Taylor é católico e o diz, “como pessoa de fé” (Kyoto, p. 197; ver 2.11) [V-en]. O palpite teísta está declarado em *As fontes do self* (pp. 517–518; ver 2.11) [V-en]. O estudo registra a posição e não decide entre ela e o humanismo exclusivo que Taylor descreve (Schoenberg, 2016, sobre *Uma modernidade católica?* (*A Catholic Modernity?*), p. 19) [V via secundária: Schoenberg/Stout; página a confirmar]. Entre os leitores, Williams vê em *As fontes do self* uma história “mais distintamente católica … do que Taylor quer que seja”, e Calhoun, “um caso mais geralmente cristão” (Williams, 1990; Calhoun, 1991, p. 243, n. 15) [V-en]. Os juízos são dos leitores, e *Uma modernidade católica?* não foi aberto.

O cânon responde pelas fórmulas já fixadas: no I, atenção, não chegada (decisão n.º 1 de 03/11/2026 sobre o Estudo I); no II, exame, não consentimento (decisão n.º 1 de 03/11/2026 sobre o Estudo II); no III, anterioridade, não juízo (decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo III). O texto da Independência confessional vale para quem crê, seja quem for; o estudo não o aplica à fé de Taylor (ver 4.2). E o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV, dita a propósito da transcendência de Jaspers). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ee)) se a transcendência “além do florescimento” (ver 2.10) e o palpite teísta de Taylor ficam como leitura, na voz de quem os escreve, sem que nenhuma dessas palavras seja nome da Lux.

Do budismo, da Stoa e do cristianismo passa-se ao Vedanta, ao existencialismo e ao taoísmo.

5.8 O Vedanta, o existencialismo e o taoísmo

Taylor fica diante das três casas de modos desiguais: em silêncio sobre o Vedanta, ao lado de Camus quando fala de Sartre, e com uma frase sobre o taoísmo.

“Vedanta”, “Upanishad” e “Brahman” não ocorrem em *Uma era secular*. O hinduísmo aparece em poucas passagens: os ciclos de eras “no pensamento estoico ou hindu” (p. 325), a *ahimsa* (p. 612) e o “Hindutva” (p. 689) [paráfrase]. Nenhuma o lê. A fórmula do IV (aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução; decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV) fica sem letra de Taylor a que responder.

Sartre entra em *Uma era secular* de lado. Na p. 583, o “humanismo revolucionário” aparece ao lado de Camus [paráfrase]; na p. 586, a sensação apaixonada de que a felicidade limitada não deve ser sacrificada “foi o que tornou Camus incapaz de seguir Sartre” em seu apoio ao comunismo [V-en]; na p. 726, Sartre está entre os da “morte do sujeito”, com “afinidades paradoxais” com certas visões religiosas [paráfrase]; na n. 17, p. 842, um texto seu serve de exemplo de glorificação da violência [paráfrase]. A “escolha radical” (*Philosophical Papers* 1, pp. 28–29; ver 2.2) é exposta para ser recusada, e Sartre não é nomeado ali [V-en; bloco citado por Meijer, 2018]. Wallace nota que Taylor não cita Sartre diretamente a propósito da má-fé (2023, p. 276) [V via secundária: Wallace, 2023, p. 276].

A fórmula do V (aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção; decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V) responde a Sartre, e não a uma letra de Taylor sobre ele.

Sobre o taoísmo, Taylor diz que havia visões, “como o taoísmo parece ser”, em que o florescimento era concebido de modo unitário, com reverência pelo superior (p. 18; ver 2.10) [V-en]; o Tao aparece também na lista da p. 255, citada em 4.2. A frase traz “parece ser”, e o capítulo não a engrossa [leitura do estudo]. O cânon responde: água, não esquecimento de si (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI), e o Tao e os termos afins são “estrutura, nunca nome da Luz” (decisão n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI).

Das três casas passa-se às portas.

5.9 As portas

As portas são os autores que o estudo vê adiante na série, e Taylor está diante delas de modos desiguais: Kierkegaard em silêncio, Spinoza com uma frase, e Kant, Pascal e Marx com letra que mora em outros capítulos.

O nome de Kierkegaard não ocorre em *Uma era secular* (corpo, notas e índice), nem em “A política do reconhecimento”, no *Précis* ou na conferência de Kyoto. Calhoun situa Taylor “mais perto do pensamento fenomenológico e existencial — Kierkegaard, Heidegger” (1991, p. 233) [V-en]; o juízo é de Calhoun. A porta de Kierkegaard fica sem letra de Taylor.

Taylor escreve que, “seguindo um caminho aberto por Spinoza”, pode-se ver a Natureza como idêntica a Deus e depois como independente dele, e então “o Plano fica sem planejador” (*Uma era secular*, p. 543) [V-en]. O índice remete a Spinoza em outras páginas (274–275, 280, 363, 596) e ao *Tratado teológico-político* na p. 271; o estudo as registra por índice, sem ler uma a uma [leitura do estudo]. A frase é letra de Taylor sobre uma via que dispensa o planejador, e o capítulo a registra sem a levar ao cânon.

Para Kant, o que comandava respeito em nós era “o nosso estatuto de agentes racionais” (“A política do reconhecimento”, p. 41; ver 2.9) [V-en]. A decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX diz, de Ricoeur, que “a capacidade é poder”; o estudo não a estende a Taylor e só pergunta se vale para a dignidade dele [leitura do estudo]. A hipótese do VII, que lê a Lux ao lado da dignidade, “fica registrada como leitura” (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ea)) se a dignidade que Taylor recebe de Kant se lê ao lado da Lux e com que fronteira.

Em Pascal, Taylor chama o caniço pensante de “expressão paradigmática” da dupla consciência do ser humano (*Uma era secular*, p. 347; ver 3.15) [V-en]; na p. 532 volta o Deus oculto [paráfrase].

A letra sobre Marx vem em três tempos: o texto de 1957, “Marxism and Humanism” (via Wallace) [V via secundária: Wallace, 2023, p. 231]; *Uma era secular*, pp. 545 e 690 [V-en]; e Kyoto, pp. 181 e 187, onde o “marxismo vulgar” é a redução materialista [V-en]

(ver 4.11). O capítulo não os reduz a um só Taylor [leitura do estudo]. *Hegel* (1975) não foi aberto.

Das portas passa-se ao que a letra e o silêncio mostram em conjunto.

5.10 O padrão

Onde há letra, o capítulo a deu com página e a separou do que a série disse; onde não há, deixou o espaço vazio. Vedanta, Kierkegaard e Marcel não foram achados em Taylor; Levinas, só numa nota; Arendt, em três passagens que não a leem; Ricoeur, que Taylor não lê nos textos abertos; *phronesis*, que não veio. Isso não prova que Taylor não os leu: é o limite de um estudo que abriu algumas obras, uma conferência e leitores. Taylor está vivo, e o capítulo não o faz dizer o que não escreveu.

As fórmulas do fundador respondem às casas e a seus autores, não a Taylor. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (eg)) se o padrão vale do mesmo modo para um autor vivo e (ver 7.3, questão (ef)) se os silêncios entram na Ficha como “sem letra”.

Os silêncios e as letras deste capítulo seguem para a Ficha, no capítulo 6.

6 O QUE A SÉRIE JÁ DISSE E A FICHA PROPOSTA

A série já tocou Taylor, sempre de passagem, e o que disse fica aqui recolhido; a Ficha de Taylor vai como proposta, não como decisão.

6.1 As prévias de Taylor

Oito estudos tocaram Taylor; cada toque vem com a seção, a letra e a correção, quando há.

O Estudo VII (1.4 e 3.1) disse só que "a tradição se divide quanto ao que o espírito é […]: uma realidade metafísica, para Charles Taylor"; *Hegel* (1975) ficou "citado como leitura, sem página", e fica com o VII (ver 4.1). Em 2.4 o VII citou "A política do reconhecimento" ("The Politics of Recognition", 1994) e, em 4.1, propôs a hipótese "Lux = dignidade; reconhecimento = identidade e visibilidade" (ver 2.9). Os Estudos IX, X e XIII (6.3) escreveram que o fundador "não adotou nem recusou" a hipótese; a decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII a registrou como leitura, e este estudo diz "registrada como leitura", nunca "pendente". O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ea)) se a distinção dignidade × identidade fica como fronteira lida ao lado da hipótese do VII.

O IX (5.6) resumiu *As fontes do si* em três frases [paráfrase; localização a confirmar]: orientação "no espaço dos bens", vida como "busca narrada", articular as fontes como "parte de vivê-las". Este estudo diz *As fontes do self* (*Sources of the Self*) e dá a letra: "Saber quem se é é estar orientado no espaço moral" (ver 2.3), não "espaço dos bens"; e a vida "em forma narrativa, como uma 'busca'" (ver 2.4). O IX disse também que a letra de Ricoeur não o traz lendo Taylor [tese a confirmar]. Traz (ver 5.4): "Conscience and the Law" (1994) [V via secundária: Newing, 2022], que lê as "avaliações fortes" (*strong evaluations*) como esboço de resposta a "quem?", e as notas de 2001 (*Reflections on the Just*, 2007, pp. 168–184). A página de *O si-mesmo como um outro* em que Ricoeur cita Taylor não se achou [tese a confirmar].

O X (1.11) escreveu que "'bens' é palavra do Estudo VII, 3.4, e de Taylor, não do cânon": confere (ver 6.3). Em 5.5, que Taylor "lê a razão platônica como domínio de si e o Bem como fonte moral" (*moral source*) [paráfrase; localização a confirmar], com letra na segunda metade: entre as "grandes fontes morais", Taylor põe a Ideia do Bem, o *agape* de Deus e o Tao (*Uma era secular*, em inglês *A Secular Age*, 2007, p. 255; ver 5.2); nenhuma é nome da Lux (decisão n.º 3 de 23/10/2026). O "mesmo padrão" das Águas Comuns para as fontes teístas é hipótese do X, não decisão: para Taylor, o amor ao bem constitutivo (*constitutive good*) "capacita a fazer e a ser o bem" (ver 2.5). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (dz)) se a articulação das fontes cabe ao lado da Lux sem nome.

O Estudo XI (5 e 6.4) avisou que o que se diz dos quatro autores "é aviso de porta" e propôs, como hipótese do estudo, que Taylor "se opõe a Aristóteles onde faz da

articulação dos bens tarefa de cada época e de cada pessoa”. Letra que a sustente não veio: Taylor diz só que a sua tese “valeu-se do que podemos aprender de Aristóteles” (Kyoto, 2008, p. 187; ver 5.2). O Estudo XII (5.7, 5.9, 6.3 e 6.4) disse que Taylor “lê a interioridade de Agostinho como história” e, por Teixeira, citou a p. 131: “mal seria exagero dizer que foi Agostinho quem introduziu a interioridade da reflexividade radical”. A página confere com um ajuste: a descrição está na p. 130, e a fórmula, nas pp. 130–131 (ver 2.6 e 5.3); “como história” é glosa do XII, e Taylor diz “reflexividade radical”.

O XIII (5.8, 6.2 e 6.3) escreveu que Taylor “lê a interioridade como história e a vida comum como bem [tese a confirmar]”. A frase é do XIII, não do XI nem do XII; “como história” é a glosa já dita, e “como bem” também não tem letra. Taylor escreve “afirmação da vida ordinária” (*affirmation of ordinary life*) (ver 2.6): “vida comum” é dos Estudos XII e XIII, e nos escritos “vida comum” e “vida ordinária” não ocorrem (ver 2.12). O Estudo XIV (5.8 a 5.10 e 7.4) registrou que Taylor trata o tempo-eixo de Jaspers [tese a confirmar] e que leitura de Taylor sobre Marcel não se achou. O tempo-eixo confirma-se, com reserva: Taylor não aceita “necessariamente muito do que Jaspers associou a esse termo” (*Uma era secular*, n. 9, p. 792; ver 2.10). De Marcel segue o silêncio (ver 5.6).

O Estudo V (5.14 e 7.4) deixou Taylor como “a porta do Estudo XV” e citou a p. 15 de *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*), com a data “1991”, traduzida “fiel a si mesmo”. A página confere (“ser verdadeiro consigo mesmo”; ver 2.8); a data é 1992 (ver 2.8). A palavra é de Taylor: “autêntic-” não ocorre nos escritos, e a Ficha de outubro do V, “Bússola e autenticidade”, já foi corrigida (decisão n.º 10 de 06/11/2026 sobre o Estudo V).

Das prévias passa-se às decisões do fundador que as acompanham.

6.2 As decisões herdadas que tocam Taylor

Estas decisões do fundador tocam Taylor e não se reabrem aqui.

- Decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII: “A Lux vem antes do Abrigo. A luz é dada antes de qualquer relação; o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la.”
- Decisões n.º 2, 4 e 11 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX: “A Lux é valor; a capacidade é poder”, que é sobre Ricoeur; “o valor está na Lux, antes de qualquer história; o ‘quem’ está na história que a Revisão do rio nomeia”; a ordem “Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor”.
- Decisões n.º 2, 3 e 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X: “graus de visão, nunca de valor”; “o Bem não é nome da Luz” e “a fonte continua sem nome no cânon”; o veto é “a própria Luz na pessoa, sem voz externa”.
- Decisões n.º 4 e 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI: “A Bússola percebe o particular e veta”; o intelecto agente “como a luz” é “estrutura, nunca nome da Luz”.

- Decisões n.º 4, 5, 6, 9 e 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII: a margem é “estar consigo”; o compromisso do Abrigo é “a promessa dita a outro”; “a mentalidade alargada cabe na Bússola”; “o rio continua sem ser programa político”; a hipótese do VII “fica registrada como leitura”.
- Decisões de 03, 04 e 06/11/2026: “a Lux é de alguém” (n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I); “a dignidade antes do mérito” entra “como estrutura” (n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo III); “a escolha entra como lugar da pessoa” (n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); o Tao e os demais são “estrutura, nunca nome da Luz” (n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI).
- Decisões n.º 1, 3, 8 e 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV: a fórmula “não nomeia a Lux por contraste”; os outros cinco usos de “presença” “ficam declarados homônimos”; a luz é “dada antes de qualquer relação”; “‘Transcendência’ tem ao menos quatro usos, e nenhum é nome da Lux”, e “o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico”.

A regra da decisão n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI vale para o Tao e o *logos* por decisão; que valha para o hiperbem (*hypergood*) de Taylor, ao lado de “graus de visão, nunca de valor”, é extensão deste estudo [hipótese do estudo], e o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (dy)) se a aceita.

Das decisões passa-se ao que o cânon não diz.

6.3 O que o cânon não diz, o que diz em sentido restrito e os homônimos

O cânon tem poucas das palavras de Taylor, e a contagem nos sete escritos diz quais.

As 44 formas buscadas, entre elas “fonte moral”, “hiperbem”, “bens”, “autêntico”, “articular”, “vida comum” e “vida ordinária”, não ocorrem nos escritos (ver 2.12); “o cânon não diz” significa, aqui, “não ocorre nos escritos”. Têm contagem: “bem”, dez formas, duas substantivas; “reconhec-”, dez, e “reconhecimento”, uma, em negativa (Tratado da Luz Interior, Definição); “dignidade”, sete, e “dignitas”, uma, nos Tratados e na Disputatio, nenhuma no Cânon; “presença”, vinte e duas; “transcendência”, cinco, e a decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV lhe dá ao menos quatro usos.

Seis palavras o cânon tem em sentido restrito. “Eterno”: fora da Antífona, que não é tratada neste estudo, ocorre três vezes, em “O eterno dança no tempo” (Cânon, Origem; Catecismo, 4) e em “o Tu eterno que ele ergue sobre a relação é material confessional” (Tratado das Águas Comuns, Fundamentação). “Atemporal”, três: qualifica a luz (“uma luz interior atemporal”, Cânon, Origem). “Particular”, três, em “um momento particular” (Cânon, Origem). “Reflexivo”, duas, na Disputatio: “seu endereço é reflexivo”, o da Misericórdia. “Conversão” não ocorre: a raiz aparece duas vezes nas Meditações, como

“conversa”. “Cotidiano”, quatro: “a Regra de Vida no cotidiano”, e nunca “vida ordinária”. Os homônimos ficam declarados, sem ponte, em 1.12.

Do que o cânon diz e não diz passa-se à forma da Ficha.

6.4 A forma da Ficha

A Ficha de Taylor segue a do Estudo XIV (6.5), aprovada pela decisão n.º 10 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV.

Tem um bloco “Toques — proposta”, com “—” entre a letra do autor e a do cânon, e um bloco “Fronteiras — proposta”, com “×”. A letra do cânon vem entre aspas, com a seção, e tem até quarenta palavras. Não há Ficha de outubro de Taylor, e os Estudos VIII a XIII não têm Ficha na página antiga [tese a confirmar]; o XIV, que escreveu “VIII a XIII”, é o único dessa faixa com Ficha aprovada. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ef)) se a Ficha é aprovada, emendada ou recusada, e se entra na página dos estudos do site, em PT, ES e EN.

Da forma passa-se à Ficha proposta.

6.5 A Ficha proposta

A Ficha abaixo foi proposta pelo estudo e aprovada pelo fundador (decisão n.º 9 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV); nenhuma linha dá nome à Lux.

> Toques — proposta
>
> - A orientação e a Bússola: “Saber quem se é é estar orientado no espaço moral” (*As fontes do self*, 1989, p. 28) [V-en] — “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?” (Cânon v1.2, “A Bússola”) [hipótese do estudo].
> - As teias de interlocução (*webs of interlocution*) e o rio: “Um eu existe só dentro do que chamo ‘teias de interlocução’” (*As fontes do self*, 1989, p. 36) [V-en] — “Ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) [hipótese do estudo].
> - A autenticidade que supõe exigências e o veto: “A autenticidade não é inimiga das exigências que emanam de além do eu; ela as supõe” (*A ética da autenticidade*, 1992, pp. 40–41) [V-en] — “ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”) [hipótese do estudo].
> - A vida ordinária e a Regra de Vida: “aqueles aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução” (*As fontes do self*, 1989, p. 211) [V-en] — “Nas transições (trajetos, esperas, intervalos), voltar ao corpo e ao lugar presente” (Cânon v1.2, “Regra de Vida” (Acender, Portar)) [hipótese do estudo].
> - A articulação da vida e a Revisão do rio: “A articulação tem aqui um sentido moral” (*A ética da autenticidade*, 1992, p. 22) [V-en] — “nomear: o que mudou em mim, o

que resisti em vão, o que entreguei bem” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo de estação) [leitura do estudo; decisão n.º 3 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV].

> - O reconhecimento e o Abrigo: “O devido reconhecimento não é apenas uma cortesia que devemos às pessoas. É uma necessidade humana vital” (“A política do reconhecimento”, 1994, p. 26) [V-en] — “o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII) [hipótese do estudo].

> Fronteiras — proposta

>

> - A fonte moral que se articula × a Lux sem nome (a fronteira central): “A articulação pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” (*As fontes do self*, 1989, p. 92) [V-en] × “a fonte continua sem nome no cânon” (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X); a fonte moral de Taylor não é a Lux [hipótese do estudo].

> - O hiperbem × os graus de visão: “bens que não só são incomparavelmente mais importantes que os outros, mas fornecem o ponto de vista a partir do qual estes devem ser pesados” (*As fontes do self*, 1989, pp. 62–63) [V-en] × “A Lux admite graus de visão, nunca de valor” (decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) [hipótese do estudo].

> - O eu que se define pelo que importa × a Lux antes da avaliação: “Somos eus só na medida em que certas questões importam para nós” (*As fontes do self*, 1989, p. 34) [V-en] × “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [hipótese do estudo].

> - A identidade moldada pelo reconhecimento × a luz antes da relação: “nossa identidade é em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta, muitas vezes pelo reconhecimento errôneo” (“A política do reconhecimento”, 1994, p. 25) [V-en] × “A luz é dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII) [hipótese do estudo].

> - A plenitude (*fullness*) × a presença sem vitória: “Em algum lugar, em alguma atividade ou condição, reside uma plenitude, uma riqueza” (*Uma era secular*, 2007, p. 5) [V-en] × “A Vigília promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”) [hipótese do estudo].

> - A transcendência de um bem além do florescimento humano × a que passa pela matéria: “um bem que está além, no sentido de independente do florescimento humano” (*Uma era secular*, 2007, p. 16) [V-en] × “A transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV); o sentido de Taylor é um quinto uso, que o Pilar IV não responde [leitura do estudo].

> - O palpite teísta × a Independência confessional: “o potencial de certa perspectiva teísta é incomparavelmente maior” (*As fontes do self*, 1989, cap. 25, pp. 517–518) [V-en] × “A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência

confessional”); o texto vale para quem crê, seja quem for, e o estudo não o aplica à fé de Taylor [hipótese do estudo].

> - A moldura imanente (*immanent frame*) de duas leituras × o cânon sem leitura escolhida: “ela admite as duas leituras, sem nos compelir a nenhuma” (*Uma era secular*, 2007, p. 550) [V-en] × “O cânon não é teísta, ateu nem agnóstico” (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV); “moldura” não ocorre nos escritos [hipótese do estudo].

> - Registro, não decisão (g): a política do reconhecimento, matéria do tratado da justiça, segue aberta até o tratado [leitura do estudo].

> - Registro, não decisão (j): Moriá segue como está, com a leitura da decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V; leitura de Taylor sobre Kierkegaard não foi achada nos textos abertos [leitura do estudo].

> - Registro, não decisão (k): Taylor sobre Marx e a fragmentação segue aberta até o estudo de Marx [leitura do estudo].

A Ficha não decide entre o teísmo de Taylor e o humanismo exclusivo (*exclusive humanism*) que ele descreve, e a fórmula do estudo, “aceita o horizonte e recusa o nome” (ver 4.13), não faz do cânon um “Taylor sem Deus”.

Da Ficha passa-se à síntese, no capítulo 7.

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS

7.1 O que o estudo encontrou

O capítulo reúne o que os cinco anteriores mostraram e o põe diante do fundador. O estudo partiu sem Ficha e de uma tese — Taylor toca o cânon onde põe a pessoa a orientar-se por um bem que não escolheu, entre outros sem os quais não se orienta, e separa-se dele onde pede que esse bem seja articulado e nomeado — e chegou a oito fronteiras — a da fonte, a do hiperbem, a do eu, a da identidade, a da plenitude, a da transcendência, a do palpite teísta e a da moldura — e a seis toques, mais três linhas de registro (6.5) [leitura do estudo].

A primeira coisa que o estudo encontrou é que as duas casas põem a pessoa a orientar-se, e que isso não as faz uma só. Taylor escreve que “Saber quem se é é estar orientado no espaço moral” (*As fontes do self*, 1989, p. 28; ver 2.3) e que as molduras “fornecem o pano de fundo, explícito ou implícito, para nossos juízos, intuições ou reações morais” (p. 26); a Bússola pergunta “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?” (Cânon v1.2, “A Bússola”) e “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (3.1, 3.3).

A fronteira passa mais fina: em Taylor, a orientação constitui o eu — “Somos eus só na medida em que certas questões importam para nós” (p. 34; ver 2.3) —; no cânon, a Lux precede quem se orienta, “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e o “quem” se faz na história que a Revisão do rio nomeia (decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX) (4.1, 4.6) [leitura do estudo].

A segunda é a fonte, e é a fronteira central. Taylor pede que a fonte moral seja articulada: “A articulação pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” (*As fontes do self*, p. 92; ver 2.5), e o bem constitutivo é “algo cujo amor nos capacita a fazer e a ser o bem” (p. 93). O cânon tem o Examinar e a Revisão do rio, que articulam a vida — “nomear: o que mudou em mim, o que resisti em vão, o que entreguei bem” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”) —, e não articula nem nomeia a fonte: “a fonte continua sem nome no cânon” (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). Se o Examinar e a Revisão do rio são articulação no sentido de Taylor é a pergunta (dz) (3.3, 4.2) [leitura do estudo].

A terceira é o reconhecimento, e traz o achado do estudo. Taylor escreve que “nossa identidade é em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta, muitas vezes pelo reconhecimento errôneo” (“A política do reconhecimento”, 1994, p. 25; ver 2.9) [V-en], e que o devido reconhecimento “É uma necessidade humana vital” (p. 26); o cânon diz que a luz é “dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII) e

que não é “um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo” (Tratado da Luz Interior, “Definição”).

O achado é que a “dignidade” em que o Estudo VII leu a Lux é, em Taylor, a dignidade igual, distinta da identidade — “o que se estabelece deve ser universalmente o mesmo” × “a identidade única deste indivíduo ou grupo” (p. 38) — e fundada em Kant, num “estatuto de agentes racionais” (p. 41); a hipótese do VII segue registrada como leitura (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), e o estudo pergunta, em (ea), se a distinção fica como fronteira ao lado dela (3.9, 3.10, 4.3) [leitura do estudo].

A quarta é a autenticidade e os horizontes. Taylor escreve que “A autenticidade não é inimiga das exigências que emanam de além do eu; ela as supõe” (*A ética da autenticidade*, 1992, pp. 40–41; ver 2.8), que “os horizontes são dados” (p. 39) e que o “relativismo brando” “se autodestrói” (pp. 17 e 37); o cânon diz “Ninguém começa do zero” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II) e que a Bússola veta caminhos. O toque é o mais estreito do estudo, e dele sai a primeira metade da fórmula; a fronteira é que a autenticidade, ao articular o próprio modo de ser humano, também o define — “Cada um de nós tem um modo original de ser humano” (p. 28) —, e “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). “Autenticidade” e “horizonte” não ocorrem nos escritos (3.7, 3.8, 4.4) [leitura do estudo].

A quinta é a vida ordinária, e é a de menor distância. Taylor afirma “aqueles aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução” (*As fontes do self*, p. 211; ver 2.6) como lugar de valor, com origem protestante declarada; a Regra de Vida dá lugar ao ordinário — Acender, Portar, “Nas transições (trajetos, esperas, intervalos), voltar ao corpo e ao lugar presente” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”) — sem a palavra e sem afirmar nem recusar o ordinário como bem. O Estudo XIII escreveu “vida comum”; a letra de Taylor é “vida ordinária”, e a correção fica dita uma vez (2.6, 3.6, 4.5) [leitura do estudo].

A sexta é a plenitude. Taylor escreve que “Em algum lugar, em alguma atividade ou condição, reside uma plenitude, uma riqueza” (*Uma era secular*, 2007, p. 5; ver 2.10), e que a moldura imanente “admite as duas leituras, sem nos compelir a nenhuma” (p. 550); a Vigília “promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”). “Plenitude” e “moldura” não ocorrem nos escritos; o toque está em “uma luz acesa dentro da noite” (decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), que não promete plenitude e não precisa do fim para valer (3.11, 3.12, 4.7, 4.8) [leitura do estudo].

A sétima é a transcendência e o palpite, a fronteira mais próxima da série e a que fica do lado de lá. Taylor define a transcendência como “um bem que está além, no sentido de independente do florescimento humano” (*Uma era secular*, p. 16; ver 2.10) e declara que “o potencial de certa perspectiva teísta é incomparavelmente maior” (*As fontes do self*, pp. 517–518; ver 2.11); o Pilar IV diz que “A transcendência passa pela matéria” (Cânon

v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV), e o cânon “não decide isso por ninguém”. A transcendência de Taylor é um quinto uso, que o Pilar IV não responde; o texto da Independência confessional vale para quem crê, seja quem for, e o estudo não o aplica à fé de Taylor; o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV) (4.8, 4.9) [leitura do estudo].

A oitava é o depois, que o estudo registra e não pergunta. Taylor escreve do “além da vida” e da conversão (*Uma era secular*, p. 728); o cânon não diz nada do depois (decisão n.º 6 de 06/11/2026 sobre o Estudo V), e “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux fora da Antífona, que não é tratada neste estudo (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V) (4.10).

O que o estudo encontrou de inesperado foi o quanto a série já tinha dito de Taylor sem o ler. Oito estudos o tocaram de passagem (V, VII, IX, X, XI, XII, XIII e XIV), e quatro precisaram de correção sem reabrir: o IX não tinha letra de Ricoeur sobre Taylor, e ela existe, em “Conscience and the Law” (*The Just*, 2000; ver 5.4); o XII glosou a reflexividade radical de Agostinho “como história”, e nos trechos conferidos o argumento de Taylor não aparece como história (ver 2.6, 5.3); o XIII escreveu “vida comum”; o V datou *A ética da autenticidade* de 1991, e a edição de Harvard é de 1992 (ver 2.8). O XIV pôs Taylor na porta do tempo-eixo de Jaspers com a tese a confirmar, e a letra confirma menos do que a tese: Taylor aceita o termo e “não necessariamente muito do que Jaspers associou a esse termo” (*Uma era secular*, n. 9, p. 792; ver 2.10, 5.6) (6.1) [leitura do estudo].

Três registros ficaram ditos como registro, e não como fronteira. A política do reconhecimento, a da dignidade igual e a da diferença, com o liberalismo como “credo combatente” (“A política do reconhecimento”, p. 62; ver 4.11), é matéria do tratado da justiça; o rio “continua sem ser programa político” (decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), e (g) segue aberta até o tratado. Moriá não tem letra em Taylor, e leitura de Taylor sobre Kierkegaard não foi achada nos textos abertos; (j) segue como está (4.11). Marx, que Taylor cita, e a fragmentação, “uma sociedade fragmentada é aquela cujos membros acham cada vez mais difícil identificar-se com sua sociedade política como uma comunidade” (*A ética da autenticidade*, p. 117; ver 4.11), vão à porta de (k), que segue aberta até o estudo de Marx (4.11, 5.9).

7.2 A fórmula

A série dá a cada casa uma fórmula de duas metades: o que o Lumen Fluens aceita dela e o que recusa. O estudo propôs, e o fundador a adotou (decisão n.º 1 de 20 de novembro sobre o Estudo XV): **o Lumen Fluens aceita de Taylor o horizonte e recusa o nome** (4.13).

O horizonte aceito é que o sentido não se escolhe a si mesmo: os horizontes de significado que a autenticidade não escolhe — “A autenticidade não é inimiga das exigências que emanam de além do eu; ela as supõe” (*A ética da autenticidade*, pp. 40–41; ver 2.8), “os horizontes são dados” (p. 39) —, lidos ao lado da Bússola, que veta caminhos e não opiniões, e de “pessoal, nunca individual” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). A palavra “horizonte” não ocorre nos escritos, e os horizontes que Taylor nomeia por Deus não entram no cânon; o que entra é a estrutura — que ninguém dá sentido a si mesmo sozinho —, lida como leitura (4.4, 4.13).

O nome recusado não é o que cada um dá à sua luz. A Independência confessional diz “seja qual for o nome que cada um lhe dê”, e isso fica. O que o cânon recusa é o nome que a filosofia daria por todos: a fonte moral articulada e nomeada que Taylor pede — “A articulação pode nos aproximar do bem como fonte moral” (*As fontes do self*, p. 92; ver 2.5) —, o bem constitutivo e o hiperbem posto como ponto de vista. A recusa é do nome, não da fonte: o cânon não nega que haja fonte, deixa a sua origem em aberto e não decide o que ela é; “fonte” é palavra de Taylor, e nos escritos não é palavra de doutrina fora do trecho que este estudo não trata (4.2, 4.13).

A fórmula tem a fronteira central na segunda metade (4.2). Não nomeia a Lux por contraste; descreve a distância que o estudo lê entre Taylor e o cânon, e a Lux continua sem nome (decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV). Não faz do cânon um “Taylor sem Deus”, porque não decide entre o teísmo de Taylor e o humanismo exclusivo que ele descreve: o cânon fica fora dessa divergência (6.5) [leitura do estudo].

Quatro candidatas caem, com a razão em uma frase cada. “Aceita o horizonte e recusa a fonte”: lê-se como negar que haja fonte, o que o cânon não afirma, e nomearia a Lux por contraste (4.2). “Aceita a orientação e recusa a articulação”: o Examinar e a Revisão do rio articulam a vida, e a questão (dz) é a que decide (4.2, 4.6). “Aceita a avaliação forte e recusa o hiperbem”: “bem” ocorre duas vezes como substantivo nos escritos, nenhuma como nome da Lux, e a Lux é valor, não bem que se hierarquiza (4.1). “Aceita a vida ordinária e recusa a plenitude”: o cânon não afirma nem recusa a primeira e não tem a segunda (4.5, 4.7). A escolha foi a pergunta (dx), decidida pelo fundador [leitura do estudo].

7.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (dx) a (eg) e seguem as do Estudo XIV, que vão de (dm) a (dw). As herdadas (g), (j) e (k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; toda extensão de decisão a Taylor é hipótese ou leitura do estudo; todas são do estudo, e só o fundador decide. O fundador decidiu em 20 de novembro de 2026; cada questão leva a marca da decisão.

(dx) A fórmula. O Lumen Fluens aceita de Taylor o horizonte e recusa o nome, com a glosa de 4.13 — o horizonte como estrutura, lido ao lado da Bússola e de "pessoal, nunca individual"; o nome como o que a filosofia daria por todos, deixado a cada um, na voz de quem o diz —, diante das quatro candidatas que caem? O estudo pergunta ao fundador. (4.2, 4.13, 7.2) [Decidida pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 1): a fórmula está adotada; o horizonte como estrutura, lido ao lado da Bússola; o nome recusado é o que a filosofia daria por todos, não o que cada um dá à sua luz; a recusa é do nome, não da fonte.]

(dy) A avaliação forte e o hiperbem. A avaliação forte e o hiperbem de Taylor — "bens que não só são incomparavelmente mais importantes que os outros, mas fornecem o ponto de vista a partir do qual estes devem ser pesados" (*As fontes do self*, pp. 62–63; ver 2.5) — leem-se ao lado da Bússola e da Lux como valor, como leitura, com a fronteira dita — o bem forte constitui o eu que o avalia × a Lux é anterior a qualquer avaliação e "admite graus de visão, nunca de valor" (decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) —, sem que o hiperbem entre como nome da Lux nem como ranking de bens? O estudo pergunta ao fundador. (3.1, 4.1) [Decidida pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 2): como leitura, com a fronteira dita; o hiperbem não entra como nome da Lux nem como ranking de bens.]

(dz) A articulação da fonte. O Examinar e a Revisão do rio são articulação da vida e leem-se ao lado da articulação de Taylor, como leitura, com a fronteira dita — articular a vida × articular e nomear a fonte moral, "a filosofia não decide isso por ninguém" —, e a fonte moral, o bem constitutivo e o hiperbem ficam como material, na voz de quem os diz, nunca como nome da Lux, como a série fez com o Bem de Platão, o *logos*, a mente luminosa, o *ātman* e o Tao (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 2 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV; n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI)? É a fronteira central e a que decide a segunda metade da fórmula. O estudo pergunta ao fundador. (3.3, 4.2) [Decidida pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 3): o Examinar e a Revisão do rio são articulação da vida, lidos ao lado da de Taylor, como leitura; a fonte moral, o bem constitutivo e o hiperbem ficam como material, nunca nome da Lux.]

(ea) A dignidade, a identidade e o eu dialógico. A distinção de Taylor entre dignidade igual e identidade ("A política do reconhecimento", p. 38; ver 2.9) e o eu dialógico ficam como fronteira lida ao lado da hipótese do Estudo VII, que segue registrada como leitura (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) — o reconhecimento molda a identidade e é "necessidade humana vital" × a luz "dada antes de qualquer relação" (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), que não precisa de "reconhecimento externo" —, sem que o potencial nem o reconhecimento sejam nome ou condição da Lux? A decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, "a Lux é valor; a capacidade é poder", é dita de Ricoeur; o estudo pergunta se vale para a dignidade que Taylor recebe de Kant, e não a estende. O estudo pergunta ao fundador. (3.4, 3.9, 3.10, 4.3, 5.9) [Decidida pelo

fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 4): como fronteira lida ao lado da hipótese do VII, que segue registrada como leitura; a n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX não se estende a Taylor.]

(eb) A autenticidade e os horizontes. Os horizontes de significado de Taylor, que a autenticidade não escolhe, leem-se ao lado de "Ninguém começa do zero", de "pessoal, nunca individual" e da Bússola que veta, como leitura, com a fronteira dita — a autenticidade que, ao articular o próprio modo de ser humano, também o define × a luz que "não se acende — ela se revela" —, sem que "autenticidade" passe a letra do cânon, que diz Integridade e "sem me trair", e sem que "horizonte" seja nome da Lux? O estudo pergunta ao fundador. (3.7, 3.8, 4.4) [Decidida pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 5): como leitura, com a fronteira dita; "autenticidade" não passa a letra do cânon, e "horizonte" não é nome da Lux.]

(ec) A vida ordinária. A afirmação da vida ordinária de Taylor, com a origem protestante como material, lê-se ao lado de Acender, Portar, Examinar e do sabbath do fluxo, como leitura, com a fronteira dita — a vida ordinária afirmada como lugar de valor × a Regra de Vida que a ordena pela luz e a suspende no "não-ato" —, sem que o estudo atribua ao cânon a afirmação nem a recusa do ordinário como bem? A correção ao Estudo XIII, "vida comum" por "vida ordinária", é de palavra e não reabre o XIII. O estudo pergunta ao fundador. (2.6, 3.6, 4.5) [Decidida pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 6): como leitura, com a fronteira dita; o cânon não afirma nem recusa o ordinário como bem; a correção ao XIII é de palavra.]

(ed) A orientação e a busca. A orientação que constitui o eu em Taylor, e a vida entendida "em forma narrativa, como uma 'busca'" (*As fontes do self*, pp. 51–52; ver 2.4) [V-en; V-es: Lizón], leem-se ao lado do Flumen e da Revisão do rio, como leitura, com a fronteira dita — a orientação faz o eu × a Lux o precede e o "quem" se faz na história (decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX) —, sem que a orientação nem a busca sejam nome da Lux? O estudo pergunta ao fundador. (3.3, 3.5, 4.6) [Decidida pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 7): como leitura, com a fronteira dita; nem a orientação nem a busca são nome da Lux.]

(ee) A plenitude, a moldura, o eu poroso, o palpite e a transcendência. A plenitude, a moldura imanente "aberta", o eu poroso e o eu blindado, o palpite teísta e a transcendência "além do florescimento humano" (*Uma era secular*, 2007, pp. 19–20; ver 2.10) [V-en] de Taylor ficam, como leitura, com a fronteira dita — a plenitude como direção e o palpite declarado × "presença, não vitória" e a Independência confessional, "seja qual for o nome que cada um lhe dê" —, e a transcendência de Taylor é um quinto uso, que o Pilar IV não responde, sem que nenhuma dessas palavras seja nome da Lux? O texto da Independência confessional vale para quem crê, seja quem for; o estudo não o aplica à fé de Taylor. O estudo pergunta ao fundador. (3.11, 3.12, 4.7, 4.8, 4.9, 5.7)

[Decidida pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 8): como leitura, com a fronteira dita; a transcendência de Taylor é um quinto uso; o estudo não aplica a Independência confessional à fé de Taylor.]

(ef) A Ficha proposta. Não há Ficha de outubro de Taylor. O estudo propõe, em 6.5, seis toques e oito fronteiras, mais três linhas de registro, com a linha "A articulação da vida e a Revisão do rio" marcada à espera de (dz); o fundador aprova, emenda ou recusa a Ficha, decide se os silêncios de Taylor (5.10) entram nela como "sem letra", e se ela entra na página dos estudos do site, em PT, ES e EN? (4.13, 5.10, 6.4, 6.5) [Decidida pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 9): a Ficha está aprovada como proposta em 6.5 — seis toques, oito fronteiras e três linhas de registro — e entra na página dos estudos do site nas três línguas; os silêncios ficam no estudo, não na Ficha.]

(eg) O padrão das fronteiras diante de um autor vivo. O padrão da série — a obra lida, a biografia anotada, nenhuma resposta posta na boca de Taylor (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV; n.º 11 de 06/11/2026 sobre os Estudos V e VI; n.º 11 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV) — estende-se a este estudo, com um autor vivo, de fé declarada e de vida pública no Québec: as candidaturas pelo Novo Partido Democrático, a Comissão Bouchard-Taylor, o comunitarismo e o catolicismo, que o estudo nomeia como biografia, não como fronteira? (2.1, 2.11, 4.12, 5.10) [Decidida pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 10): o padrão estende-se a Taylor, autor vivo: obra lida, biografia anotada, nenhuma resposta posta na boca dele.]

(g) A justiça devida ao lobo. A política do reconhecimento de Taylor, a da dignidade igual e a da diferença, é registro, não fronteira nem toque: o cânon não é programa político, e "o rio continua sem ser programa político" (decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). Registra-se, sem decidir, e (g) segue aberta até o tratado da justiça. (3.10, 4.11) [Registrada pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 12): registro adotado: a política do reconhecimento é matéria do tratado da justiça; (g) segue aberta até o tratado.]

(j) Moriá. A questão recebeu uma leitura na decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V, e os Estudos VI e XIV registraram o silêncio de suas casas (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI; n.º 12 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV). Taylor não tem letra sobre Moriá, e leitura de Taylor sobre Kierkegaard não foi achada nos textos abertos; o estudo registra o silêncio, não acrescenta leitura, e (j) segue como está. Nada se pergunta. (4.11, 5.9) [Registrada pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 12): registro adotado: (j) segue como está, com a leitura da n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V.]

(k) O mal estrutural. A porta para Marx recebe de Taylor o que ele cita de Marx (*Uma era secular*, pp. 545 e 690) e a fragmentação, "uma sociedade fragmentada é aquela cujos membros acham cada vez mais difícil identificar-se com sua sociedade política como

uma comunidade” (*A ética da autenticidade*, p. 117); “Marxism and Humanism” (1957) fica como letra de um texto de juventude, sem leitura do original. (k) segue aberta até o estudo de Marx. (4.11, 5.9) [Registrada pelo fundador em 20/11/2026 (Estudo XV, n.º 12): registro adotado: Marx e a fragmentação vão à porta; (k) segue aberta até o estudo de Marx.]

7.4 O que Taylor oferece

À Bússola, Taylor oferece as palavras da orientação: “Saber quem se é é estar orientado no espaço moral”, as molduras inescapáveis, os horizontes que “são dados” e o veto ao relativismo brando, que “se autodestrói”. A pergunta da Bússola — “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?” — tem nelas as suas letras mais próximas fora do cânon, com a fronteira de que a Bússola veta caminhos, não opiniões, e de que a Lux precede quem se orienta (3.1, 3.3, 3.8, 4.1, 4.6) [leitura do estudo].

Às Águas Comuns, Taylor oferece as teias de interlocução e o eu dialógico: “Um eu existe só dentro do que chamo ‘teias de interlocução’”, e o reconhecimento como “necessidade humana vital”. “Ninguém navega um rio privado” e “pessoal, nunca individual” têm aí letras vizinhas — com a fronteira de que no cânon a luz é “dada antes de qualquer relação” e não precisa de “reconhecimento externo”, e de que o Abrigo “revela” o que já está lá (3.2, 3.4, 3.10, 4.3) [leitura do estudo].

À Regra de Vida, Taylor oferece a afirmação da vida ordinária e a articulação como gesto moral — “A articulação tem aqui um sentido moral” (*A ética da autenticidade*, p. 22; ver 2.5) —, ao lado de Acender, Portar e Examinar. A fronteira é dupla: o cânon dá lugar ao ordinário sem o afirmar como bem, e articula a vida sem articular a fonte; a segunda é a questão (dz) (3.3, 3.6, 4.2, 4.5) [leitura do estudo].

À Vigília, Taylor oferece, por contraste, a plenitude e a moldura imanente de duas leituras, e a Vigília responde com “presença, não vitória” e com “uma luz acesa dentro da noite”; o toque é que nenhuma das duas casas se contenta com a leitura fechada da moldura, e a fronteira é que o cânon não promete plenitude nem a nomeia (3.11, 3.12, 4.7, 4.8) [leitura do estudo].

À Independência confessional, Taylor oferece o que ela não diz e deixa a cada um: o palpite teísta declarado, a “pessoa de fé” que escreve filosofia sem a impor, a transcendência “além do florescimento humano”. O cânon não decide por ninguém, e a fronteira passa entre declarar o palpite e não decidir; o estudo não aplica o texto da Independência à fé de Taylor (4.8, 4.9, 5.7) [leitura do estudo].

À série, Taylor oferece a casa em que a palavra “fonte” aparece dos dois lados com peso, e uma fórmula cuja segunda metade recusa um nome [leitura do estudo], e não uma coisa. As fórmulas já fixadas têm duas metades — o budismo, a atenção e não a chegada; a Stoa, o exame e não o consentimento; o cristianismo, a anterioridade e não o juízo; o

Vedanta, a descoberta e não a dissolução; o existencialismo, a escolha e não a invenção; Marcel e Jaspers, a presença e não a cifra —, e esta diz: o horizonte, e não o nome.

Deixa também portas abertas: Marx, pela questão (k); Spinoza, por cujo "caminho aberto" Taylor vê a Natureza idêntica a Deus e depois independente dele, e "o Plano fica sem planejador" (*Uma era secular*, 2007, p. 543; ver 5.9) [V-en]; Kant e Pascal, de que Taylor lê a dignidade e a grandeza e miséria (3.15, 5.9); e Kierkegaard, sobre quem Taylor não tem letra achada. Taylor fecha uma lista e abre outra: a ordem seguinte, decidida pelo fundador em 20/11/2026, é Kierkegaard (XVI), Spinoza (XVII), Kant (XVIII) e Pascal (XIX).

7.5 A lamparina

A série termina cada estudo com a lamparina: a de museu, a guardada do vento, a posta no rio. Nos textos que o estudo leu, Taylor não traz a imagem; traz a pessoa "orientada no espaço moral", dentro de "teias de interlocução", diante de horizontes que "são dados" e de uma fonte moral que ele pede que se articule e se nomeie. O cânon diz que a luz "não se acende — ela se revela", que "Ninguém navega um rio privado" e que a filosofia "não decide isso por ninguém". Entre o horizonte e o nome passa a fronteira deste estudo, e o que está dos dois lados dela é a pessoa que não dá sentido a si mesma sozinha, lida ao lado da Bússola como leitura do estudo.

O cânon não é Taylor sem a fonte nomeada; e Taylor não é o Lumen Fluens com um nome a mais para a Lux. Taylor e o cânon põem a pessoa a orientar-se por um bem que não inventou; Taylor pede que esse bem seja articulado e, no limite, nomeado; o cânon deixa o nome a cada um e vela sem ele. A fórmula foi adotada pelo fundador (decisão n.º 1 de 20 de novembro sobre o Estudo XV): o Lumen Fluens aceita de Taylor o horizonte e recusa o nome. A lamparina posta no rio, entre outras lamparinas; e a fonte, de que o cânon não diz o nome [leitura do estudo].

REFERÊNCIAS

Bibliografia

Referências no formato simplificado da norma brasileira de referências: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo e em que seções ela é citada. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição de que o estudo tirou a passagem, conferida no texto), **intermediário** (o leitor, ou o bloco citado por ele, por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, mas nenhuma edição foi aberta). Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando as Fontes a dão, e nos demais casos está escrito [cidade a completar]. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa. Taylor é autor vivo: a bibliografia só dá as datas das edições, e nenhuma outra.

Taylor é citado em inglês, e o português das citações é do estudo: nenhuma tradução portuguesa de Taylor foi usada, e não há marcador de tradução portuguesa neste estudo. Foram conferidos no texto *A ética da autenticidade* (Harvard University Press, 1992), "A política do reconhecimento" (em Gutmann, org., Princeton University Press, 1994), *Uma era secular* (Belknap Press, 2007) e a conferência do Prêmio Kyoto (2008, texto da Fundação Inamori). O inglês de *As fontes do self* (Harvard University Press, 1989) não foi conferido no exemplar: foi conferido em blocos citados por obras de terceiros, página a página, e é esse inglês que o marcador [V-en] atesta para esse livro; onde o bloco não alcança a frase, o marcador é [V-es: Lizón], da tradução espanhola (Paidós), ou [V via secundária]. O "Précis" de 1994 e *Argumentos filosóficos* (1995) levam [V-en], mas o Prólogo não os conta entre as obras conferidas no texto, e a via por que chegaram está a completar. Os *Philosophical Papers* só chegam pelo que as Fontes dizem (blocos de Chernilo, Desouza e Meijer). Não foram abertos *Hegel* (1975), *Uma modernidade católica?* (1999), a réplica de Taylor a Tully nem o relatório da Comissão Bouchard-Taylor (2008), que chega pela reportagem da Canadian Broadcasting Corporation; *Dilemas e conexões* (2011) chega por Schoenberg; "Deus ama os advérbios" só foi nomeado; Ricoeur sobre Taylor (*Conscience and the Law* e *The Fundamental and the Historical*) chega por Newing; os dados de Taylor e de sua biografia (a tese de Oxford, os prêmios, as candidaturas) chegam por Wallace, pela Fundação Inamori e pela emissora canadense. Os Estudos I a XIV e as decisões do fundador entram como leitura anterior e se citam pelas seções. Só entram obras citadas no Prólogo e nos seis capítulos, isto é, nas listas de Fontes de cada um. Sem acrônimos: toda obra vai pelo título por extenso, e as versões dos Estudos I a XIII seguem a bibliografia do Estudo XIV, porque as Fontes deste estudo não as dão.

Taylor: edições e traduções

1. TAYLOR, Charles. Marxism and Humanism. *New Reasoner*, [cidade a completar], v. 2, 1957, p. 94. [Nomeada, não aberta. Intermediário: Wallace (n.º 48), p. 231, marcada [V via secundária]; a frase citada é a dos "inimigos do socialismo". Título em português: o estudo mantém o original. 3.11, 4.9.]

1. TAYLOR, Charles. *Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975. [Nomeada, não aberta (o Prólogo a lista entre as obras não abertas). Intermediário: Wallace (n.º 48), p. 232, n. 836, para a frase da p. 461 ("We need at once freedom

and post-industrial Sittlichkeit"), marcada [V via secundária]; o Estudo VII a deixou "citado como leitura, sem página" (Estudo VII, cap. 1, bibliografia). 4.1.]

1. TAYLOR, Charles. *Philosophical Papers*, vol. 1 (*Human Agency and Language*). Cambridge: Cambridge University Press, 1985. [Intermediário: o volume não foi aberto no exemplar; o inglês [V-en] vem de blocos de Chernilo (2017, pp. 160–161), de Desouza (tese, 1998) e de Meijer (2018), e as páginas citadas são as 3, 15–16, 24, 26, 28–29, 34, 40 e 42, mais a Introdução, p. 3. O ensaio "O que é a agência humana?" ("What is human agency?", 1977), que o Prólogo cita, está neste volume; o título do volume fica em inglês, como no estudo. 1.2, 1.5, 2.1, 3.1, 4.8.]

1. TAYLOR, Charles. *As fontes do self* (*Sources of the Self*). Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 1989. [Intermediário: o inglês não foi conferido no exemplar, e sim em blocos citados por obras de terceiros, página a página — Colorado (2009, notas 219, 329, 331, 332 e 351), Choi (tese de Durham), Meijer, Turner (2013), Chernilo, Greene, Brooks (2022), Van der Westhuizen (org.), Schoenberg (2016) e Teixeira (por Estudo XII, 5.4) —, e é esse inglês que o marcador [V-en] atesta; onde o bloco não alcança, o marcador é [V-es: Lizón] ou [V via secundária]. Citados: cap. 1, pp. 26–27; cap. 2, pp. 28, 34, 35, 36, 47 e 51–52; cap. 3, pp. 58 e 62–63; cap. 4, pp. 92–93; cap. 7, pp. 128–133, 141 e 143; cap. 21, pp. 374–376; cap. 23, p. 419; cap. 25, pp. 517–519; parte III, p. 211; p. 107 ("localização a confirmar"); o título do cap. 3, "A ética da inarticulação". Prólogo, 1.3 a 1.7, 1.10 a 1.12, 2.2 a 2.6, 2.14, 3.1 a 3.3, 3.5, 3.6, 3.8, 4.3, 4.7, 5.1, 5.5, 6.1 a 6.5.]

1. TAYLOR, Charles. *As fontes do self*. Edição espanhola. Tradução de Lizón. [Cidade a completar]: Paidós, [ano: dados a completar]. [Título espanhol: dados a completar. Edição de consulta, em espanhol [V-es: Lizón], para o que o bloco inglês não alcança: p. 52 ("urdimbre", para as teias de interlocução), p. 68 (a vida como "busca", que no inglês é das pp. 51–52; a página inglesa leva "página a confirmar") e p. 441 (resumo do cap. 23). 1.4, 1.7, 2.5, 3.6, 5.1, 6.3.]

1. TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*). Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 1992. [Edição de consulta, em inglês [V-en], conferida no texto. É o mesmo texto de *O mal-estar da modernidade* (*The Malaise of Modernity*, Anansi, 1991); o Estudo V datou a obra de 1991, e a edição de Harvard é de 1992 (Estudo V, 4.14). Citadas as pp. 2, 4, 5, 7 (paráfrase), 15, 17, 18, 22, 23, 28 (e n. 22, p. 127), 29, 33, 37, 39, 40–41, 47–48, 51–52, 61, 68, 71–73, 82, 117 e 121. Prólogo, 1.4, 1.5, 1.7, 1.8, 2.7, 2.8, 2.10, 2.13, 2.15, 3.2 a 3.4, 3.11, 4.5, 5.1, 5.5, 6.1 a 6.5.]

1. TAYLOR, Charles. A política do reconhecimento (The Politics of Recognition). In: GUTMANN, Amy (org.). *Multiculturalism* (n.º 30). Princeton: Princeton University Press, 1994. [Edição de consulta, em inglês [V-en], conferida no texto. Citadas as pp. 25, 26, 29, 36, 38, 41, 50, 62, 66, 67 e 70; as pp. 25 e 41 chegam também pelo Estudo VII, 2.4 e 3.1 ([V via secundária: Estudo VII]). Prólogo, 1.6, 1.9, 2.9, 2.10, 3.3, 3.11, 4.1, 4.3, 4.9, 5.5, 6.1, 6.3, 6.4.]

1. TAYLOR, Charles. Précis of *Sources of the Self*. 1994, p. 185. [Título do volume em que saiu, cidade e editora: dados a completar. Marcado [V-en]; o Prólogo não o conta entre as obras conferidas no texto, e a via por que chegou fica a completar. 4.3.]

1. TAYLOR, Charles. *Argumentos filosóficos* (*Philosophical Arguments*). [Cidade a completar]: Harvard University Press, 1995. [Cap. 1, "Overcoming Epistemology". Marcado [V-en] com "página a confirmar"; o Prólogo não o conta entre as obras conferidas no texto, e a via por que chegou fica a completar. 1.8, 4.5.]

1. TAYLOR, Charles. *Uma modernidade católica?* (*A Catholic Modernity?*). In: HEFT, [prenome: dados a completar] (org.). [Título do volume: dados a completar.] [Cidade a completar]: Oxford University Press, 1999. p. 19. [Nomeada, não aberta (o Prólogo a lista entre as obras não abertas). Intermediário: Schoenberg (n.º 41), com Stout, [V via secundária], página a confirmar. A conferência é de 1996 e foi publicada em 1999. 1.10, 4.7.]

1. TAYLOR, Charles. *Uma era secular* (*A Secular Age*). Cambridge (Massachusetts): Belknap Press of Harvard University Press, 2007. [Edição de consulta, em inglês [V-en], conferida no texto (corpo, notas e índice). A tradução brasileira, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, não foi aberta e só chega por Kotz (n.º 32). Há notas citadas (n. 8, p. 780; n. 9, p. 792; n. 17, p. 842; n. 37 e n. 38, p. 844) e buscas por índice (pp. 213, 348–349, 664; Spinoza, pp. 274–275, 280, 363, 596; *Tratado teológico-político*, p. 271). Prólogo, 1.5, 1.10, 2.11, 2.12, 2.15, 3.2, 3.5, 3.7 a 3.11, 4.1 a 4.9, 5.1, 5.5, 6.1, 6.3.]

1. TAYLOR, Charles. Conferência do Prêmio Kyoto, 2008. Texto da Fundação Inamori (volume do prêmio). [Cidade e título do volume: dados a completar. Edição de consulta, em inglês [V-en], conferida no texto: pp. 181, 187 e 197. Prólogo, 1.1, 1.11, 3.8, 4.2, 4.7, 4.9, 5.1, 6.4.]

1. TAYLOR, Charles. *Dilemas e conexões* (*Dilemmas and Connections*). Cambridge (Massachusetts): Belknap Press of Harvard University Press, 2011. [Nomeada, não aberta. Intermediário: Schoenberg (n.º 41), *Roczniki Filozoficzne* 64/4, 2016, para a p. 173, marcada [V via secundária] com página a confirmar. 3.10.]

1. TAYLOR, Charles. *The Explanation of Behaviour*. [Cidade, editora e ano: dados a completar.] [Nomeada, não aberta. Título em português: o estudo mantém o original. É a tese de doutorado de Oxford, que o texto de Kyoto (p. 181) descreve como crítica do behaviorismo psicológico "later published as The Explanation of Behaviour" e que Wallace (n.º 48) intitula "The Explanation of Behaviour in Social Science"; o título da tese fica [tese a confirmar]. 1.1.]

1. TAYLOR, Charles. Deus ama os advérbios (God Loveth Adverbs). [Dados de publicação: dados a completar.] [Nomeada, não aberta: título e localização não conferidos ("localização a confirmar"). Citada como o lugar de Taylor sobre a origem protestante da afirmação da vida ordinária. 3.5.]

A tradição e os intérpretes

1. ABBEY, Ruth. *Charles Taylor*. [Cidade e editora: dados a completar.] 2000, p. 18. [Intermediário: Meijer (n.º 35), p. 12. A frase é que Taylor "não está sugerindo que cada escolha que um indivíduo faz seja objeto de avaliação forte". 1.2.]

1. ABBEY, Ruth (org.). *Charles Taylor*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. Introdução, p. 5. [Intermediário, [V via secundária: Abbey]: os planos "vertical" e "horizontal". 1.4, 2.5.]

1. APPIAH, Anthony. Identity, Authenticity, Survival: Multicultural Societies and Social Reproduction. In: GUTMANN, Amy (org.). *Multiculturalism* (n.º 30). Princeton: Princeton University Press, 1994. pp. 149–163. [Texto de consulta, em inglês [V-en] (p. 162; a 1.8 o dá em paráfrase). 1.8, 3.3.]

1. BROOKS, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] 2022. [Intermediário: o bloco de *As fontes do self*, cap. 2, p. 47, vem por esta obra. 1.4.]

1. CALHOUN, Craig. Morality, Identity, and Historical Explanation. *Sociological Theory*, [cidade a completar], v. 9, n. 2, 1991. [Texto de consulta, em inglês [V-en], com paráfrases do estudo: pp. 232, 233, 234, 243 (n. 15), 244 (nn. 16 e 17) e 247. 1.3, 1.6, 4.2, 4.5, 4.7, 4.9.]

1. CANADIAN BROADCASTING CORPORATION. Reportagem de 22/05/2008 sobre o relatório da Comissão Bouchard-Taylor. [Título e endereço: dados a completar.] [Intermediário, [V via secundária]: o relatório (2008) não foi aberto, e as recomendações sobre símbolos religiosos chegam só por esta reportagem. Prólogo, 1.11.]

1. CARR, [prenome: dados a completar]; TAYLOR; RICOEUR. Carr, Taylor and Ricœur. 1985/1991, pp. 174–179. [Discussão publicada, citada assim por Newing

(n.º 36), n. 38, p. 110, [V via secundária], com "atribuição a confirmar": falta decidir quem assina o quê, e o título e a publicação são dados a completar. 4.4.]

1. CASANOVA, [prenome: dados a completar]. A Secular Age: Dawn or Twilight? In: CALHOUN, Craig; WARNER, [prenome: dados a completar]; VANANTWERPEN, [prenome: dados a completar] (orgs.). *Varieties of Secularism in a Secular Age*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 2010. cap. 11. [Texto de consulta, em inglês [V-en]; a página leva "localização a confirmar". A "narrativa mestra da Reforma". 3.5.]

1. CHERNILO, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] 2017, pp. 160–161. [Intermediário: blocos de *Philosophical Papers*, vol. 1 (pp. 3, 15–16, 24, 26, 34 e 40). 1.2, 1.5.]

1. CHOI, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] Tese. Durham: [universidade: dados a completar]. [Intermediário: o bloco de *As fontes do self*, cap. 7, p. 141, vem por esta tese. 4.3.]

1. COLORADO, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] 2009. [Intermediário: blocos de *As fontes do self* (cap. 2, pp. 35–36; cap. 7, pp. 128–131 e 143; cap. 25, pp. 517–518), pelas notas 219, 329, 331, 332 e 351; a nota 219 é a de 4.7, e a de 3.8 vai como [V via secundária: Colorado]. 1.4, 3.8, 4.3, 4.7.]

1. DESOUZA, Nigel. [Título: dados a completar.] Tese. Victoria: University of Victoria, 1998. [Intermediário: blocos de *Philosophical Papers*, vol. 1 (pp. 40 e 42) e a expressão "radical re-evaluation", com "localização a confirmar". 1.2.]

1. FLANAGAN, Owen. *Self Expressions*. [Cidade a completar]: Oxford University Press, 1996. p. 146. [Intermediário: Meijer (n.º 35), p. 12. "Não há tal coisa como um avaliador forte puro." 1.2.]

1. FRASER, [prenome: dados a completar]; HONNETH, [prenome: dados a completar]; SKINNER, [prenome: dados a completar]. [Obras: dados a completar.] [Nomeados no estudo (1.9) como leitores de Taylor que *não foram lidos*; entram só para que a lacuna fique escrita. "Atribuição a confirmar".]

1. GUTMANN, Amy (org.). *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994. [Volume que traz "A política do reconhecimento" (n.º 7), o ensaio de Appiah (n.º 18) e os de Habermas (n.º 31) e Walzer (n.º 49). Subtítulo: dados a completar.]

1. HABERMAS, Jürgen. Struggles for Recognition in the Democratic Constitutional State. In: GUTMANN, Amy (org.). *Multiculturalism* (n.º 30). Princeton: Princeton

University Press, 1994. p. 109 (e pp. 112 e 116, em paráfrase). [Texto de consulta, em inglês [V-en]: Taylor "continua ambíguo no ponto decisivo". 1.9, 3.11.]

1. KOTZ, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] 2018. [Intermediário, [V via secundária], sobre a tradução da Universidade do Vale do Rio dos Sinos de *Uma era secular* ("protegido", "estrutura imanente"); a tradução não foi aberta. 1.10.]

1. LAITINEN, Arto. *Strong Evaluation without Moral Sources*. [Cidade e editora: dados a completar.] 2008. [Nomeada, não aberta; só o título entra, com "tese a confirmar". 1.5.]

1. MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude* (*After Virtue*). 3. ed. [Cidade e editora: dados a completar.] 2007. pp. 218–219. [Nomeada; a unidade narrativa de uma vida como busca vem em paráfrase, com "localização a confirmar". 1.4.]

1. MEIJER, Matthijs. Strong Evaluation Down the Decades. *Philosophy and Theology*, [cidade a completar], v. 30, n. 1, 2018. [Texto de consulta, em inglês, para a raiz da avaliação forte em Frankfurt (1971) e para blocos de *Philosophical Papers* (pp. 28–29, no capítulo 4); intermediário de Abbey (n.º 16) e de Flanagan (n.º 28). 1.2, 4.8.]

1. NEWING, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] 2022. [Intermediário de Ricoeur (n.º 37; n.º 38), [V via secundária]: pp. 77–80, nn. 28 e 29 (pp. 77–78) e n. 38 (p. 110). A inspiração aristotélica que Ricoeur reconhece em Taylor está na p. 78, n. 29. 3.2, 4.2, 4.4, 5.1, 6.1.]

1. RICOEUR, Paul. Conscience and the Law (1994). In: *The Just*. Tradução de D. Pellauer. Chicago: University of Chicago Press, 2000. p. 148 (e pp. 146–155). [Intermediário: Newing (n.º 36). Título em português: o estudo mantém o original. 4.4, 5.1, 6.1.]

1. RICOEUR, Paul. The Fundamental and the Historical: Notes on Charles Taylor's *Sources of the Self* (2001). In: *Reflections on the Just*. Chicago: University of Chicago Press, 2007. pp. 168–184 (p. 183). [Intermediário: Newing (n.º 36), pp. 79–80. Título em português: o estudo mantém o original. 3.2, 4.4, 5.1.]

1. RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro* (*Soi-même comme un autre*). [Cidade e editora: dados a completar.] 1990. [Nomeada, não aberta: a página em que Ricoeur cita Taylor não foi achada ("tese a confirmar"). 4.4, 5.1.]

1. RORTY, Richard. Taylor on Truth. In: TULLY, James (org.). [Título do volume: dados a completar.] [Cidade e editora: dados a completar.] 1994. [Texto de consulta,

em inglês [V-en], com "página a confirmar": hiperbens × bens ordinários. Título em português: o estudo mantém o original. 1.5.]

1. SCHOENBERG, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] *Roczniki Filozoficzne*, [cidade a completar], v. 64, n. 4, 2016. [Intermediário, [V via secundária]: de *Uma modernidade católica?* (n.º 10), p. 19 ("exclusivamente numa noção de florescimento humano"), de *As fontes do self*, p. 517 (via p. 181 de Schoenberg), de *Dilemas e conexões* (n.º 13), p. 173, e o bloco da p. 18 de *Uma era secular* ("puramente autossuficiente"). 1.10, 3.10, 4.7.]

1. STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. [Verbete, autor e data: dados a completar.] [Intermediário, [V via secundária]: o verbete foi lido no Estudo XIII e distingue Arendt dos comunitaristas, entre eles Taylor, com "tese a confirmar". 3.12, 4.5.]

1. TEIXEIRA, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] [Intermediário: citado no Estudo XII, 5.4, para a p. 131 de *As fontes do self*; o início da frase não foi visto. 4.3, 5.1.]

1. THOMSON, [prenome: dados a completar]. Transcendence and the Problem of Otherworldly Nihilism. *Inquiry*, [cidade a completar], v. 54, n. 2, 2011. n. 26. [Texto de consulta, em paráfrase do estudo: Levinas e Heidegger sobre a morte; a ideia é de Thomson, não de Taylor. Título em português: o estudo mantém o original. 4.6.]

1. TULLY, James (org.). [Título: dados a completar.] [Cidade e editora: dados a completar.] 1994. [Volume que traz o ensaio de Rorty (n.º 40). Não aberto no mais: a réplica de Taylor a Tully, que o Prólogo diz não aberta, e a "réplica de James Tully" de 1.9 têm a direção a conferir. Prólogo, 1.5, 1.9.]

1. TURNER, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] 2013. [Intermediário: o bloco de *As fontes do self*, cap. 1, p. 26, vem por esta obra. 1.3.]

1. VAN DER WESTHUIZEN, [prenome: dados a completar] (org.). [Título: dados a completar.] [Intermediário: o bloco de *As fontes do self*, cap. 1, p. 27 (só o começo da frase). 1.3.]

1. WALLACE, Nathan. *Redemption and Reform in A Secular Age*. Tese de doutorado. Oxford: [universidade: dados a completar], 2023. [Intermediário, [V via secundária]: o quadro cronológico (p. 16), a entrevista de 2008 (p. 97, n. 283), o texto de 1957 (p. 231), *Hegel* (p. 232, n. 836) e a p. 276. O Prólogo (Fonte 18) a nomeia "Charles Taylor, 2023, quadro cronológico", e a Fonte 66 do capítulo 4, "Redemption and Reform in A Secular Age"; a bibliografia a trata como uma só obra, e isso fica a conferir. Prólogo, 1.1, 1.11, 3.11, 4.1, 4.8, 4.9.]

1. WALZER, Michael. Comment. In: GUTMANN, Amy (org.). *Multiculturalism* (n.º 30). Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 99. [Texto de consulta, em paráfrase do estudo, com "localização a confirmar" (3.11). 1.9, 3.11.]

1. WILLIAMS, Bernard. Republican and Galilean. *The New York Review of Books*, [cidade a completar], 08/11/1990. [Texto de consulta, em inglês [V-en]; o juízo é de Williams, e a letra de Taylor que o sustente não foi achada ("localização a confirmar"). 4.1, 4.7.]

O cânon e os escritos do Lumen Fluens

1. LUMEN FLUENS. *Cânon do Lumen Fluens*, versão 1.2. Agosto de 2026. [Autoridade final. Seções citadas: "A Bússola"; "As Águas Comuns"; "Os Quatro Pilares" (I, II, III e IV); "A Vigília"; "O Abrigo"; "Regra de Vida" (Acender, Portar, Examinar; Ritmo diário, Ritmo semanal e Ritmo de estação); "Independência confessional"; "Origem"; Parte III, "A trilha dos escritos". Prólogo, 1.12, 2.1 a 2.13, 3.1 a 3.9, 3.13, 5.3, 5.5, 6.1 a 6.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*. [Seções citadas: Definição, Fundamentação, O problema que responde, Objeção provável e resposta breve, Nota sobre o nome. Prólogo, 1.12, 2.5 a 2.7, 2.9, 2.10, 2.15, 3.1 a 3.4, 3.6, 4.3 a 4.5, 5.3, 6.1, 6.3, 6.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*. [Seções citadas: Definição, Fundamentação, Objeção provável e resposta breve, Síntese. 2.11, 2.12, 2.15, 3.2, 3.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*. [Seções citadas: Definição e Fundamentação. 2.13, 3.3, 5.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio sobre a luz interior e o mal*. [Seções citadas: "2. Sed contra" e "3. Respondeo". 3.9, 5.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*. Validado em 18/10/2026. [Citadas as perguntas 4 e 17. 3.9, 5.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*. [Citadas "O Acender da manhã" e "O sabbath do fluxo". 5.3; no Prólogo, nomeadas nas contagens de vocabulário.]

1. LUMEN FLUENS. *Glossário*. Versão 1.0, validada em 4/11/2026. [Nomeado no "Como ler este estudo", nas contagens de vocabulário; nenhuma passagem é citada. Prólogo.]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos I a VII*. Outubro de 2026. [Citada a Ficha do Estudo V, "Bússola e autenticidade", corrigida pela decisão n.º 10 de 06/11/2026

(Estudo V). 5.1. Não há Ficha de Taylor: a que o estudo propõe em 5.5 é proposta.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado I*. Versão 1.1, 3/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 03/11/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado II*. Versão 1.1, 3/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 03/11/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado III*. Versão de 4/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 04/11/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IV*. Versão de 4/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 04/11/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado V*. Versão de 6/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 06/11/2026. Seções citadas: 2.2 e 4.14 (a data de *A ética da autenticidade*), mais a Ficha de outubro.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VI*. Versão de 6/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 06/11/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII*. Sem linha de versão. [Validação: decisões do fundador de 17/10/2026. Seções citadas: 1.4, 2.1, 2.4 e 3.1, e o capítulo 1, bibliografia (*Hegel*).]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII*. Versão de 19/10/2026. [Validação: decisões do fundador de 19/10/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX*. Versão 1.1 de 23/10/2026 (1.0 em 22/10). [Validação: decisões do fundador de 23/10/2026. Seção citada: 5.6.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X*. Versão de 23/10/2026. [Validação: decisões do fundador de 23/10/2026. Seções citadas: 1.11 e 5.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI*. Versão de 31/10/2026 (1.0 em 30/10). [Validação: decisões do fundador de 31/10/2026. Seções citadas: 5 e 5.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII*. Versão de 31/10/2026 (1.0 em 30/10). [Validação: decisões do fundador de 31/10/2026. Seções citadas: 5.3 e 5.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII*. Versão de 31/10/2026. [Validação: decisões do fundador de 31/10/2026. Seções citadas: 4.6, 4.8, 5.2 e 5.3, e o cabeçalho ("Princípio da série", 2.14).]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIV*. Versão 1.1 de 12/11/2026 (1.0, para validação, na mesma data). [Validação: decisões do fundador de 12/11/2026. Seções

citadas: 4.8, 4.9 e 5.5, e o cabeçalho ("Princípio da série", 2.14).]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10/2026* (Estudo VII). [N.º 1, 2 e 3. Prólogo, 2.4, 2.10, 3.3, 4.1, 5.2, 5.5, 6.1, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10/2026* (Estudo VIII). [N.º 1. 4.6.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026* (Estudo IX). [N.º 1, 2, 4 e 11. Prólogo, 1.12, 2.3, 2.5, 2.9, 3.1, 3.3, 3.6, 4.4, 4.9, 5.2, 6.1, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026* (Estudo X). [N.º 1, 2, 3 e 7. Prólogo, 1.12, 2.8, 2.9, 3.1, 3.2, 4.2, 5.1, 5.2, 5.5, 6.1 a 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026* (Estudo XI). [N.º 1, 4, 7, 8 e 9. 1.11, 3.5, 3.12, 4.2, 5.2, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026* (Estudo XII). [N.º 1, 2 e 7. 3.2, 3.8, 4.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026* (Estudo XIII). [N.º 1, 4, 5, 6, 9 e 11. Prólogo, 1.9, 2.9, 3.3, 3.11, 4.5, 4.9, 5.1, 5.2, 6.1, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026* (Estudo I). [N.º 1 e 3. Parte delas é citada com o rótulo "Estudos I e II". 2.9, 4.7, 5.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026* (Estudo II). [N.º 1, 7 e 11. Parte delas é citada com o rótulo "Estudos I e II". 2.15, 3.12, 4.1, 4.7, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026* (Estudo III). [N.º 1 e 11. Parte delas é citada com o rótulo "Estudos III e IV". 3.12, 4.7, 5.2, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026* (Estudo IV). [N.º 1, 2 e 11. Parte delas é citada com o rótulo "Estudos III e IV". 3.12, 4.8, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 06/11/2026* (Estudo V). [N.º 1, 6, 9, 10, 11 e 12. Parte delas é citada com o rótulo "Estudos V e VI". Prólogo, 3.1, 3.4, 3.10 a 3.12, 4.8, 5.2, 5.5, 6.1, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 06/11/2026* (Estudo VI). [N.º 1, 4, 11 e 12. Parte delas é citada com o rótulo "Estudos V e VI". 3.12, 4.8, 5.2, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 12/11/2026* (Estudo XIV). [N.º 1, 3, 8, 9, 10, 11 e 12. Prólogo, 2.4, 2.12, 3.3, 3.8, 3.9, 3.12, 3.13, 4.6, 4.7, 5.2 a 5.5, 6.1 a 6.3.]

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO

Nos apêndices, as seções são numeradas como na edição de leitura (Prólogo e capítulos 1 a 6); nesta edição, some-se 1 ao número do capítulo (1.8 da edição de leitura = 2.8 desta).

Prólogo

Taylor

1. Prólogo · Taylor, *As fontes do self* (*Sources of the Self*), Harvard University Press, 1989, cap. 2, p. 28 · “Saber quem se é é estar orientado no espaço moral” · «To know who you are is to be oriented in moral space» · [V-en]
2. Prólogo · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 36 · “Um eu existe só dentro do que chamo ‘teias de interlocução’” · «A self exists only within what I call ‘webs of interlocution.’» · [V-en]
3. Prólogo · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 4, p. 93 · “algo cujo amor nos capacita a fazer e a ser o bem” · «something the love of which empowers us to do and be good» · [V-en]
4. Prólogo · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 1, p. 26 · “fornecem o pano de fundo, explícito ou implícito, para nossos juízos, intuições ou reações morais” · «Frameworks provide the background, explicit or implicit, for our moral judgments, intuitions, or reactions.» · [V-en]
5. Prólogo · Taylor, *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*), Harvard University Press, 1992, pp. 40–41 · “A autenticidade não é inimiga das exigências que emanam de além do eu; ela as supõe” · «Authenticity is not the enemy of demands that emanate from beyond the self; it supposes such demands.» · [V-en]
6. Prólogo · Taylor, *As fontes do self*, 1989, parte III, p. 211 · “aqueles aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução” · «those aspects of human life concerned with production and reproduction» · [V-en]
7. Prólogo · Taylor, “A política do reconhecimento” (“The Politics of Recognition”), em Gutmann (org.), *Multiculturalism*, Princeton University Press, 1994, p. 26 · “uma necessidade humana vital” · «It is a vital human need.» · [V-en]
8. Prólogo · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 4, p. 92 · “A articulação pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” · «Articulation can bring us closer to the good as a moral source, can give it power.» · [V-en]
9. Prólogo · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 34 · “Somos eus só na medida em que certas questões importam para nós” · «We are selves only in that certain issues matter for us» · [V-en]
10. Prólogo · Taylor, *Uma era secular* (*A Secular Age*), Belknap Press of Harvard University Press, 2007, p. 5 · “Em algum lugar, em alguma atividade ou condição, reside uma plenitude, uma riqueza” · «Somewhere, in some activity, or condition, lies a fullness, a richness» · [V-en]
11. Prólogo · Taylor, *As fontes do self*, 1989, pp. 517–518 · “o leitor suspeita de que meu palpite se inclina para o afirmativo”; “o potencial de certa perspectiva teísta é incomparavelmente maior” · «the reader suspects that my hunch lies towards the affirmative […] the potential of a certain theistic perspective is incomparably greater» · [V-en]

12. Prólogo · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 38 · “o que se estabelece deve ser universalmente o mesmo”; “a identidade única deste indivíduo ou grupo, sua distinção em relação a todos os demais” · «what is established is meant to be universally the same […] the unique identity of this individual or group, their distinctness from everyone else» · [V-en]
13. Prólogo · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 41 · “estatuto de agentes racionais” · «what commanded respect in us was our status as rational agents» · [V-en]
14. Prólogo · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 25 · “em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta” · «our identity is partly shaped by recognition or its absence, often by the misrecognition of others» · [V-en]
15. Prólogo · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 39 · “os horizontes são dados” · «Horizons are given.» · [V-en]
16. Prólogo · Taylor, conferência do Prêmio Kyoto, 2008, p. 197 · “pessoa de fé” · «person of faith» · [V-en]
17. Prólogo · Taylor, *Uma era secular*, 2007, pp. 19–20 · “o eclipse de todos os fins além do florescimento humano torna-se concebível” · «the eclipse of all goals beyond human flourishing becomes conceivable» · [V-en]
18. Prólogo · Taylor, *Uma era secular*, 2007, n. 9, p. 792 · “necessariamente muito do que Jaspers associou a esse termo” · «I am not necessarily accepting much of what Jaspers associated with this term» · [V-en]

A tradição

1. Prólogo · Wallace, *Charles Taylor*, 2023, quadro cronológico · nascimento em Montréal em 1931; Oxford sob Berlin e Anscombe; as candidaturas pelo Novo Partido Democrático; os prêmios · «—» · [V via secundária: Wallace, 2023]
2. Prólogo · CBC, 22/05/2008 · o relatório da Comissão Bouchard-Taylor · «—» · [V via secundária: CBC]

O cânon e os escritos

1. Prólogo · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a pergunta decisiva é uma só: a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?”; “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” · [letra do cânon]
2. Prólogo · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”; “é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” · [letra do cânon]
3. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”; “A luz não se acende — ela se revela” · [letra do cânon]
4. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero” · [letra do cânon]
5. Prólogo · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” · [letra do cânon]
6. Prólogo · Cânon v1.2, “A Vigília” · “presença, não vitória” · [letra do cânon]
7. Prólogo · Cânon v1.2, “Regra de Vida” (Acender, Portar) · “Nas transições (trajetos, esperas, intervalos), voltar ao corpo e ao lugar presente” · [letra do cânon]

8. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “reconhecimento externo” · [escrito do cânon]
9. Prólogo · decisão n.º 12 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · “Próximo estudo: XV — Taylor” · [decisão do fundador]
10. Prólogo · decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · a Lux não se nomeia por contraste · [decisão do fundador]
11. Prólogo · decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico · [decisão do fundador]
12. Prólogo · decisão n.º 3 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · os seis usos de “presença” · [decisão do fundador]
13. Prólogo · decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · a luz “dada antes de qualquer relação” · [decisão do fundador]
14. Prólogo · decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a hipótese do VII “fica registrada como leitura” · [decisão do fundador]
15. Prólogo · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “admite graus de visão, nunca de valor” · [decisão do fundador]
16. Prólogo · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o Bem não é nome da Luz”; “a fonte continua sem nome no cânon” · [decisão do fundador]
17. Prólogo · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “a Lux é valor; a capacidade é poder” · [decisão do fundador]
18. Prólogo · decisões n.º 6 e n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · o cânon não diz nada do depois; “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux; “atemporal” é letra · [decisão do fundador]

Capítulo 1 — Taylor em sua melhor forma

Taylor

1. 1.1 · Prêmio Kyoto, 2008 (volume da Fundação Inamori), p. 181 · crítica do behaviorismo psicológico, depois publicada como *The Explanation of Behaviour* · «a critique of psychological behaviourism (later published as The Explanation of Behaviour)» · [V-en]
2. 1.2 · *Philosophical Papers*, vol. 1 (*Human Agency and Language*), Cambridge University Press, 1985, pp. 3 e 15–16 (bloco de Chernilo, 2017, p. 160) · “o que é distintivamente humano é o poder de avaliar nossos desejos” · «what is distinctively human is the power to evaluate our desires» · [V-en]
3. 1.2 · idem, p. 3 (bloco de Chernilo, 2017, p. 160) · “pano de fundo de distinções entre coisas reconhecidas como de importância ou valor categórico, incondicionado ou mais alto, e coisas que carecem disso ou são de valor menor” · «background of distinctions between things which are recognised as of categoric or unconditioned or higher importance or worth, and things which lack this or are of lesser value» · [V-en]
4. 1.2 · idem, p. 24 (bloco de Chernilo) · “superior e inferior, nobre e vil, corajoso e covarde, integrado e fragmentado” · «higher and lower, noble and base, courageous and cowardly, integrated and fragmented» · [V-en]
5. 1.2 · idem, p. 34 (bloco de Chernilo) · “nossa identidade é definida por nossas avaliações fundamentais” · «our identity is defined by our fundamental evaluations» · [V-en]

6. 1.2 · idem, p. 40 (blocos de Desouza e de Chernilo) · “certamente não há metalinguagem disponível em que eu possa avaliar autointerpretações rivais” · «there is certainly no meta-language available in which I can assess rival self-interpretations» · [V-en]
7. 1.2 · idem, p. 42 (bloco de Desouza) · “que engaja o si mais plena e profundamente” · «a reflection which engages the self most wholly and deeply» · [V-en]
8. 1.2 · idem, pp. 28–29 · “uma escolha que não se funda em razão alguma” · «issue ultimately from a radical choice, that is, a choice which is not grounded in any reasons» · [V-en]
9. 1.3 · *As fontes do self* (*Sources of the Self*), Harvard University Press, 1989, cap. 1, p. 26 (bloco de Turner, 2013) · “Molduras fornecem o pano de fundo, explícito ou implícito, para nossos juízos, intuições ou reações morais”; “articular uma moldura é explicitar o que dá sentido às nossas respostas morais” · «Frameworks provide the background, explicit or implicit, for our moral judgments, intuitions, or reactions. […] To articulate a framework is to explicate what makes sense of our moral responses.» · [V-en]
10. 1.3 · idem, cap. 1, p. 27 · “passar sem molduras é-nos inteiramente impossível” · «doing without frameworks is utterly impossible for us» · [V-en]
11. 1.3 · idem, cap. 1, p. 27 · “é constitutivo da agência humana”; “equivaleria a sair do que reconheceríamos como a personalidade humana íntegra, isto é, não danificada” · «constitutive of human agency, that stepping outside these limits would be tantamount to stepping outside what we would recognize as integral, that is, undamaged human personhood» · [V-en]
12. 1.3 · idem, cap. 1, p. 27 (bloco de Van der Westhuizen, org.; só o começo da frase) · “saber quem sou é uma espécie de saber onde me situo” · «To know who I am is a species of knowing where I stand» · [V-en]
13. 1.3 · idem, cap. 1, pp. 26–27 · “compromissos e identificações” · «the commitments and identifications which provide the frame or horizon» · [V-en]
14. 1.3 · idem, cap. 2, p. 28 · “Saber quem se é é estar orientado no espaço moral, um espaço em que se põem perguntas sobre o que é bom ou mau, o que vale a pena fazer e o que não, o que tem sentido e importância para você e o que é trivial e secundário” · «To know who you are is to be oriented in moral space, a space in which questions arise about what is good or bad, what is worth doing and what not, what has meaning and importance for you and what is trivial and secondary» · [V-en]
15. 1.3 · idem, cap. 2, p. 34 · “Somos eus só na medida em que certas questões importam para nós” · «We are selves only in that certain issues matter for us» · [V-en]
16. 1.3 · idem, cap. 3, p. 58 · o nome do princípio (a expansão “melhor relato” é do estudo) · «Let me call this the BA principle.» · [V-en]
17. 1.3 · idem, cap. 3, p. 58 · “o que precisamos explicar é pessoas vivendo suas vidas” · «What we need to explain is people living their lives» · [V-en]
18. 1.4 · idem, cap. 2, p. 35 (bloco de Colorado) · “Um eu só existe entre outros eus. Um eu nunca pode ser descrito sem referência aos que o cercam” · «One is a self only among other selves. A self can never be described without reference to those who surround it.» · [V-en]
19. 1.4 · idem, cap. 2, p. 36 (bloco de Colorado; Lizón, p. 52, “urdimbre”) · “Um eu existe só dentro do que chamo ‘teias de interlocução’” · «A self exists only within what I call ‘webs of interlocution.’» · [V-en]
20. 1.4 · idem, cap. 2, p. 36 · os interlocutores essenciais à autodefinição e os cruciais para a posse das linguagens de autocompreensão · «—» · [paráfrase]

21. 1.4 · *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*), Harvard University Press, 1992 (= *The Malaise of Modernity*, Anansi, 1991), p. 33 · “Definimos [a identidade] sempre em diálogo com, às vezes em luta contra, as identidades que nossos outros significativos querem reconhecer em nós” · «We define this always in dialogue with, sometimes in struggle against, the identities our significant others want to recognize in us.» · [V-en]
22. 1.4 · idem, pp. 47–48 · “Descobrir minha identidade não significa que a elabore em isolamento, mas que a negocio por diálogo” · «My discovering my identity doesn’t mean that I work it out in isolation but that I negotiate it through dialogue» · [V-en]
23. 1.4 · *As fontes do self*, cap. 2, pp. 51–52 (bloco de Greene; Lizón, p. 68) · “temos inescapavelmente de entender nossas vidas em forma narrativa, como uma ‘busca’” · «[…] inescapably understand our lives in narrative form, as a ‘quest’» · [V-en; V-es: Lizón]
24. 1.4 · idem, cap. 2, p. 47 (bloco de Brooks, 2022) · “uma condição básica de fazermos sentido de nós mesmos, que apreendamos nossas vidas numa narrativa” · «another basic condition of making sense of ourselves, that we grasp our lives in a narrative» · [V-en]
25. 1.5 · idem, cap. 3, pp. 62–63 · “bens que não só são incomparavelmente mais importantes que os outros, mas fornecem o ponto de vista a partir do qual estes devem ser pesados, julgados, decididos” · «goods which not only are incomparably more important than others but provide the standpoint from which these must be weighed, judged, decided about» · [V-en]
26. 1.5 · idem, cap. 4, p. 93 · “algo cujo amor nos capacita a fazer e a ser o bem” · «something the love of which empowers us to do and be good» · [V-en]
27. 1.5 · idem, cap. 4, p. 92 · “A articulação pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” · «Articulation can bring us closer to the good as a moral source, can give it power.» · [V-en]
28. 1.5 · *Philosophical Papers*, vol. 1, p. 26 (bloco de Chernilo, 2017, p. 161) · “o avaliador forte tem articulação e profundidade que o ponderador simples não tem” · «the strong evaluator has articulacy and depth which the simpler weigher lacks» · [V-en]
29. 1.5 · *As fontes do self*, p. 107 · “a articulação é uma condição crucial da reconciliação” · «Articulacy is a crucial condition of reconciliation» · [V-en; localização a confirmar]
30. 1.5 · idem, cap. 3 · “A ética da inarticulação” (título do capítulo) · «—» · [paráfrase; localização a confirmar]
31. 1.5 · *A ética da autenticidade*, p. 18 · “uma extraordinária inarticulação a respeito de um dos ideais constitutivos da cultura moderna” · «extraordinary inarticulacy about one of the constitutive ideals of modern culture» · [V-en]
32. 1.5 · idem, p. 22 · “A articulação tem aqui um sentido moral”; “de modo mais pleno e íntegro” · «Articulacy here has a moral point […] empowering them to live up to it in a fuller and more integral fashion» · [V-en]
33. 1.5 · idem, pp. 23 e 71–73 · “um trabalho de resgate”; “identificar e articular o ideal mais alto por trás das práticas mais ou menos degradadas” · «a work of retrieval»; «identify and articulate the higher ideal behind the more or less debased practices» · [V-en]
34. 1.5 · *Uma era secular* (*A Secular Age*), Belknap Press/Harvard University Press, 2007, p. 6 · “Lutamos para articular o que vivemos. Se conseguimos formulá-lo […] sentimos um alívio, como se o poder da experiência tivesse sido aumentado” · «We struggle to articulate what we’ve been through. If we succeed in formulating it […] we feel a release, as though the power of the experience was increased» · [V-en]

35. 1.6 · *As fontes do self*, parte III, p. 211 · “aqueles aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução, isto é, o trabalho, a feitura das coisas necessárias à vida, e nossa vida como seres sexuais, incluindo o casamento e a família” · «those aspects of human life concerned with production and reproduction, that is, labour, the making of the things needed for life, and our life as sexual beings, including marriage and the family» · [V-en]
36. 1.6 · “A política do reconhecimento” (“The Politics of Recognition”), em Gutmann (org.), *Multiculturalism*, Princeton University Press, 1994, p. 29 · Agostinho, “que viu o caminho para Deus passando pela nossa própria autoconsciência” · «Saint Augustine, who saw the road to God as passing through our own self-awareness» · [V-en]
37. 1.6 · *As fontes do self*, cap. 7, pp. 130–131 (bloco de intérprete) · a reflexividade radical de Agostinho · «the inwardness of radical reflexivity» · [V-en]
38. 1.7 · *A ética da autenticidade*, p. 61 · “A noção de que a revelação vem pela expressão é o que quero captar ao falar de ‘expressivismo’” · «The notion that revelation comes through expression is what I want to capture in speaking of the ‘expressivism’» · [V-en]
39. 1.7 · *As fontes do self*, cap. 21, pp. 374–376 (bloco longo na p. 375) · “um caminho original que devemos trilhar”; “a obrigação de estar à altura da nossa originalidade” · «each one of us has an original path which we ought to tread; they lay the obligation on each of us to live up to our originality» · [V-en]
40. 1.7 · idem, cap. 23, p. 419 · “uma manifestação que, além disso, também define ou completa algo, mesmo ao revelar” · «a manifestation, moreover, which also defines or completes something, even as it reveals» · [V-en]
41. 1.7 · Lizón, resumo do cap. 23 de *As fontes do self*, p. 441 · Wordsworth na poesia; Constable e Friedrich na pintura, entre as epifanias do ser · «—» · [V-es: Lizón]
42. 1.8 · *A ética da autenticidade*, p. 2 · “a mais fina conquista da civilização moderna” · «the finest achievement of modern civilization» · [V-en]
43. 1.8 · idem, p. 4 · “centrar-se no eu […] achata e estreita nossas vidas” · «centring on the self, which both flattens and narrows our lives» · [V-en]
44. 1.8 · idem, p. 15 · “ser verdadeiro consigo mesmo” · «being true to oneself» · [V-en]
45. 1.8 · idem, pp. 17 e 37 · “relativismo brando”; “se autodestrói” · «soft relativism»; «Soft relativism self-destructs.» · [V-en]
46. 1.8 · idem, p. 28 e n. 22, p. 127 · “Cada um de nós tem um modo original de ser humano. Cada pessoa tem sua própria ‘medida’” · «each of us has an original way of being human. Each person has his or her own ‘measure’» · [V-en]
47. 1.8 · idem, p. 29 · “Ser fiel a mim significa ser fiel à minha própria originalidade, e isso é algo que só eu posso articular e descobrir. Ao articulá-la, também me defino” · «Being true to myself means being true to my own originality, and that is something only I can articulate and discover. In articulating it, I am also defining myself.» · [V-en]
48. 1.8 · idem, p. 37 · “As coisas assumem importância contra um fundo de inteligibilidade. Chamemos isto de horizonte” · «Things take on importance against a background of intelligibility. Let us call this a horizon.» · [V-en]
49. 1.8 · idem, p. 39 · “os horizontes são dados” · «Horizons are given.» · [V-en]
50. 1.8 · idem, pp. 40–41 · “a autenticidade não é inimiga das exigências que emanam de além do eu; ela as supõe” · «Authenticity is not the enemy of demands that emanate from beyond the self; it supposes such demands.» · [V-en]

51. 1.8 · idem, pp. 51–52 · “neste caso partilhado” · «Recognizing difference, like self-choosing, requires a horizon of significance, in this case a shared one.» · [V-en]
52. 1.8 · idem, p. 82 · “A autenticidade é claramente autorreferencial: esta tem de ser a minha orientação. Mas isso não significa que, em outro nível, o conteúdo tenha de ser autorreferencial”; “posso encontrar cumprimento em Deus, ou numa causa política, ou cuidando da terra” · «Authenticity is clearly self-referential: this has to be my orientation. But this doesn’t mean that on another level the content must be self-referential […] I can find fulfilment in God, or a political cause, or tending the earth» · [V-en]
53. 1.8 · idem, p. 68 · “nos ameaça com perda de sentido” · «anthropocentrism, by abolishing all horizons of significance, threatens us with a loss of meaning» · [V-en]
54. 1.8 · *Argumentos filosóficos* (*Philosophical Arguments*), Harvard University Press, 1995, cap. 1 · o humanismo cívico “de Humboldt a Arendt” · «as the works of a number of writers, from Humboldt to Arendt, testify» · [V-en; página a confirmar]
55. 1.9 · “A política do reconhecimento”, em Gutmann (org.), 1994, p. 25 · “Nossa identidade é em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta, muitas vezes pelo reconhecimento errôneo por parte dos outros” · «our identity is partly shaped by recognition or its absence, often by the misrecognition of others» · [V-en]
56. 1.9 · idem, p. 41 · “esse potencial, e não o que a pessoa fez dele, é o que garante que cada pessoa mereça respeito” · «This potential, rather than anything a person may have made of it, is what ensures that each person deserves respect.» · [V-en]
57. 1.9 · idem, p. 50 · “que só podemos florescer na medida em que somos reconhecidos” · «he takes it as fundamental that we can flourish only to the extent that we are recognized» · [V-en]
58. 1.9 · idem, p. 26 · “O devido reconhecimento não é apenas uma cortesia que devemos às pessoas. É uma necessidade humana vital” · «Due recognition is not just a courtesy we owe people. It is a vital human need.» · [V-en]
59. 1.9 · idem, p. 38 · “o que se estabelece deve ser universalmente o mesmo”; “a identidade única deste indivíduo ou grupo, sua distinção em relação a todos os demais” · «what is established is meant to be universally the same […] the unique identity of this individual or group, their distinctness from everyone else» · [V-en]
60. 1.9 · idem, p. 41 · “estatuto de agentes racionais” · «what commanded respect in us was our status as rational agents» · [V-en]
61. 1.9 · idem, p. 66 · “envolve algo como um ato de fé” · «involves something like an act of faith» · [V-en]
62. 1.9 · idem, p. 67 · “fusão de horizontes” · «fusion of horizons» · [V-en]
63. 1.9 · idem, p. 70 · “eles sabem que querem respeito, não condescendência” · «They know that they want respect, not condescension.» · [V-en]
64. 1.10 · *Uma era secular*, pp. 2–3 · “uma opção entre outras” · «one option among others» · [V-en]
65. 1.10 · idem, p. 5 · “Em algum lugar, em alguma atividade ou condição, reside uma plenitude, uma riqueza; isto é, naquele lugar (atividade ou condição) a vida é mais plena, mais rica, mais profunda, mais digna, mais admirável, mais como deveria ser” · «Somewhere, in some activity, or condition, lies a fullness, a richness; that is, in that place (activity or condition), life is fuller, richer, deeper, more worth while, more admirable, more what it should be.» · [V-en]

66. 1.10 · idem, p. 6 e n. 8, p. 780 · “termo abreviado”; “agudamente consciente de quão inadequadas são todas as palavras aqui” · «I am acutely aware how inadequate all words are here» · [V-en]
67. 1.10 · idem, p. 16 · “A vida mais alta, a melhor, envolve buscar, ou reconhecer, ou servir a um bem que está além, no sentido de independente do florescimento humano?”; “uma palavra como ‘transcendente’ é muito escorregadia” · «does the highest, the best life involve our seeking, or acknowledging, or serving a good which is beyond, in the sense of independent of human flourishing?» · [V-en]
68. 1.10 · idem, p. 17 · outros modos de ser levado “além do florescimento humano ordinário”, o budismo entre eles · «there are other ways in which we can be taken beyond ordinary human flourishing. Buddhism is an example.» · [V-en]
69. 1.10 · idem, p. 18 · “o florescimento é bom, mas procurá-lo não é o nosso fim último” · «Flourishing is good, nevertheless seeking it is not our ultimate goal.» · [V-en]
70. 1.10 · idem, p. 18 (bloco de Schoenberg, 2016) · “puramente autossuficiente” · «purely self-sufficient humanism» · [V-en]
71. 1.10 · idem, pp. 19–20 · “uma era secular é aquela em que o eclipse de todos os fins além do florescimento humano se torna concebível” · «a secular age is one in which the eclipse of all goals beyond human flourishing becomes conceivable» · [V-en]
72. 1.10 · idem, p. 38 · “pode se ver como invulnerável, como senhor dos sentidos das coisas para ele” · «This self can see itself as invulnerable, as master of the meanings of things for it.» · [V-en]
73. 1.10 · idem, p. 542 · “Tudo isto compõe o que quero chamar de ‘a moldura imanente’” · «All of this makes up what I want to call ‘the immanent frame’.» · [V-en]
74. 1.10 · idem, p. 550 · “bem entendida, ela admite as duas leituras, sem nos compelir a nenhuma” · «properly understood, it allows of both readings, without compelling us to either» · [V-en]
75. 1.10 · idem, pp. 594–595 · “pressões cruzadas” · «The whole culture experiences cross pressures» · [V-en]
76. 1.10 · idem, p. 151 e n. 9, p. 792 · Jaspers e o tempo-eixo · «I am not necessarily accepting much of what Jaspers associated with this term» · [V-en]
77. 1.10 · *Uma modernidade católica?* (*A Catholic Modernity?*), Heft (org.), Oxford University Press, 1999, p. 19 (bloco de Schoenberg, 2016) · “exclusivamente numa noção de florescimento humano” · «based exclusively on a notion of human flourishing, one that recognizes no valid aim beyond this» · [V via secundária: Schoenberg, 2016; página a confirmar]
78. 1.10 · *As fontes do self*, pp. 516–517 (via Colorado, 2009, n. 13) · “além dos nossos meios morais” · «living beyond our moral means» · [V via secundária: Colorado, 2009, n. 13]
79. 1.11 · Prêmio Kyoto, 2008 (volume da Fundação Inamori), p. 197 · “Concentrei-me sobretudo nos obstáculos, porque, como pessoa de fé, acho esses mais difíceis de entender; e o respeito aqui acompanha a compreensão” · «I focused principally on the obstacles, because as a person of faith, I find these harder to understand; and respect here goes along with understanding» · [V-en]
80. 1.11 · idem, p. 197 · “nosso alcançar o religioso ou o espiritual pode ser abusado, e voltado para ódio e destruição terríveis” · «our reaching for the religious or the spiritual can be abused, and turned towards appalling hatred and destruction» · [V-en]

81. 1.11 · *As fontes do self*, cap. 25, pp. 517–518 · “Não sou obviamente neutro ao propor essas questões. […] o leitor suspeita de que meu palpite se inclina para o afirmativo […] por maior que seja o poder das fontes naturalistas, o potencial de certa perspectiva teísta é incomparavelmente maior” · «I am obviously not neutral in posing these questions. […] the reader suspects that my hunch lies towards the affirmative […] great as the power of naturalist sources might be, the potential of a certain theistic perspective is incomparably greater.» · [V-en]
82. 1.11 · idem, cap. 25, p. 519 · “os mais altos ideais e aspirações espirituais também ameaçam impor os fardos mais esmagadores à humanidade” · «the highest spiritual ideals and aspirations also threaten to lay the most crushing burdens on humankind» · [V-en]
83. 1.11 · entrevista de 2008, em Wallace, 2023, p. 97, n. 283 · “Trudeau tinha um problema real. Era um grande intelectual. Eu adorava o sujeito. Era um grande amigo meu. Mas era totalmente cego, tinha tanta animosidade contra os nacionalistas do Québec que não conseguia ver que um tipo de nacionalismo moderado era possível” · «Trudeau had a real problem. He was a great intellectual. I loved the guy. He was a great friend of mine. But he was just totally blind, he had such animosity against the Quebec nationalists that he couldn’t see that a kind of moderate nationalism was possible» · [V via secundária: Wallace, 2023, p. 97, n. 283]
84. 1.12 · *As fontes do self*, cap. 7, pp. 129–130 · a luz de Deus, em Agostinho, também “interior” · «the light of God is not just ‘out there’, illuminating the order of being, as it is for Plato; it is also an ‘inner’ light.» · [V-en]
85. 1.12 · idem, cap. 7, pp. 130–131 · “a interioridade da reflexividade radical” · «the inwardness of radical reflexivity» · [V-en]
86. 1.12 · idem, cap. 7, p. 133 · a presença de si (*self-presence*) · «It is the certainty of self-presence.» · [V-en]

A tradição

1. 1.1 · Wallace, 2023, p. 16 (quadro cronológico) · 1931 em Montréal; doutorado no All Souls, 1955–1961, sob Berlin e Anscombe; *Universities and Left Review* (1957), *New Left Review* (1960) e Novo Partido Democrático (1961); terceiro em 1962, segundo em 1963, terceiro em 1965, segundo em 1968; cátedra Chichele, 1976–1981; McGill, 1981–1998; Prêmio Ratzinger, 2019 · «Wrote D.Phil. Thesis, “The Explanation of Behaviour in Social Science,” under Isaiah Berlin and Elizabeth Anscombe.»; «1957: Co-founded Universities and Left Review.»; «1961: Co-founded New Democratic Party.»; «1965: Placed third in Parliamentary elections.»; «1976–1981: Appointed Chichele Professor of Social and Political Theory at All Souls College, Oxford.»; «2019: […] Awarded Ratzinger Prize.» · [V via secundária: Wallace; tese a confirmar]
2. 1.1 · Wallace, 2023, capítulo sobre a *New Left Review* · o primeiro presidente da seção de Oxford da Campanha pelo Desarmamento Nuclear · «Taylor was both a founding editor of the New Left Review, and the first president of the Oxford CND.» · [V via secundária: Wallace; página a confirmar]
3. 1.2 · Meijer, “Strong Evaluation Down the Decades”, *Philosophy and Theology* 30:1, 2018, p. 5 · a raiz em Frankfurt (1971) e a diferença de Taylor · «Taylor’s most significant modification of Frankfurt’s theory is that he speaks of the worthiness of desires rather than their desirability.» · [V via secundária: Meijer]

4. 1.2 · Flanagan, *Self Expressions*, Oxford University Press, 1996, p. 146 (via Meijer, 2018, p. 12) · “não há tal coisa como um avaliador forte puro” · «there simply is no such thing as a pure strong evaluator» · [V via secundária: Meijer]
5. 1.2 · Abbey, *Charles Taylor*, 2000, p. 18 (via Meijer, 2018, p. 12) · “não está sugerindo que cada escolha que um indivíduo faz seja objeto de avaliação forte” · «Taylor is not suggesting that each and every choice an individual makes is the subject of strong evaluation» · [V via secundária: Meijer]
6. 1.2 · Desouza, tese, University of Victoria, 1998 · a reavaliação radical · «what Taylor calls a “radical re-evaluation” in which our most basic evaluations are open to revision» · [V-en; localização a confirmar]
7. 1.3 · Calhoun, “Morality, Identity, and Historical Explanation”, *Sociological Theory* 9:2, 1991, p. 232 · “talvez o melhor ponto de partida para recuperar uma compreensão forte e decisiva do eu como sujeito moral” · «is perhaps the best starting point for recovering a strong and crucial understanding of the self as moral subject» · [V-en]
8. 1.4 · Abbey, *Charles Taylor*, Cambridge University Press, 2004, p. 5 · planos “vertical” e “horizontal” · «—» · [V via secundária: Abbey]
9. 1.4 · MacIntyre, *Depois da virtude* (*After Virtue*), 3.ª ed., 2007, pp. 218–219 · a unidade narrativa de uma vida como busca · «—» · [paráfrase; localização a confirmar]
10. 1.5 · Rorty, “Taylor on Truth”, em Tully (org.), 1994 · hiperbens × bens ordinários · «encourage a tendency to envisage hypergoods, rather than simply arranging and balancing ordinary goods» · [V-en; página a confirmar]
11. 1.5 · Laitinen, *Strong Evaluation without Moral Sources*, 2008 · título · «—» · [tese a confirmar]
12. 1.6 · Calhoun, 1991, n. 16, p. 244 · os relatos pré-modernos de Taylor são esguios · «—» · [paráfrase]
13. 1.8 · Appiah, “Identity, Authenticity, Survival”, em Gutmann (org.), 1994, pp. 149–163, p. 162 · o roteiro da identidade coletiva · «—» · [paráfrase]
14. 1.9 · Habermas, “Struggles for Recognition in the Democratic Constitutional State”, em Gutmann (org.), 1994, p. 109 · “continua ambíguo no ponto decisivo” · «Taylor remains ambiguous on the decisive point» · [V-en]
15. 1.9 · Walzer, “Comment”, em Gutmann (org.), 1994, p. 99 · comentário · «—» · [paráfrase]
16. 1.9 · Honneth, Fraser, Skinner e a réplica de Tully · não lidos · «—» · [atribuição a confirmar]
17. 1.10 · Kotz, 2018, sobre a tradução da Unisinos de *Uma era secular* · “protegido”; “estrutura imanente” · «—» · [V via secundária: Kotz, 2018; tradução da Unisinos não aberta]
18. 1.11 · CBC, 22/05/2008 · o relatório da Comissão Bouchard-Taylor e as recomendações sobre símbolos religiosos · «—» · [V via secundária: CBC]
19. 1.11 · Fundação Inamori, citação do Prêmio Kyoto · “individualismo holístico” · «from the perspective of “holistic individualism”» · [V via secundária: Fundação Inamori]
20. 1.11 · dito de Taylor em 2017 sobre a recomendação · teria dito não a apoiar mais · «—» · [tese a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 1.6 · Estudo XIII, 5.2 · “lê a interioridade como história e a vida comum como bem” · «—» · [texto do estudo]
2. 1.6 · Estudo XII, 5.3 · “lê a interioridade de Agostinho como história” · «—» · [texto do estudo]
3. 1.8 · Estudo V, 4.14 · “Harvard 1991, p. 15” (data corrigida) · «—» · [texto do estudo]
4. 1.9 · Estudo VII, 2.4 e 3.1 · as três passagens de “A política do reconhecimento” e a hipótese “Lux = dignidade; reconhecimento = identidade e visibilidade” · «—» · [texto do estudo]
5. 1.9 · decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a hipótese do Estudo VII “registrada como leitura” · «—» · [decisão do fundador]
6. 1.10 · Estudo XIV, 4.9 · Jaspers e o tempo-eixo; “tese a confirmar” · «—» · [leitura do estudo]
7. 1.11 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o padrão das fronteiras · «—» · [decisão do fundador]
8. 1.12 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a fonte continua sem nome no cânon” · «—» · [decisão do fundador]
9. 1.12 · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “a Lux é valor; a capacidade é poder” · «—» · [decisão do fundador]
10. 1.12 · Tratado da Luz Interior, Definição · “Acender supõe ausência prévia, um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo” · «—» · [escrito do cânon]
11. 1.12 · Cânon v1.2, Pilar I · “A luz não se acende — ela se revela” · «—» · [letra do cânon]
12. 1.12 · Cânon v1.2, Pilar IV · “A transcendência passa pela matéria” · «—» · [letra do cânon]
13. 1.12 · Estudo XIV · “presença”, vinte e duas ocorrências em seis sentidos · «—» · [leitura do estudo]

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

Taylor

1. 2.1 · Taylor, *Philosophical Papers 1: Human Agency and Language*, Cambridge: Cambridge University Press, 1985, Introdução, p. 3 · “reconhecidas como de importância ou valor categórico, incondicionado ou mais alto” · «recognised as of categoric or unconditioned or higher importance or worth» · [V-en]
2. 2.1 · Taylor, *Philosophical Papers 1*, 1985, p. 24 · “superior e inferior, nobre e vil” · «higher and lower, noble and base» · [V-en]
3. 2.2 · Taylor, *As fontes do self* (*Sources of the Self*), Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989, cap. 1, p. 26 · “Molduras fornecem o pano de fundo” · «Frameworks provide the background, explicit or implicit, for our moral judgments, intuitions, or reactions» · [V-en]
4. 2.2 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 1, p. 27 · “constitutivo da agência humana” · «living within such strongly qualified horizons is constitutive of human agency» · [V-en]
5. 2.2 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 1, p. 27 · “uma espécie de saber onde me situo” · «a species of knowing where I stand» · [V-en]

6. 2.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 28 · “orientado no espaço moral” · «To know who you are is to be oriented in moral space» · [V-en]
7. 2.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 28 · “o que vale a pena fazer e o que não” · «what is worth doing and what not» · [V-en]
8. 2.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 1, p. 26 · “explicitar o que dá sentido às nossas respostas morais” · «To articulate a framework is to explicate what makes sense of our moral responses» · [V-en]
9. 2.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 4, p. 92 · “pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” · «Articulation can bring us closer to the good as a moral source, can give it power.» · [V-en]
10. 2.4 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 35 · “entre outros eus” · «One is a self only among other selves.» · [V-en]
11. 2.4 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 36 · “teias de interlocução” · «A self exists only within what I call ‘webs of interlocution.’» · [V-en]
12. 2.4 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 36 · “linguagens de autocompreensão” · «languages of self-understanding» · [V-en]
13. 2.5 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, pp. 51–52 · “em forma narrativa, como uma ‘busca’” · «[…] inescapably understand our lives in narrative form, as a ‘quest’» · [V-en; V-es: Lizón]
14. 2.6 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, parte III, p. 211 · “aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução” · «those aspects of human life concerned with production and reproduction» · [V-en]
15. 2.6 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, parte III, p. 211 · “o casamento e a família” · «marriage and the family» · [V-en]
16. 2.7 · Taylor, *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*), Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992, p. 15 · “ser verdadeiro consigo mesmo” · «being true to oneself» · [V-en]
17. 2.7 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 28 · “cada um de nós tem um modo original de ser humano” · «each of us has an original way of being human» · [V-en]
18. 2.7 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 29 · “ao articulá-la, também me defino” · «In articulating it, I am also defining myself.» · [V-en]
19. 2.7 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 61 · “a revelação vem pela expressão” · «revelation comes through expression» · [V-en]
20. 2.8 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 37 · “Chamemos isto de horizonte” · «Let us call this a horizon.» · [V-en]
21. 2.8 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 39 · “são dados” · «Horizons are given.» · [V-en]
22. 2.8 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 17 · “relativismo brando” · «soft relativism» · [V-en]
23. 2.8 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 37 · “se autodestrói” · «Soft relativism self-destructs.» · [V-en]
24. 2.8 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, pp. 40–41 · “o chamado de Deus” · «the call of God, or something else of this order matters crucially» · [V-en]
25. 2.8 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, pp. 40–41 · “definir para mim uma identidade que não seja trivial” · «can I define an identity for myself that is not trivial» · [V-en]

26. 2.9 · Taylor, “A política do reconhecimento” (“The Politics of Recognition”), em Amy Gutmann (org.), *Multiculturalism*, Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 38 · “o que se estabelece deve ser universalmente o mesmo” · «what is established is meant to be universally the same» · [V-en]
27. 2.9 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 41 · “esse potencial, e não o que a pessoa fez dele, é o que garante que cada pessoa mereça respeito” · «This potential, rather than anything a person may have made of it, is what ensures that each person deserves respect.» · [V-en]
28. 2.10 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 25 · “em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta” · «our identity is partly shaped by recognition or its absence, often by the misrecognition of others» · [V-en]
29. 2.10 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 26 · “uma necessidade humana vital” · «It is a vital human need.» · [V-en]
30. 2.10 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 38 · “a identidade única deste indivíduo ou grupo” · «the unique identity of this individual or group» · [V-en]
31. 2.10 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 33 · “em diálogo com, às vezes em luta contra” · «in dialogue with, sometimes in struggle against» · [V-en]
32. 2.11 · Taylor, *Uma era secular* (*A Secular Age*), Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 2007, Introdução, p. 5 · “mais plena, mais rica, mais profunda […] mais como deveria ser” · «life is fuller, richer, deeper, […] more what it should be» · [V-en]
33. 2.11 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 6 e nota 8, p. 780 · “agudamente consciente de quão inadequadas são todas as palavras aqui” · «I am acutely aware how inadequate all words are here» · [V-en]
34. 2.11 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 6 e nota 8, p. 780 · “termo abreviado” · «my shorthand term» · [V-en]
35. 2.12 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 542 · “moldura imanente” · «the immanent frame» · [V-en]
36. 2.12 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 550 · “bem entendida, ela admite as duas leituras, sem nos compelir a nenhuma” · «properly understood, it allows of both readings, without compelling us to either» · [V-en]
37. 2.12 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, pp. 549–551 · “giro” e “tomada” · «spin»; «take» · [paráfrase]
38. 2.12 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 594 · “fechada” · «It is only when the order is ‘spun’ in a certain way that it seems to dictate a ‘closed’ interpretation» · [V-en]
39. 2.13 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 5 · “o tipo de racionalidade que usamos quando calculamos a aplicação mais econômica dos meios a um dado fim” · «the kind of rationality we draw on when we calculate the most economical application of means to a given end» · [V-en]
40. 2.13 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 4 · “achata e estreita nossas vidas” · «which both flattens and narrows our lives» · [V-en]
41. 2.13 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 23 · “um trabalho de resgate” · «a work of retrieval» · [V-en]
42. 2.13 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, pp. 71–73 · “identificar e articular o ideal mais alto por trás das práticas mais ou menos degradadas” · «identify and articulate the higher ideal behind the more or less debased practices» · [V-en]

43. 2.14 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 3, p. 58 · “princípio BA” · «Let me call this the BA principle.» · [V-en]
44. 2.14 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 3, p. 58 · “pessoas vivendo suas vidas” · «What we need to explain is people living their lives» · [V-en]
45. 2.15 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 347 · “A expressão paradigmática dessa dupla consciência é a imagem pascaliana do caniço: o ser humano no universo tem toda a fragilidade de um mero caniço, mas sua grandeza está em ser um caniço pensante” · «The paradigm expression of this double consciousness is Pascal’s image of the reed: the human being in the universe has all the fragility of a mere reed, but its greatness lies in the fact that it is a thinking reed.» · [V-en]
46. 2.15 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 121 · “caracterizada por grandeza tanto quanto por misère” · «characterized by grandeur as well as by misère» · [V-en]

A tradição

1. 2.5 · Ruth Abbey (org.), *Charles Taylor*, Cambridge: Cambridge University Press, 2004, Introdução, p. 5 · “vertical” e “horizontal” · «vertical»; «horizontal» · [V via secundária: Abbey]

O cânon e os escritos

1. 2.1 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a pergunta decisiva é uma só: a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?” · «—» · [letra do cânon]
2. 2.1 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” · «—» · [letra do cânon]
3. 2.2 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” · «—» · [letra do cânon]
4. 2.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância” · «—» · [letra do cânon]
5. 2.2 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “devo ao rio o próprio fluxo” · «—» · [letra do cânon]
6. 2.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” · «—» · [letra do cânon]
7. 2.3 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo de estação · “o que mudou em mim, o que resisti em vão, o que entreguei bem” · «—» · [letra do cânon]
8. 2.3 e 2.5 · Decisão n.º 4 de 23/10/2026, Estudo IX · “antes de qualquer história”; “quem” · «—» · [decisão do fundador]
9. 2.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado. […] A palavra verdadeira posta em circulação, a confiança honrada, a vez respeitada, o espaço comum cuidado — tudo isso é manutenção das águas” · «—» · [letra do cânon]
10. 2.4 · Decisão n.º 8 de 12/11/2026, Estudo XIV · “a existência que se torna si mesma na comunicação × a luz ‘dada antes de qualquer relação’” · «—» · [decisão do fundador]
11. 2.4 e 2.10 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la”; “pode revelar uma luz encoberta” · «—» · [decisão do fundador]

12. 2.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero”; “o que recebi que me trouxe até aqui? O que estou deixando para quem vem depois?” · «—» · [letra do cânon]
13. 2.5 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro, anterior a toda busca” · «—» · [escrito do cânon]
14. 2.6 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo diário · “Definir a única coisa que hoje não pode ficar sem luz”; “voltar ao corpo e ao lugar presente”; “Encerrar com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” · «—» · [letra do cânon]
15. 2.6 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo semanal · “meio dia sem produzir nada. Só ser. A luz não precisa provar que existe” · «—» · [letra do cânon]
16. 2.6 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “existe plenamente apenas quando produz” · «—» · [escrito do cânon]
17. 2.7 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela” · «—» · [letra do cânon]
18. 2.7 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui” · «—» · [escrito do cânon]
19. 2.7 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “sem me trair” · «—» · [letra do cânon]
20. 2.8 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “não escolhe os caminhos por ninguém”; “Se a resposta é não, não vou” · «—» · [letra do cânon]
21. 2.8 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” · «—» · [decisão do fundador]
22. 2.9 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” · «—» · [letra do cânon]
23. 2.9 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “a dignidade não é conquistada, é descoberta” · «—» · [escrito do cânon]
24. 2.9 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo X · “admite graus de visão, nunca de valor: a mesma luz pode estar mais ou menos vista, ‘encoberta’, sem que isso ordene pessoas” · «—» · [decisão do fundador]
25. 2.9 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo IX · “a Lux é valor; a capacidade é poder” · «—» · [decisão do fundador]
26. 2.9 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · “de alguém” · «—» · [decisão do fundador]
27. 2.9 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII · “como leitura” · «—» · [decisão do fundador]
28. 2.10 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro” · «—» · [letra do cânon]
29. 2.10 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo” · «—» · [escrito do cânon]
30. 2.10 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “reconhecê-lo, não fabricá-lo” · «—» · [escrito do cânon]
31. 2.11 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite” · «—» · [letra do cânon]
32. 2.11 · Tratado da Vigília, “Definição” · “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” · «—» · [escrito do cânon]
33. 2.11 e 2.12 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”; “não depende de nenhuma das duas

leituras”; “quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa, quem não crê não a lerá” · «—» · [escrito do cânon]

34. 2.12 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “seja qual for o nome que cada um lhe dê” · «—» · [letra do cânon]
35. 2.12 · Decisão n.º 9 de 12/11/2026, Estudo XIV · “não é teísta, ateu nem agnóstico” · «—» · [decisão do fundador]
36. 2.13 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu” · «—» · [letra do cânon]
37. 2.13 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “três lugares — de museu, quando a luz só se protege; guardada do vento, na margem; posta no rio —, e o que os separa é o devolver” · «—» · [escrito do cânon]
38. 2.13 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “não são obstáculos ao espírito” · «—» · [letra do cânon]
39. 2.14 · Princípio da série, cabeçalho dos Estudos XIII e XIV · “Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras” · «—» · [texto do estudo]
40. 2.15 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “Uma pessoa dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira” · «—» · [escrito do cânon]
41. 2.15 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · “não diz que a noite é prova” · «—» · [decisão do fundador]
42. 2.15 · Tratado da Vigília, “Síntese” · “sem explicá-la e sem negá-la” · «—» · [escrito do cânon]

Capítulo 3 — Onde nos separamos

Taylor

1. 3.1 · Taylor, *Philosophical Papers 1: Human Agency and Language*, Cambridge: Cambridge University Press, 1985, Introdução, p. 3 · “pano de fundo de distinções” · «background of distinctions between things which are recognised as of categoric or unconditioned or higher importance or worth» · [V-en]
2. 3.1 · Taylor, *Philosophical Papers 1*, 1985, p. 24 · “superior e inferior, nobre e vil” · «higher and lower, noble and base» · [V-en]
3. 3.1 · Taylor, *Philosophical Papers 1*, 1985, p. 34 · “definida por nossas avaliações fundamentais” · «our identity is defined by our fundamental evaluations» · [V-en]
4. 3.1 · Taylor, *As fontes do self* (*Sources of the Self*), Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989, cap. 1, p. 27 · “é constitutivo da agência humana” · «living within such strongly qualified horizons is constitutive of human agency» · [V-en]
5. 3.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 1, p. 27 · “personalidade humana íntegra, isto é, não danificada” · «integral, that is, undamaged human personhood» · [V-en]
6. 3.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 3, pp. 62–63 · “incomparavelmente mais importantes”; “o ponto de vista” · «hypergoods, i.e. goods which not only are incomparably more important than others but provide the standpoint from which these must be weighed, judged, decided about» · [V-en]

7. 3.2 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 4, p. 92 · “pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” · «Articulation can bring us closer to the good as a moral source, can give it power.» · [V-en]
8. 3.2 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 4, p. 93 · “algo cujo amor nos capacita a fazer e a ser o bem” · «something the love of which empowers us to do and be good» · [V-en]
9. 3.2 · Taylor, *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*), Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992, p. 22 · “tem aqui um sentido moral” · «Articulacy here has a moral point» · [V-en]
10. 3.2 · Taylor, *Uma era secular* (*A Secular Age*), Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 2007, p. 6 · “lutamos para articular o que vivemos” · «We struggle to articulate what we’ve been through» · [V-en]
11. 3.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 35 · “entre outros eus” · «One is a self only among other selves.» · [V-en]
12. 3.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 36 · “teias de interlocução” · «A self exists only within what I call ‘webs of interlocution.’» · [V-en]
13. 3.3 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 33 · “sempre em diálogo com, às vezes em luta contra” · «We define this always in dialogue with, sometimes in struggle against, the identities our significant others want to recognize in us.» · [V-en]
14. 3.3 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, pp. 47–48 · “por diálogo” · «I negotiate it through dialogue» · [V-en]
15. 3.3 · Taylor, “A política do reconhecimento” (“The Politics of Recognition”), em Amy Gutmann (org.), *Multiculturalism*, Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 25 · “em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta” · «our identity is partly shaped by recognition or its absence, often by the misrecognition of others» · [V-en]
16. 3.3 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 41 · “esse potencial, e não o que a pessoa fez dele, é o que garante que cada pessoa mereça respeito” · «This potential, rather than anything a person may have made of it, is what ensures that each person deserves respect.» · [V-en]
17. 3.3 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 26 · “é uma necessidade humana vital” · «It is a vital human need.» · [V-en]
18. 3.3 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 38 · “o que se estabelece deve ser universalmente o mesmo”; “a identidade única deste indivíduo ou grupo” · «what is established is meant to be universally the same»; «the unique identity of this individual or group» · [V-en]
19. 3.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 15 · “o ideal moral por trás da autorrealização é o de ser verdadeiro consigo mesmo” · «The moral ideal behind self-fulfilment is that of being true to oneself» · [V-en]
20. 3.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 28 · “um modo original de ser humano” · «each of us has an original way of being human» · [V-en]
21. 3.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 29 · “ao articulá-la, também me defino” · «In articulating it, I am also defining myself.» · [V-en]
22. 3.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 61 · “a revelação vem pela expressão” · «revelation comes through expression» · [V-en]
23. 3.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 37 · “um fundo de inteligibilidade” · «Things take on importance against a background of intelligibility.» · [V-en]

24. 3.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 39 · “os horizontes são dados” · «Horizons are given.» · [V-en]
25. 3.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, pp. 40–41 · “o chamado de Deus, ou algo desta ordem importa de modo decisivo” · «the call of God, or something else of this order matters crucially» · [V-en]
26. 3.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, pp. 40–41 · “definir para mim uma identidade que não seja trivial” · «can I define an identity for myself that is not trivial» · [V-en]
27. 3.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 17 · “relativismo brando” · «soft relativism» · [V-en]
28. 3.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 37 · “se autodestrói” · «Soft relativism self-destructs.» · [V-en]
29. 3.5 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, parte III, p. 211 · “aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução” · «those aspects of human life concerned with production and reproduction» · [V-en]
30. 3.5 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 774 · “impulso para completar a revolução axial” · «thrust to complete the Axial revolution» · [V-en]
31. 3.5 · Taylor, “Deus ama os advérbios” (“God Loveth Adverbs”) · título e localização não conferidos · «—» · [localização a confirmar]
32. 3.6 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 28 · “orientado no espaço moral” · «To know who you are is to be oriented in moral space» · [V-en]
33. 3.6 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 34 · “certas questões importam para nós” · «We are selves only in that certain issues matter for us» · [V-en]
34. 3.6 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, pp. 51–52 · “busca” · «[…] inescapably understand our lives in narrative form, as a ‘quest’» · [V-en; V-es: Lizón]
35. 3.6 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 7, pp. 129–130 · “é também uma luz ‘interior’” · «it is also an ‘inner’ light» · [V-en]
36. 3.7 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, Introdução, p. 5 · “reside uma plenitude, uma riqueza”; “mais como deveria ser” · «Somewhere, in some activity, or condition, lies a fullness, a richness; that is, in that place (activity or condition), life is fuller, richer, deeper, more worth while, more admirable, more what it should be.» · [V-en]
37. 3.7 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 6 e nota 8, p. 780 · “agudamente consciente de quão inadequadas são todas as palavras aqui” · «I am acutely aware how inadequate all words are here» · [V-en]
38. 3.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 550 · “bem entendida, ela admite as duas leituras, sem nos compelir a nenhuma” · «properly understood, it allows of both readings, without compelling us to either» · [V-en]
39. 3.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, pp. 549–550 · “giro” e “tomada”; a tomada de Taylor como algo na natureza de um palpite · «spin»; «take» · [paráfrase]
40. 3.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 38 · “pode se ver como invulnerável” · «This self can see itself as invulnerable, as master of the meanings of things for it.» · [V-en]
41. 3.8 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 25, pp. 517–518 · “Não sou obviamente neutro”; “o potencial de certa perspectiva teísta é incomparavelmente maior” · «I am obviously not neutral in posing these questions»; «the potential of a certain theistic perspective is incomparably greater» · [V-en]

42. 3.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, pp. 594–595 · “a cultura inteira vive pressões cruzadas” · «The whole culture experiences cross pressures» · [V-en]
43. 3.8 · Taylor, conferência do Prêmio Kyoto, 2008, p. 197 · “pessoa de fé” · «as a person of faith, I find these harder to understand; and respect here goes along with understanding» · [V-en]
44. 3.9 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, pp. 19–20 · “além do florescimento humano” · «the eclipse of all goals beyond human flourishing becomes conceivable» · [V-en]
45. 3.9 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 16 · “muito escorregadia” · «a word like ‘transcendent’ is very slippery» · [V-en]
46. 3.9 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 18 · “o florescimento é bom, mas procurá-lo não é o nosso fim último” · «Flourishing is good, nevertheless seeking it is not our ultimate goal.» · [V-en]
47. 3.10 · Taylor, *Dilemas e conexões* (*Dilemmas and Connections*), Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 2011, p. 173, citado em Schoenberg, *Roczniki Filozoficzne* 64/4, 2016 · “significa visar além da vida ou abrir-se a uma mudança de identidade” · «acknowledging the transcendent means aiming beyond life or opening yourself to a change in identity» · [V via secundária: Schoenberg; página a confirmar]
48. 3.10 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 728 · conversão · «—» · [paráfrase]
49. 3.11 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 62 · “credo combatente” · «Liberalism is also a fighting creed.» · [V-en]
50. 3.11 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 545 · “uma compreensão mais radical e de maior alcance do bem, como temos, por exemplo, com Rousseau e Marx” · «a more radical and far-reaching understanding of the good, as we have for instance with Rousseau and Marx» · [V-en]
51. 3.11 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 690 · “pensadores cruciais” · «Rousseau and Marx are crucial thinkers in this stream of thinking» · [V-en]
52. 3.11 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 117 · “uma sociedade fragmentada é aquela cujos membros acham cada vez mais difícil identificar-se com sua sociedade política como uma comunidade” · «A fragmented society is one whose members find it harder and harder to identify with their political society as a community» · [V-en]
53. 3.11 · Taylor, “Marxism and Humanism”, *New Reasoner* 2, 1957, p. 94 · “inimigos do socialismo”; “deixado de ser realmente humanos” · «The “enemies of Socialism” imagined or real, ceased to be really human.» · [V via secundária: Wallace, 2023, p. 231]

A tradição

1. 3.2 · Ricoeur, “The Fundamental and the Historical: Notes on Charles Taylor’s *Sources of the Self*” (2001), em *Reflections on the Just*, University of Chicago Press, 2007, p. 183 · “a heterogeneidade dos hiperbens também abre o caminho à controvérsia” · «The heterogeneity of hypergoods also opens the way to controversy» · [V via secundária: Newing, 2022, pp. 79–80]
2. 3.3 · Appiah, “Identity, Authenticity, Survival: Multicultural Societies and Social Reproduction”, em Gutmann (org.), *Multiculturalism*, 1994, p. 162 · “com que podemos estar felizes a longo prazo” · «ones we […] can be happy with in the longer run» · [V-en]
3. 3.5 · Casanova, “A Secular Age: Dawn or Twilight?”, em Calhoun, Warner e VanAntwerpen (orgs.), *Varieties of Secularism in a Secular Age*, Cambridge, MA: Harvard University

Press, 2010, cap. 11 · “narrativa mestra da Reforma” · «reform master narrative» · [V-en; localização a confirmar]

4. 3.11 · Habermas e Walzer, em Gutmann (org.), *Multiculturalism*, 1994, pp. 109, 112, 116 (Habermas) e 99 (Walzer) · discussão do texto de Taylor, sem trecho · «—» · [paráfrase; localização a confirmar]
5. 3.12 · *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, verbete lido no Estudo XIII · distingue Arendt dos comunitaristas, como Taylor · «—» · [V via secundária: Stanford Encyclopedia of Philosophy; tese a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 3.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância” · «—» · [letra do cânon]
2. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la” · «—» · [escrito do cânon]
3. 3.1 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo X · “admite graus de visão, nunca de valor” · «—» · [decisão do fundador]
4. 3.1 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo IX · “a Lux é valor; a capacidade é poder” · «—» · [decisão do fundador]
5. 3.1 e 3.2 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?” · «—» · [letra do cânon]
6. 3.1 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” · «—» · [decisão do fundador]
7. 3.1 · Decisão n.º 1 de 06/11/2026, Estudo V · “a escolha entra como lugar da pessoa” · «—» · [decisão do fundador]
8. 3.1 · Estudo X, 1.11 · “palavra do Estudo VII, 3.4, e de Taylor, não do cânon” · «—» · [texto do estudo]
9. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “dorme, adoece, esquece, fracassa”; “pessoa inteira” · «—» · [escrito do cânon]
10. 3.2, 3.8 e 3.13 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” · «—» · [letra do cânon]
11. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” · «—» · [escrito do cânon]
12. 3.2 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo X · “o Bem não é nome da Luz”; “a fonte continua sem nome no cânon” · «—» · [decisão do fundador]
13. 3.2 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XII · “para o cristão”; “onde a letra o pôs, com quem crê” · «—» · [decisão do fundador]
14. 3.2 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “importa a presença, e não a explicação” · «—» · [escrito do cânon]
15. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta”; “condição de sua visibilidade para quem a carrega” · «—» · [escrito do cânon]

16. 3.2 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a palavra verdadeira posta em circulação” · «—» · [letra do cânon]
17. 3.3 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar”; “acender supõe ausência prévia”; “reconhecimento externo” · «—» · [escrito do cânon]
18. 3.3 e 3.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “pessoal, nunca individual”; “ninguém navega um rio privado” · «—» · [letra do cânon]
19. 3.3 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “A luz é dada antes de qualquer relação; o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la” · «—» · [decisão do fundador]
20. 3.3 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” · «—» · [escrito do cânon]
21. 3.3 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Toma-se de Buber o encontro, não a precedência da relação” · «—» · [escrito do cânon]
22. 3.3 · Decisão n.º 8 de 12/11/2026, Estudo XIV · “dada antes de qualquer relação” · «—» · [decisão do fundador]
23. 3.3 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII · “como leitura” · «—» · [decisão do fundador]
24. 3.3 e 3.6 · Decisão n.º 4 de 23/10/2026, Estudo IX · “o valor está na Lux, antes de qualquer história; o ‘quem’ está na história que a Revisão do rio nomeia” · «—» · [decisão do fundador]
25. 3.3 · Estudo X, 5.5 · o “potencial” fora dos nomes da Lux · «—» · [leitura do estudo]
26. 3.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela” · «—» · [letra do cânon]
27. 3.4 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “a tarefa da vida é reconhecê-lo, não fabricá-lo” · «—» · [escrito do cânon]
28. 3.4 e 3.6 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras” · «—» · [letra do cânon]
29. 3.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “sem me trair” · «—» · [letra do cânon]
30. 3.4 · Estudo V, 2.2 · “autenticidade” não é letra da Bússola · «—» · [leitura do estudo]
31. 3.4 · Decisão n.º 10 de 06/11/2026, Estudo V · “autenticidade” fora da Ficha · «—» · [decisão do fundador]
32. 3.5 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo diário · “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz”; “ao corpo e ao lugar presente”; “com gratidão a alguém do passado” · «—» · [letra do cânon]
33. 3.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa” · «—» · [letra do cânon]
34. 3.5 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo semanal · “meio dia sem produzir nada. Só ser. A luz não precisa provar que existe” · «—» · [letra do cânon]
35. 3.5 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XI · “um não-ato” · «—» · [decisão do fundador]
36. 3.6 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro” · «—» · [escrito do cânon]
37. 3.6 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “reconhecer-se pequeno no rio, mas parte dele” · «—» · [letra do cânon]

38. 3.7 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “promete presença, não vitória”; “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite” · «—» · [letra do cânon]
39. 3.7 · Tratado da Vigília, “Definição” · “que olha para uma manhã que a luz não promete” · «—» · [escrito do cânon]
40. 3.7 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” · «—» · [escrito do cânon]
41. 3.8 · Decisão n.º 9 de 12/11/2026, Estudo XIV · “O cânon não é teísta, ateu nem agnóstico” · «—» · [decisão do fundador]
42. 3.8 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua” · «—» · [decisão do fundador]
43. 3.9 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “a transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”; “estar inteiro onde o corpo está” · «—» · [letra do cânon]
44. 3.9 · Catecismo, pergunta 17 · “o que vai além de nós” · «—» · [escrito do cânon]
45. 3.9 · Disputatio sobre a luz interior e o mal, “2. Sed contra” · “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida” · «—» · [escrito do cânon]
46. 3.9 · Decisão n.º 9 de 12/11/2026, Estudo XIV · “‘Transcendência’ tem ao menos quatro usos, e nenhum é nome da Lux” · «—» · [decisão do fundador]
47. 3.9 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “mensagem a carregar” · «—» · [letra do cânon]
48. 3.10 · Decisão n.º 6 de 06/11/2026, Estudo V · “sem dizer nada do depois” · «—» · [decisão do fundador]
49. 3.10 · Decisão n.º 12 de 06/11/2026, Estudo V · “‘atemporal’ é letra do cânon, e ‘eterna’ e ‘imortal’ não se dizem da Lux” · «—» · [decisão do fundador]
50. 3.11 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026, Estudo XIII · “o rio continua sem ser programa político” · «—» · [decisão do fundador]
51. 3.11 · Decisão n.º 9 de 06/11/2026, Estudo V · a leitura de Moriá registrada em (j) · «—» · [decisão do fundador]
52. 3.12 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI · “A fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série” · «—» · [decisão do fundador]
53. 3.12 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II · “o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se à Stoa” · «—» · [decisão do fundador]
54. 3.12 · Decisão n.º 11 de 04/11/2026, Estudos III e IV · “O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao cristianismo”; “ao Vedanta” · «—» · [decisão do fundador]
55. 3.12 · Decisão n.º 11 de 06/11/2026, Estudos V e VI · “O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao existencialismo”; “ao taoísmo” · «—» · [decisão do fundador]
56. 3.12 · Decisão n.º 11 de 12/11/2026, Estudo XIV · “O padrão das fronteiras estende-se a Marcel e a Jaspers” · «—» · [decisão do fundador]
57. 3.12 · Estudo XIII, 4.6 · “a biografia não é doutrina” · «—» · [texto do estudo]
58. 3.13 · Decisão n.º 1 de 12/11/2026, Estudo XIV · “não nomeia a Lux por contraste” · «—» · [decisão do fundador]

Capítulo 4 — Taylor diante das casas da série

Taylor

1. 4.1 · Taylor, “A política do reconhecimento” (“The Politics of Recognition”), em Gutmann (org.), *Multiculturalism*, Princeton University Press, 1994, p. 36 · “o tema do reconhecimento recebe em Hegel o seu tratamento inicial mais influente” · «the topic of recognition is given its most influential early treatment in Hegel» · [V-en]
2. 4.1 · Taylor, *Hegel*, Cambridge University Press, 1975, p. 461 · “Precisamos ao mesmo tempo de liberdade e de uma *Sittlichkeit* pós-industrial” · «We need at once freedom and post-industrial Sittlichkeit» · [V via secundária: Wallace, 2023, p. 232, n. 836]
3. 4.1 · Taylor, *Uma era secular* (*A Secular Age*), Belknap Press of Harvard University Press, 2007, p. 690 · “tentou à sua maneira casar Rousseau e Kant” · «tried in his own way to marry Rousseau and Kant» · [V-en]
4. 4.2 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 255 · “é como ser movido por outras grandes fontes morais de nossa tradição, sejam elas a Ideia do Bem, ou o *agape* de Deus, ou o Tao, ou a humanidade-de-coração” · «other great moral sources in our tradition, be they the Idea of the Good, or God’s agape, or the Tao, or human-heartedness» · [V-en]
5. 4.2 · Taylor, conferência do Prêmio Kyoto, 2008, p. 187 · “valeu-se do que podemos aprender de Aristóteles e da filosofia da ciência” · «can learn from Aristotle and the philosophy of science to define the issues» · [V-en]
6. 4.2 · Taylor, busca da palavra *phronesis* nos textos abertos · não achada · «—» · [leitura do estudo; localização a confirmar]
7. 4.3 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 29 · “via o caminho para Deus passando pela nossa própria autoconsciência” · «the road to God as passing through our own self-awareness» · [V-en]
8. 4.3 · Taylor, “Précis of *Sources of the Self*”, 1994, p. 185 · “de que o caminho para o contato com Deus ia para dentro” · «his belief that the road to contact with God lay inward» · [V-en]
9. 4.3 · Taylor, *As fontes do self* (*Sources of the Self*), Harvard University Press, 1989, cap. 7, pp. 128–129 · “o caminho do inferior ao superior, a mudança crucial de direção, passa por nossa atenção a nós mesmos como interiores” · «the road from the lower to the higher, the crucial shift in direction, passes through our attending to ourselves as inner» · [V-en; bloco citado por Colorado, 2009, n. 329]
10. 4.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 7, p. 130 · “a atividade de conhecer é particularizada; cada um de nós está engajado na sua. Olhar para essa atividade é olhar para o self, assumir uma postura reflexiva” · «the activity of knowing is particularized; each of us is engaged in ours. To look towards this activity is to look to the self, to take up a reflective stance» · [V-en; bloco citado por Colorado, 2009, n. 332]
11. 4.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 7, pp. 130–131 · “introduziu a interioridade da reflexividade radical e a legou à tradição ocidental” · «introduced the inwardness of radical reflexivity and bequeathed it to the Western tradition» · [V-en; página a confirmar]
12. 4.3 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 56 · “examina o tempo vivido” · «Augustine in his famous discussion in Confessions XI examines lived time» · [V-en]
13. 4.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 7, pp. 129–130 · “A luz de Deus não está apenas ‘lá fora’, iluminando a ordem do ser, como em Platão; é também uma luz ‘interior’. É a luz da alma” · «[T]he light of God is not just ‘out there’, illuminating the order of being, as it is

for Plato; it is also an ‘inner’ light. It is the light of the soul.» · [V-en; bloco citado por Colorado, 2009, n. 331]

14. 4.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 7, p. 141 · “só posso me compreender à luz de uma perfeição que vai muito além de meus poderes” · «I can only understand myself in the light of a perfection that goes far beyond my powers» · [V-en; bloco citado por Choi, tese de Durham]
15. 4.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, p. 143 · “voltamo-nos para o caminho interior só para ascender além, a Deus” · «we turn to the path within only to accede beyond, to God» · [V-en; bloco citado por Colorado, 2009, n. 351]
16. 4.4 · Taylor, *Uma era secular*, 2007 · o nome de Ricoeur não ocorre (corpo, notas e índice) · «—» · [leitura do estudo; busca no texto integral]
17. 4.5 · Taylor, *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*), Harvard University Press, 1992, p. 7 · Arendt, *A condição humana* · «—» · [paráfrase]
18. 4.5 · Taylor, *Argumentos filosóficos* (*Philosophical Arguments*), Harvard University Press, 1995, cap. 1, “Overcoming Epistemology” · “uma afinidade natural” entre a crítica do atomismo e o humanismo cívico, “de Humboldt a Arendt” · «a natural affinity between this critique, with its stress on situated freedom and the roots of our identity in community, on the one hand, and the civic humanist tradition on the other, as the works of a number of writers, from Humboldt to Arendt, testify» · [V-en; página a confirmar]
19. 4.5 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, n. 38, p. 844 · “as formas de poder político sobre as quais Hannah Arendt escreveu” · «the forms of political power which Hannah Arendt wrote about» · [V-en]
20. 4.6 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 151 · Jaspers e a “Era Axial” · «The reference is to what Karl Jaspers called the “Axial Age”» · [V-en]
21. 4.6 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, n. 9, p. 792 · não aceitar necessariamente muito do que Jaspers associou ao termo · «I am not necessarily accepting much of what Jaspers associated with this term» · [V-en]
22. 4.6 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 578 · “os passos clássicos da Revolução Axial” · «which are the classic steps in the Axial Revolution» · [V-en]
23. 4.6 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, pp. 213, 348–349, 664 (índice) · “Marcel”: Marcel Mauss e Marcel Gauchet; Gabriel Marcel não ocorre · «—» · [leitura do estudo; busca no texto integral]
24. 4.6 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, n. 37, p. 844 · “a discussão de Derrida e Lévinas”, em Milbank, *Being Reconciled*, cap. 8 · «—» · [V-en]
25. 4.7 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 16 · “A vida mais alta, a melhor, envolve buscar, ou reconhecer, ou servir a um bem que está além, no sentido de independente do florescimento humano?” · «does the highest, the best life involve our seeking, or acknowledging, or serving a good which is beyond, in the sense of independent of human flourishing?» · [V-en]
26. 4.7 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 17 · “Há outros modos de sermos levados para além do florescimento humano comum. O budismo é um exemplo” · «But there are other ways in which we can be taken beyond ordinary human flourishing. Buddhism is an example.» · [V-en]
27. 4.7 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, pp. 17–18 · o *anatta* e o caminho do Nirvana, que envolve renunciar · «—» · [paráfrase]

28. 4.7 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 17 · “como o estoicismo parece fazer”; “não vai funcionar para o cristianismo, e suspeito que tampouco para o budismo” · «as Stoicism seems to do, for example? This won’t work for Christianity, and I suspect also not for Buddhism» · [V-en]
29. 4.7 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 18 · “Há uma tensão fundamental no cristianismo. O florescimento é bom, mas procurá-lo não é o nosso fim último” · «There remains a fundamental tension in Christianity. Flourishing is good, nevertheless seeking it is not our ultimate goal.» · [V-en]
30. 4.7 · Taylor, conferência do Prêmio Kyoto, 2008, p. 197 · “como pessoa de fé” · «as a person of faith, I find these harder to understand; and respect here goes along with understanding» · [V-en]
31. 4.7 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 25, pp. 517–518 · o palpite teísta · «great as the power of naturalist sources might be, the potential of a certain theistic perspective is incomparably greater» · [V-en]
32. 4.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, pp. 325, 612, 689 · ciclos de eras “no pensamento estoico ou hindu”; a *ahimsa*; o “Hindutva” · «in Stoic or Hindu thought» · [paráfrase; páginas conferidas por índice e busca no texto]
33. 4.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007 · “Vedanta”, “Upanishad” e “Brahman” não ocorrem · «—» · [leitura do estudo; busca no texto integral]
34. 4.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 583 · o “humanismo revolucionário” de Sartre e Camus · «—» · [paráfrase]
35. 4.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 586 · “foi o que tornou Camus incapaz de seguir Sartre” · «Camus unable to follow Sartre in his support for Communism» · [V-en]
36. 4.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 726 · “morte do sujeito”; “afinidades paradoxais” com visões religiosas · «death of the subject»; «the paradoxical affinities with certain religious outlooks» · [V-en]
37. 4.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, n. 17, p. 842 · texto de Sartre sobre a guerra anticolonial, exemplo de glorificação da violência · «—» · [paráfrase]
38. 4.8 · Taylor, *Philosophical Papers* 1 (*Human Agency and Language*), Cambridge University Press, 1985, pp. 28–29 · “uma escolha que não se funda em razão alguma” · «issue ultimately from a radical choice, that is, a choice which is not grounded in any reasons» · [V-en; bloco citado por Meijer, 2018]
39. 4.8 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 18 · “como o taoísmo parece ser” · «There were also outlooks, like Taoism seems to be, where flourishing was conceived in a unitary way, including reverence for the higher.» · [V-en]
40. 4.9 · Taylor, *Uma era secular*, 2007 · o nome de Kierkegaard não ocorre (corpo, notas e índice); nem em “A política do reconhecimento”, no *Précis* ou em Kyoto · «—» · [leitura do estudo; busca no texto integral]
41. 4.9 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 543 · “seguindo um caminho aberto por Spinoza”; “o Plano fica sem planejador” · «But following a path opened by Spinoza, we can also see Nature as identical with God, and then as independent from God. The Plan is without a planner.» · [V-en]
42. 4.9 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, índice, “Spinoza”: pp. 274–275, 280, 363, 596; *Tratado teológico-político*: p. 271 · «—» · [leitura do estudo; índice]
43. 4.9 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 41 · “o nosso estatuto de agentes racionais” · «what commanded respect in us was our status as rational agents, capable of

directing our lives through principles» · [V-en]

44. 4.9 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 347 · “expressão paradigmática” da dupla consciência, a imagem pascaliana do caniço · «The paradigm expression of this double consciousness is Pascal’s image of the reed» · [V-en]
45. 4.9 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 532 · o Deus oculto · «—» · [paráfrase]
46. 4.9 · Taylor, “Marxism and Humanism”, *New Reasoner* 2, 1957, p. 94 · o comunismo e os “inimigos do socialismo” · «The “enemies of Socialism” imagined or real, ceased to be really human.» · [V via secundária: Wallace, 2023, p. 231]
47. 4.9 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 545 · Rousseau e Marx · «a more radical and far-reaching understanding of the good, as we have for instance with Rousseau and Marx» · [V-en]
48. 4.9 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 690 · Rousseau e Marx, “pensadores cruciais” · «Rousseau and Marx are crucial thinkers in this stream of thinking» · [V-en]
49. 4.9 · Taylor, conferência do Prêmio Kyoto, 2008, pp. 181, 187 · “marxismo vulgar”; Marx entre os fundadores da ciência social · «vulgar Marxism»; «The great founding figures of social science in the West, like Marx» · [V-en]

A tradição

1. 4.1 · Williams, “Republican and Galilean”, *The New York Review of Books*, 08/11/1990 · “o primeiro grande livro de Taylor foi sobre Hegel, mas ele nunca foi hegeliano”; “não aceitou que a história tenha um propósito, que o horror do passado possa ser redimido” · «Taylor’s first big book was on Hegel, but he has never been a Hegelian. He has not accepted that history has a purpose, that the dreadfulness of the past can be redeemed» · [V-en]
2. 4.2 · Calhoun, 1991, p. 234 · “a noção platônica de domínio racional, que casa razão e autocontrole” · «rational mastery, which weds reason to self-control» · [V-en; paráfrase de Calhoun]
3. 4.2 · Calhoun, 1991, p. 244, n. 17 · Aristóteles “brevemente”; “assuntos humanos exigem mais um sentido de sabedoria prática” · «Aristotle makes a surprisingly brief appearance» · [V-en; paráfrase de Calhoun]
4. 4.2 e 4.4 · Newing, 2022, p. 78, n. 29 · “a inspiração aristotélica”, citando Ricoeur, 1994/2000, p. 148 · «—» · [V via secundária: Newing, 2022, p. 78, n. 29]
5. 4.3 · Teixeira, citado no Estudo XII, 5.4 (*As fontes do self*, 1989, cap. 7, p. 131) · “mal seria exagero dizer que foi Agostinho quem introduziu a interioridade da reflexividade radical” · «—» · [V via secundária: Teixeira; início da frase não visto]
6. 4.4 · Ricoeur, “Conscience and the Law” (1994), em *The Just*, trad. D. Pellauer, University of Chicago Press, 2000, p. 148 · “a pergunta *quem?* — Quem sou eu? —, que preside toda busca de identidade pessoal, encontra um primeiro esboço de resposta nos modos de adesão pelos quais respondemos à solicitação das avaliações fortes”; “diferentes maneiras de se orientar no que Taylor chama de espaço moral” · «This correlation expresses the fact that the question who? – Who am I? – presiding over every search for personal identity, finds a first outline of an answer in the modes of adhesion by which we respond to the solicitation of strong evaluations. In this respect, we can make the different variations of the discrimination of good and evil correspond to different ways of orientating oneself in what Taylor calls moral space» · [V via secundária: Newing, 2022, pp. 77–78, n. 28]

7. 4.4 · Ricoeur, “The Fundamental and the Historical: Notes on Charles Taylor’s *Sources of the Self*” (2001), em *Reflections on the Just*, University of Chicago Press, 2007, p. 183 · “a heterogeneidade dos hiperbens também abre o caminho à controvérsia, pois como pôr o que é fundamentalmente heterogêneo numa hierarquia única?” · «The heterogeneity of hypergoods also opens the way to controversy» · [V via secundária: Newing, 2022, pp. 79–80]
8. 4.4 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro* (*Soi-même comme un autre*), 1990 · a página em que Ricoeur cita Taylor não foi achada · «—» · [tese a confirmar]
9. 4.4 · “Carr, Taylor and Ricœur, 1985/1991, pp. 174–179” · discussão publicada · «—» · [V via secundária: Newing, 2022, n. 38, p. 110; atribuição a confirmar]
10. 4.5 · Calhoun, 1991, p. 247 · Arendt na tradição cívica · «—» · [paráfrase; ideia de Calhoun]
11. 4.5 · Fundação Inamori, texto sobre o Prêmio Kyoto de 2008 · Taylor “defende o ‘comunitarismo’” · «—» · [V-en; rótulo do prêmio]
12. 4.5 · *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, verbete lido no Estudo XIII · distingue Arendt de Taylor · «—» · [V via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*; tese a confirmar]
13. 4.6 · Thomson, “Transcendence and the Problem of Otherworldly Nihilism”, *Inquiry* 54:2, 2011, n. 26 · Levinas e Heidegger sobre a morte · «—» · [paráfrase; ideia de Thomson]
14. 4.7 · Schoenberg, *Roczniki Filozoficzne* 64/4, 2016, sobre *A Catholic Modernity?*, p. 19 · o humanismo exclusivo, “baseado exclusivamente numa noção de florescimento humano, que não reconhece nenhum fim válido além dele” · «based exclusively on a notion of human flourishing, one that recognizes no valid aim beyond this» · [V via secundária: Schoenberg/Stout; página a confirmar]
15. 4.7 · Williams, 1990 · “mais distintamente católica … do que Taylor quer que seja” · «a more distinctively Catholic tale, I am going to suggest, than Taylor wants it to be» · [V-en]
16. 4.7 · Calhoun, 1991, p. 243, n. 15 · “um caso mais geralmente cristão” · «a more generally Christian case» · [V-en]
17. 4.8 · Wallace, *Redemption and Reform in A Secular Age*, DPhil, Oxford, 2023, p. 276 · Taylor não cita Sartre diretamente a propósito da má-fé · «neither Taylor nor Herdt cite him directly» · [V via secundária: Wallace, 2023, p. 276]
18. 4.9 · Calhoun, 1991, p. 233 · “mais perto do pensamento fenomenológico e existencial — Kierkegaard, Heidegger” · «closer to phenomenological and existential thought—Kierkegaard, Heidegger» · [V-en; juízo de Calhoun]

O cânon e os escritos

1. 4.1 · Estudo VII, 1.4 e 2.1 · “uma realidade metafísica” · «—» · [leitura do estudo]
2. 4.1 · Estudo VII, cap. 1, bibliografia · *Hegel*, 1975: “citado como leitura, sem página” · «—» · [leitura do estudo]
3. 4.1 · Decisão n.º 1 de 17/10/2026, Estudo VII · a dialética como método e não como teodiceia · «—» · [decisão do fundador]
4. 4.1 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · “o cânon não diz que a noite é prova” · «—» · [decisão do fundador]
5. 4.2 · Estudo X, 5.5 · Taylor lê a razão platônica como domínio de si e o Bem como fonte moral · «—» · [paráfrase; localização a confirmar]

6. 4.2 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo X · “o Bem não é nome da Luz”; “a fonte continua sem nome no cânon” · «—» · [decisão do fundador]
7. 4.2 · Decisão n.º 1 de 23/10/2026, Estudo X · o giro aceito, a escada recusada · «—» · [decisão do fundador]
8. 4.2 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026, Estudo XI · “percebe o particular e veta” · «—» · [decisão do fundador]
9. 4.2 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026, Estudo XI · o exercício aceito, a medida recusada · «—» · [decisão do fundador]
10. 4.3 · Estudo XII, 5.3 e 5.4 · Taylor “lê a interioridade de Agostinho como história”; “um lugar na história do si” · «—» · [leitura do estudo]
11. 4.3 · Estudo XIII, 5.2 · repete a frase do XII · «—» · [tese a confirmar]
12. 4.3 · Tratado da Luz Interior, “Nota sobre o nome” · “não é Cristo nem recebe outro nome; é de alguém, anterior a qualquer conquista ou circunstância”; “a filosofia não decide por ninguém o que há por trás dela” · «—» · [escrito do cânon]
13. 4.3 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “principal herança”; “o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro” · «—» · [escrito do cânon]
14. 4.3 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026, Estudo XII · o dentro aceito, a exceção recusada · «—» · [decisão do fundador]
15. 4.4 · Estudo IX, 5.6 · “a letra de Ricoeur reunida para o estudo não traz passagem em que ele leia Taylor, e a relação entre os dois fica por conferir” · «—» · [tese a confirmar]
16. 4.4 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo IX · “a Lux é valor; a capacidade é poder” · «—» · [decisão do fundador]
17. 4.4 · Decisão n.º 4 de 23/10/2026, Estudo IX · “na história que a Revisão do rio nomeia”; “antes de qualquer história” · «—» · [decisão do fundador]
18. 4.4 · Decisão n.º 1 de 23/10/2026, Estudo IX · o desvio aceito, a conquista recusada · «—» · [decisão do fundador]
19. 4.4 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “não comparativa, não sujeita a ranking” · «—» · [escrito do cânon]
20. 4.5 · Estudo XIII, 4.8 · Taylor ao lado de Arendt só por negação · «—» · [leitura do estudo]
21. 4.5 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026, Estudo XIII · a pluralidade aceita, a aparição recusada · «—» · [decisão do fundador]
22. 4.5 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar” · «—» · [escrito do cânon]
23. 4.6 · Estudo XIV, 4.8 · “trata o tempo-eixo” · «—» · [leitura do estudo]
24. 4.6 · Decisão n.º 1 de 12/11/2026, Estudo XIV · a presença sim, a cifra não · «—» · [decisão do fundador]
25. 4.6 · Decisão n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII · a dívida aceita, a eleição recusada · «—» · [decisão do fundador]
26. 4.7 · Decisões n.º 1 de 03/11/2026, Estudos I e II; n.º 1 de 04/11/2026, Estudo III · atenção, não chegada; exame, não consentimento; anterioridade, não juízo · «—» · [decisão do fundador]
27. 4.7 · Decisão n.º 9 de 12/11/2026, Estudo XIV · “O cânon não é teísta, ateu nem agnóstico” · «—» · [decisão do fundador]

28. 4.8 · Decisão n.º 1 de 04/11/2026, Estudo IV; n.º 1 de 06/11/2026, Estudo V; n.º 1 e n.º 4 de 06/11/2026, Estudo VI · descoberta, não dissolução; escolha, não invenção; água, não esquecimento de si; “estrutura, nunca nome da Luz” · «—» · [decisão do fundador]
29. 4.9 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo IX · “a capacidade é poder” · «—» · [decisão do fundador]
30. 4.9 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII · a hipótese do VII “fica registrada como leitura” · «—» · [decisão do fundador]

Capítulo 5 — O que a série já disse e a Ficha proposta

Taylor

1. 5.5 · Taylor, “A política do reconhecimento” (“The Politics of Recognition”), em Gutmann (org.), *Multiculturalism*, Princeton University Press, 1994, p. 25 · “nossa identidade é em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta, muitas vezes pelo reconhecimento errôneo” · «our identity is partly shaped by recognition or its absence, often by the misrecognition of others» · [V-en]
2. 5.1 e 5.5 · Taylor, *As fontes do self* (*Sources of the Self*), Harvard University Press, 1989, cap. 2, p. 28 · “Saber quem se é é estar orientado no espaço moral” · «To know who you are is to be oriented in moral space» · [V-en]
3. 5.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, pp. 51–52 · “temos inescapavelmente de entender nossas vidas em forma narrativa, como uma ‘busca’” · «[…] inescapably understand our lives in narrative form, as a ‘quest’» · [V-en; V-es: Lizón]
4. 5.1 · Taylor, *Uma era secular* (*A Secular Age*), Belknap Press of Harvard University Press, 2007, p. 255 · “outras grandes fontes morais de nossa tradição, sejam elas a Ideia do Bem, ou o *agape* de Deus, ou o Tao, ou a humanidade-de-coração” · «other great moral sources in our tradition, be they the Idea of the Good, or God’s agape, or the Tao, or human-heartedness» · [V-en]
5. 5.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 4, p. 93 · “algo cujo amor nos capacita a fazer e a ser o bem” · «something the love of which empowers us to do and be good» · [V-en]
6. 5.1 · Taylor, conferência do Prêmio Kyoto, 2008, p. 187 · “valeu-se do que podemos aprender de Aristóteles” · «drew on what we can learn from Aristotle» · [V-en]
7. 5.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 7, p. 130 · “Olhar para essa atividade é olhar para o self, assumir uma postura reflexiva” · «To look towards this activity is to look to the self, to take up a reflective stance» · [V-en]
8. 5.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 7, p. 131 · “mal seria exagero dizer que foi Agostinho quem introduziu a interioridade da reflexividade radical” · «[…] it was Augustine who introduced the inwardness of radical reflexivity and bequeathed it to the Western tradition of thought» · [V via secundária: Teixeira, citado no Estudo XII, 5.4; início da frase não visto; tradução do estudo]
9. 5.1 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, n. 9, p. 792 · “necessariamente muito do que Jaspers associou a esse termo” · «I am not necessarily accepting much of what Jaspers associated with this term» · [V-en]
10. 5.1 · Taylor, *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*), Harvard University Press, 1992 (mesmo texto de *O mal-estar da modernidade*, *The Malaise of Modernity*, Anansi,

1991), p. 15 · “O ideal moral por trás da autorrealização é o de ser verdadeiro consigo mesmo” · «The moral ideal behind self-fulfilment is that of being true to oneself» · [V-en]

11. 5.1 e 5.5 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, parte III, p. 211 · “afirmação da vida ordinária” (português do estudo); “aqueles aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução” · «affirmation of ordinary life»; «those aspects of human life concerned with production and reproduction» · [V-en]
12. 5.5 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 36 · “Um eu existe só dentro do que chamo ‘teias de interlocução’” · «A self exists only within what I call ‘webs of interlocution.’» · [V-en]
13. 5.5 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, pp. 40–41 · “A autenticidade não é inimiga das exigências que emanam de além do eu; ela as supõe” · «Authenticity is not the enemy of demands that emanate from beyond the self; it supposes such demands.» · [V-en]
14. 5.5 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 22 · “A articulação tem aqui um sentido moral” · «Articulacy here has a moral point» · [V-en]
15. 5.5 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 26 · “O devido reconhecimento não é apenas uma cortesia que devemos às pessoas. É uma necessidade humana vital” · «Due recognition is not just a courtesy we owe people. It is a vital human need.» · [V-en]
16. 5.5 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 4, p. 92 · “A articulação pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” · «Articulation can bring us closer to the good as a moral source, can give it power.» · [V-en]
17. 5.5 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 3, pp. 62–63 · “bens que não só são incomparavelmente mais importantes que os outros, mas fornecem o ponto de vista a partir do qual estes devem ser pesados” · «goods which not only are incomparably more important than others but provide the standpoint from which these must be weighed» · [V-en]
18. 5.5 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 34 · “Somos eus só na medida em que certas questões importam para nós” · «We are selves only in that certain issues matter for us» · [V-en]
19. 5.5 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 5 · “Em algum lugar, em alguma atividade ou condição, reside uma plenitude, uma riqueza” · «Somewhere, in some activity, or condition, lies a fullness, a richness» · [V-en]
20. 5.5 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 16 · “um bem que está além, no sentido de independente do florescimento humano” · «a good which is beyond, in the sense of independent of human flourishing» · [V-en]
21. 5.5 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 25, pp. 517–518 · “o potencial de certa perspectiva teísta é incomparavelmente maior” · «the potential of a certain theistic perspective is incomparably greater» · [V-en]
22. 5.5 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 550 · “ela admite as duas leituras, sem nos compelir a nenhuma” · «it allows of both readings, without compelling us to either» · [V-en]

A tradição

1. 5.1 · Ricoeur, “Conscience and the Law” (1994), em *The Just*, trad. D. Pellauer, University of Chicago Press, 2000, p. 148 · “encontra um primeiro esboço de resposta nos modos de adesão pelos quais respondemos à solicitação das avaliações fortes” · «finds a first outline of an answer in the modes of adhesion by which we respond to the solicitation of strong evaluations» · [V via secundária: Newing, 2022]

2. 5.1 · Ricoeur, “The Fundamental and the Historical: Notes on Charles Taylor’s *Sources of the Self*” (2001), em *Reflections on the Just*, University of Chicago Press, 2007, pp. 168–184 · título e páginas, sem trecho · «—» · [V via secundária: Newing, 2022]
3. 5.1 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro* (*Soi-même comme un autre*) · a página em que Ricoeur cita Taylor não foi achada · «—» · [tese a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 5.1 · Estudo VII, 2.1 (e 1.4) · “a tradição se divide quanto ao que o espírito é […]: uma realidade metafísica, para Charles Taylor” · «—» · [leitura do estudo]
2. 5.1 · Estudo VII, bibliografia · Taylor, *Hegel* (Cambridge University Press, 1975): “citado como leitura, sem página” · «—» · [leitura do estudo]
3. 5.1 · Estudo VII, 3.1 · “Lux = dignidade; reconhecimento = identidade e visibilidade” · «—» · [hipótese do estudo]
4. 5.1 · Estudo IX, 5.6; Estudo X, 5.5; Estudo XIII, 5.3 · “não adotou nem recusou” · «—» · [leitura do estudo]
5. 5.1 e 5.2 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII · a hipótese do VII “fica registrada como leitura” · «—» · [decisão do fundador]
6. 5.1 · Estudo IX, 5.6 · *As fontes do si* resumido em três frases: orientação “no espaço dos bens”, “busca narrada”, articular as fontes como “parte de vivê-las”; e a letra de Ricoeur reunida, que não traz Ricoeur lendo Taylor · «—» · [paráfrase; localização a confirmar; tese a confirmar]
7. 5.1 · Estudo X, 1.11 · “‘bens’ é palavra do Estudo VII, 3.4, e de Taylor, não do cânon” · «—» · [leitura do estudo]
8. 5.1 · Estudo X, 5.5 · Taylor “lê a razão platônica como domínio de si e o Bem como fonte moral”; “o mesmo padrão” das Águas Comuns para as fontes teístas · «—» · [paráfrase; localização a confirmar; hipótese do estudo]
9. 5.1 e 5.2 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo X · “O Bem não é nome da Luz”; “a fonte continua sem nome no cânon” · «—» · [decisão do fundador]
10. 5.1 · Estudo XI, 5 e 5.4 · “o que se diz deles é aviso de porta”; Taylor “se opõe a Aristóteles onde faz da articulação dos bens tarefa de cada época e de cada pessoa” · «—» · [leitura do estudo; hipótese do estudo]
11. 5.1 · Estudo XII, 5.3 · Taylor “lê a interioridade de Agostinho como história” · «—» · [leitura do estudo]
12. 5.1 · Estudo XIII, 5.2 · Taylor “lê a interioridade como história e a vida comum como bem” · «—» · [tese a confirmar]
13. 5.1 · Estudo XIV, 4.9 · “Taylor trata o tempo-eixo de Jaspers em *Uma era secular*”; “leitura de Taylor sobre Marcel não se achou” · «—» · [tese a confirmar]
14. 5.1 · Estudo V, 4.14 · a p. 15 de *A ética da autenticidade*, “1991”, traduzida “fiel a si mesmo” · «—» · [leitura do estudo]
15. 5.1 · Ficha de outubro do Estudo V, “Bússola e autenticidade”; corrigida pela decisão n.º 10 de 06/11/2026, Estudo V · «—» · [decisão do fundador]
16. 5.2 e 5.5 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “A Lux vem antes do Abrigo. A luz é dada antes de qualquer relação; o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la.” · «—» · [decisão do fundador]

17. 5.2 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo IX · “A Lux é valor; a capacidade é poder” · «—» · [decisão do fundador]
18. 5.2 · Decisão n.º 4 de 23/10/2026, Estudo IX · “o valor está na Lux, antes de qualquer história; o ‘quem’ está na história que a Revisão do rio nomeia” · «—» · [decisão do fundador]
19. 5.2 · Decisão n.º 11 de 23/10/2026, Estudo IX · “Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor” · «—» · [decisão do fundador]
20. 5.2 e 5.5 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo X · “graus de visão, nunca de valor”; “A Lux admite graus de visão, nunca de valor” · «—» · [decisão do fundador]
21. 5.2 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” · «—» · [decisão do fundador]
22. 5.2 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026, Estudo XI · “A Bússola percebe o particular e veta” · «—» · [decisão do fundador]
23. 5.2 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026, Estudo XI · “estrutura, nunca nome da Luz” · «—» · [decisão do fundador]
24. 5.2 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026, Estudo XIII · “estar consigo” · «—» · [decisão do fundador]
25. 5.2 · Decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII · “a promessa dita a outro” · «—» · [decisão do fundador]
26. 5.2 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XIII · “a mentalidade alargada cabe na Bússola” · «—» · [decisão do fundador]
27. 5.2 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026, Estudo XIII · “o rio continua sem ser programa político” · «—» · [decisão do fundador]
28. 5.2 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · “a Lux é de alguém” · «—» · [decisão do fundador]
29. 5.2 · Decisão n.º 1 de 04/11/2026, Estudo III · “a dignidade antes do mérito”; “como estrutura” · «—» · [decisão do fundador]
30. 5.2 · Decisão n.º 1 de 06/11/2026, Estudo V · “a escolha entra como lugar da pessoa” · «—» · [decisão do fundador]
31. 5.2 · Decisão n.º 4 de 06/11/2026, Estudo VI · “estrutura, nunca nome da Luz” · «—» · [decisão do fundador]
32. 5.2 · Decisão n.º 1 de 12/11/2026, Estudo XIV · “não nomeia a Lux por contraste” · «—» · [decisão do fundador]
33. 5.2 · Decisão n.º 3 de 12/11/2026, Estudo XIV · “ficam declarados homônimos” · «—» · [decisão do fundador]
34. 5.2 · Decisão n.º 8 de 12/11/2026, Estudo XIV · “dada antes de qualquer relação” · «—» · [decisão do fundador]
35. 5.2, 5.3 e 5.5 · Decisão n.º 9 de 12/11/2026, Estudo XIV · “‘Transcendência’ tem ao menos quatro usos, e nenhum é nome da Lux”; “O cânon não é teísta, ateu nem agnóstico” · «—» · [decisão do fundador]
36. 5.3 · Cânon v1.2, “Origem”; Catecismo, pergunta 4 · “O eterno dança no tempo” · «—» · [letra do cânon; escrito do cânon]
37. 5.3 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “o Tu eterno que ele ergue sobre a relação é material confessional” · «—» · [escrito do cânon]

38. 5.3 · Cânon v1.2, “Origem” · “uma luz interior atemporal” · «—» · [letra do cânon]
39. 5.3 · Cânon v1.2, “Origem” · “um momento particular” · «—» · [letra do cânon]
40. 5.3 · Disputatio sobre a luz interior e o mal, “3. Respondeo” · “seu endereço é reflexivo” · «—» · [escrito do cânon]
41. 5.3 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” e “O sabbath do fluxo” · “a conversa adiada”; “a conversa sem pressa” · «—» · [escrito do cânon]
42. 5.3 · Cânon v1.2, Parte III, “A trilha dos escritos” · “a Regra de Vida no cotidiano” · «—» · [letra do cânon]
43. 5.3 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “reconhecimento” (uma ocorrência, em sentido negativo) · «—» · [escrito do cânon]
44. 5.4 · Estudo XIV, 5.5 · “os Estudos VIII a XIII não têm Ficha na página antiga” · «—» · [tese a confirmar]
45. 5.4 · Decisão n.º 10 de 12/11/2026, Estudo XIV · “A Ficha está aprovada” · «—» · [decisão do fundador]
46. 5.5 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?”; “ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” · «—» · [letra do cânon]
47. 5.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado” · «—» · [letra do cânon]
48. 5.5 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” (Acender, Portar) · “Nas transições (trajetos, esperas, intervalos), voltar ao corpo e ao lugar presente” · «—» · [letra do cânon]
49. 5.5 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo de estação · “nomear: o que mudou em mim, o que resisti em vão, o que entreguei bem” · «—» · [letra do cânon]
50. 5.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância” · «—» · [letra do cânon]
51. 5.5 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória” · «—» · [letra do cânon]
52. 5.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria” · «—» · [letra do cânon]
53. 5.5 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém” · «—» · [letra do cânon]
54. 5.5 · Decisão n.º 9 de 06/11/2026, Estudo V · a leitura de Moriá registrada em (j) · «—» · [decisão do fundador]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

Taylor

1. 6.1, 6.4, 6.5 · Taylor, *As fontes do self* (*Sources of the Self*), Harvard University Press, 1989, cap. 2, p. 28 · “Saber quem se é é estar orientado no espaço moral” · «To know who you are is to be oriented in moral space» · [V-en]
2. 6.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 1, p. 26 · “fornecem o pano de fundo, explícito ou implícito, para nossos juízos, intuições ou reações morais” · «Frameworks provide the background, explicit or implicit, for our moral judgments, intuitions, or reactions.» · [V-en]
3. 6.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 34 · “Somos eus só na medida em que certas questões importam para nós” · «We are selves only in that certain issues matter for us» · [V-

en]

4. 6.1, 6.2 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 4, p. 92 · “A articulação pode nos aproximar do bem como fonte moral, pode dar-lhe poder” · «Articulation can bring us closer to the good as a moral source, can give it power.» · [V-en]
5. 6.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 4, p. 93 · “algo cujo amor nos capacita a fazer e a ser o bem” · «something the love of which empowers us to do and be good» · [V-en]
6. 6.1 · Taylor, “A política do reconhecimento” (“The Politics of Recognition”), em Gutmann (org.), *Multiculturalism*, Princeton University Press, 1994, p. 25 · “nossa identidade é em parte moldada pelo reconhecimento ou por sua falta, muitas vezes pelo reconhecimento errôneo” · «our identity is partly shaped by recognition or its absence, often by the misrecognition of others» · [V-en]
7. 6.1, 6.3, 6.4 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 26 · “É uma necessidade humana vital” · «It is a vital human need.» · [V-en]
8. 6.1, 6.3 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 38 · “o que se estabelece deve ser universalmente o mesmo”; “a identidade única deste indivíduo ou grupo” · «what is established is meant to be universally the same […] the unique identity of this individual or group» · [V-en]
9. 6.1 · Taylor, “A política do reconhecimento”, 1994, p. 41 · “estatuto de agentes racionais” · «what commanded respect in us was our status as rational agents» · [V-en]
10. 6.1, 6.2 · Taylor, *A ética da autenticidade* (*The Ethics of Authenticity*), Harvard University Press, 1992, pp. 40–41 · “A autenticidade não é inimiga das exigências que emanam de além do eu; ela as supõe” · «Authenticity is not the enemy of demands that emanate from beyond the self; it supposes such demands.» · [V-en]
11. 6.1, 6.2, 6.4, 6.5 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 39 · “os horizontes são dados” · «Horizons are given.» · [V-en]
12. 6.1, 6.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, pp. 17 e 37 · “relativismo brando”; “se autodestrói” · «soft relativism»; «Soft relativism self-destructs.» · [V-en]
13. 6.1 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 28 · “Cada um de nós tem um modo original de ser humano” · «each of us has an original way of being human» · [V-en]
14. 6.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, parte III, p. 211 · “aqueles aspectos da vida humana que dizem respeito à produção e à reprodução” · «those aspects of human life concerned with production and reproduction» · [V-en]
15. 6.1 · Taylor, *Uma era secular* (*A Secular Age*), Belknap Press of Harvard University Press, 2007, p. 5 · “Em algum lugar, em alguma atividade ou condição, reside uma plenitude, uma riqueza” · «Somewhere, in some activity, or condition, lies a fullness, a richness» · [V-en]
16. 6.1 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 550 · “admite as duas leituras, sem nos compelir a nenhuma” · «it allows of both readings, without compelling us to either» · [V-en]
17. 6.1, 6.3 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 16 · “um bem que está além, no sentido de independente do florescimento humano” · «a good which is beyond, in the sense of independent of human flourishing» · [V-en]
18. 6.3 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, pp. 19–20 · “o eclipse de todos os fins além do florescimento humano torna-se concebível” · «the eclipse of all goals beyond human flourishing becomes conceivable» · [V-en]
19. 6.1 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, pp. 517–518 · “o potencial de certa perspectiva teísta é incomparavelmente maior” · «the potential of a certain theistic perspective is incomparably

greater» · [V-en]

20. 6.1 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 728 · conversão · «—» · [paráfrase]
21. 6.1 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, n. 9, p. 792 · "não necessariamente muito do que Jaspers associou a esse termo" · «I am not necessarily accepting much of what Jaspers associated with this term» · [V-en]
22. 6.1 · Taylor, "A política do reconhecimento", 1994, p. 62 · "credo combatente" · «fighting creed» · [V-en]
23. 6.1, 6.3 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 117 · "uma sociedade fragmentada é aquela cujos membros acham cada vez mais difícil identificar-se com sua sociedade política como uma comunidade" · «A fragmented society is one whose members find it harder and harder to identify with their political society as a community» · [V-en]
24. 6.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 3, pp. 62–63 · "bens que não só são incomparavelmente mais importantes que os outros, mas fornecem o ponto de vista a partir do qual estes devem ser pesados" · «goods which not only are incomparably more important than others but provide the standpoint from which these must be weighed» · [V-en]
25. 6.3 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, pp. 51–52 · "em forma narrativa, como uma 'busca'" · «[…] inescapably understand our lives in narrative form, as a 'quest'» · [V-en; V-es: Lizón]
26. 6.3 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 545 · "uma compreensão mais radical e de maior alcance do bem, como temos, por exemplo, com Rousseau e Marx" · «a more radical and far-reaching understanding of the good, as we have for instance with Rousseau and Marx» · [V-en]
27. 6.3 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 690 · "pensadores cruciais" · «Rousseau and Marx are crucial thinkers in this stream of thinking» · [V-en]
28. 6.4 · Taylor, *Uma era secular*, 2007, p. 543 · "seguindo um caminho aberto por Spinoza"; "o Plano fica sem planejador" · «But following a path opened by Spinoza, we can also see Nature as identical with God, and then as independent from God. The Plan is without a planner.» · [V-en]
29. 6.4 · Taylor, *A ética da autenticidade*, 1992, p. 22 · "A articulação tem aqui um sentido moral" · «Articulacy here has a moral point» · [V-en]
30. 6.4 · Taylor, conferência do Prêmio Kyoto, 2008, p. 197 · "pessoa de fé" · «person of faith» · [V-en]
31. 6.4, 6.5 · Taylor, *As fontes do self*, 1989, cap. 2, p. 36 · "Um eu existe só dentro do que chamo 'teias de interlocução'" · «A self exists only within what I call 'webs of interlocution.'» · [V-en]

A tradição

1. 6.1 · Ricoeur, "Conscience and the Law" (1994), em *The Just*, trad. D. Pellauer, University of Chicago Press, 2000, pp. 146–155 · Ricoeur lê Taylor · «—» · [V via secundária: Newing, 2022]

O cânon e os escritos

1. 6.1, 6.4, 6.5 · Cânon v1.2, "A Bússola" · "a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?"; "apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los" · [letra do cânon]

2. 6.1, 6.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”; “A luz não se acende — ela se revela” · [letra do cânon]
3. 6.1, 6.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero” · [letra do cânon]
4. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria” · [letra do cânon]
5. 6.1, 6.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “nomear: o que mudou em mim, o que resisti em vão, o que entreguei bem”; “Nas transições (trajetos, esperas, intervalos), voltar ao corpo e ao lugar presente” · [letra do cânon]
6. 6.1, 6.2, 6.3, 6.5 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” · [letra do cânon]
7. 6.1, 6.4 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite” · [letra do cânon]
8. 6.2, 6.4, 6.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”; “pessoal, nunca individual” · [letra do cânon]
9. 6.1, 6.3, 6.4 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo” · [escrito do cânon]
10. 6.1, 6.3 · decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · o “quem” está na história que a Revisão do rio nomeia · [decisão do fundador]
11. 6.1, 6.2, 6.3 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a fonte continua sem nome no cânon”; “o Bem não é nome da Luz” · [decisão do fundador]
12. 6.3 · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “admite graus de visão, nunca de valor” · [decisão do fundador]
13. 6.1, 6.3 · decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “dada antes de qualquer relação” · [decisão do fundador]
14. 6.1 · decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “uma luz acesa dentro da noite” · [decisão do fundador]
15. 6.1, 6.3 · decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a hipótese do VII “fica registrada como leitura” · [decisão do fundador]
16. 6.3 · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “a Lux é valor; a capacidade é poder” · [decisão do fundador]
17. 6.1, 6.2 · decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · a Lux não se nomeia por contraste · [decisão do fundador]
18. 6.1 · decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico · [decisão do fundador]
19. 6.1 · decisões n.º 6 e n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · o cânon não diz nada do depois; “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux · [decisão do fundador]
20. 6.1, 6.3 · decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “o rio continua sem ser programa político” · [decisão do fundador]
21. 6.3 · decisões n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, n.º 2 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV e n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI · o Bem, o *ātman* e o Tao como estrutura, nunca nome da Luz · [decisão do fundador]
22. 6.3 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV; n.º 11 de 06/11/2026 sobre os Estudos V e

VI; n.º 11 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · o padrão das fronteiras · [decisão do fundador]

23. 6.3 · decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V; n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI; n.º 12 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · Moriá, (j) segue como está · [decisão do fundador]

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES

Conferências pendentes

Este estudo traz 954 marcas de verificação entre colchetes, contadas por grupo no Prólogo e nos seis capítulos (364 no corpo e 590 nas listas de Fontes; 18 delas, no "Como ler este estudo", definem as marcas ou declaram limites e não marcam passagem). Dessas, 87 levam "a confirmar" ou "conferir": 48 no corpo e 39 nas Fontes, que repetem em parte as mesmas passagens. Por capítulo, são 6 no Prólogo, 28 no capítulo 1, 2 no 2, 12 no 3, 23 no 4, 14 no 5 e 2 no 6. Por tipo, são 19 "página a confirmar" (7 no corpo e 12 nas Fontes), 28 "localização a confirmar" (17 e 11), 34 "tese a confirmar" (21 e 13), 5 "atribuição a confirmar" (3 e 2) e 2 de outra forma ("página inglesa a confirmar", nas Fontes 13 do capítulo 2 e 34 do capítulo 3); um grupo composto ("localização a confirmar; tese a confirmar", na Fonte 31 do capítulo 5) conta nos dois tipos, e por isso 19 + 28 + 34 + 5 + 2 − 1 = 87. Quatro das 87, no "Como ler este estudo", só definem a marca; ficam 83 passagens a conferir. Além delas, 49 passagens levam [paráfrase] (25 no corpo e 24 nas Fontes), isto é, a tese sem a letra, e 72 levam [V via secundária: …] (29 e 43), isto é, a passagem foi lida dentro de outro texto; as duas listas estão abaixo, com a seção, o que falta e onde se confere (parte delas leva também uma marca "a confirmar", e então já está contada acima). Os números saem de `tools/contar-marcas.py`, que conta por grupo (um grupo composto, como [V-en; V-es: Lizón], vale uma marca). Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página, edição e numeração que a leitura cuidadosa de um exemplar em mãos pode fechar. Os n.º que acompanham as obras remetem à numeração da bibliografia. Os itens estão numerados entre parênteses dentro de cada célula, com a seção e, entre parênteses, quantas marcas cada item reúne (corpo e Fontes); "onde se confere" diz o exemplar ou o texto a abrir. Toda citação de *As fontes do self* vem de blocos de terceiros e deve ser conferida no exemplar antes de a versão sair para a leitura do fundador. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

Tipo	O que falta
Limites de leitura declarados no Prólogo ("Como ler este estudo" e "Os limites são estes")	(1) **O inglês de *As fontes do self*** (n.º 4) não foi conferido no exemplar: foi conferido em blocos citados por obras de terceiros — Colorado (n.º 26), Choi (n.º 25), Meijer (n.º 35), Turner (n.º 46), Chernilo (n.º 24) e os outros nomeados nas Fontes (Greene, Brooks, Van der Westhuizen, Schoenberg, Teixeira) —, e é esse inglês que o marcador [V-en] atesta para esse livro; onde o bloco não alcança, o marcador é [V-es: Lizón] (n.º 5) ou [V via secundária]. Falta: cotejar cada passagem e cada página com o exemplar inglês de Harvard (1989); onde se confere: o capítulo e a página dados nas Fontes de cada capítulo, começando pelas pp. 26–28, 34–36, 62–63, 92–93 e 517–518, que sustentam o Prólogo e as fronteiras do capítulo 3. (2) **Não abertos**: *Hegel* (1975; n.º 2), *Uma modernidade católica?* (1999; n.º 10), os *Philosophical Papers* (n.º 3) além do que as Fontes dizem, a réplica de Taylor a Tully (n.º 45) e o relatório da Comissão Bouchard-Taylor (2008), que só chega pela reportagem da emissora canadense (n.º 21). Falta: abrir cada um; onde se confere: nos próprios exemplares (e, para o relatório, no texto da Comissão, e não na reportagem). (3) **A tese de Oxford**: o título fica [tese a confirmar], porque Wallace (n.º 48) e o texto de Kyoto (n.º 12) a descrevem de modo diferente (1.1; ver n.º 14). Onde se confere: no registro da tese, em Oxford, e na página de rosto de *The Explanation of Behaviour*. (4) ***Dilemas e conexões*** (2011; n.º 13) só por Schoenberg (n.º 41), 3.10; a leitura direta dos *Pensées* por Taylor não foi achada, 2.15 ("localização a confirmar"). Onde se confere: no exemplar de *Dilemas e conexões*, p. 173, e no índice de *Uma era secular* e de *A ética da autenticidade*, p. 121. (5) "**Transcendência**": onde a palavra aparece em Taylor, o estudo a marca e não a estende; falta conferir cada ocorrência no texto (3.9 e as seções que a nomeiam). (6) **Negativas**: quando um capítulo diz que Taylor "não trata" de algo (Ricoeur, 4.4; Kierkegaard, Marcel e o Vedanta, 4.10), a afirmação vale só para os textos lidos; e as

Tipo	O que falta
	contagens de palavras valem para os sete escritos, e não só para o Cânon v1.2. Onde se confere: repetir a busca nos textos integrais quando o exemplar de *As fontes do self* vier. (7) **Nenhuma tradução portuguesa de Taylor foi usada**; não há marcador de tradução portuguesa.
Edições não abertas e intermediários	(1) **Taylor**: *Hegel* (n.º 2; só por Wallace, 4.1), *Uma modernidade católica?* (n.º 10; só por Schoenberg e Stout, 1.10, 4.7), *Dilemas e conexões* (n.º 13; 3.10), "Marxism and Humanism" (n.º 1; por Wallace, 3.11, 4.9), "Deus ama os advérbios" (n.º 15; só o título, 3.5), *The Explanation of Behaviour* (n.º 14; 1.1) e o "Précis" (n.º 8) e *Argumentos filosóficos* (n.º 9), que levam [V-en] sem constar das obras que o Prólogo diz conferidas no texto (4.3; 1.8, 4.5): falta dizer por que via foram lidos. (2) **Ricoeur sobre Taylor**: *Conscience and the Law* (n.º 37) e *The Fundamental and the Historical* (n.º 38) só por Newing (n.º 36), 3.2, 4.4, 5.1, 6.1; a página de *O si-mesmo como um outro* (n.º 39) em que Ricoeur cita Taylor não foi achada (4.4, 5.1). (3) **A tradução brasileira de *Uma era secular***, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, só por Kotz (n.º 32), 1.10. (4) **Verbete da *Stanford Encyclopedia of Philosophy*** (n.º 42), lido no Estudo XIII, 3.12, 4.5. (5) **Honneth, Fraser, Skinner e Tully** (n.º 29; n.º 45): não lidos, 1.9. (6) **Tradução espanhola de *As fontes do self*** (n.º 5): só aberta nas pp. 52, 68 e 441; o título, o ano e a cidade estão a completar. (7) **Estudos e decisões**: as passagens dos Estudos VII, IX, X, XI, XII, XIII e XIV e da Ficha de outubro do Estudo V vão por seção (ver a bibliografia, n.º n.º 64 a n.º 73 e n.º 59); o texto do Estudo é conferido no Estudo, e não no que ele cita.
Páginas a confirmar (19 marcas; mais 2 "página inglesa a confirmar")	(1) ***Uma era secular*, p. 728**, a conversão, sem trecho [paráfrase]: 3.10 (Fonte 48) e 6.1 (Fonte 18) (2 marcas); onde se confere: no exemplar, p. 728, e no índice, "conversion". (2) ***Dilemas e conexões*, p. 173**, via Schoenberg: 3.10 (Fonte 47; no corpo a marca é "localização") (1). (3) ***Uma modernidade católica?*, p. 19**, via Schoenberg e Stout: 1.10 (corpo; Fonte 77) e 4.7 (corpo; Fonte 63) (4); onde se confere: no volume organizado por Heft (n.º 10) e no artigo de Schoenberg (n.º 41), p. 19. (4) ***Argumentos filosóficos*, cap. 1** ("Overcoming Epistemology"): a página do humanismo cívico "de Humboldt a Arendt" e da "afinidade natural": 1.8 (corpo; Fonte 54) e 4.5 (corpo; Fonte 18) (4); onde se confere: no exemplar do n.º 9, cap. 1. (5) ***As fontes do self*, cap. 7, pp. 130–131**, "introduziu a interioridade da reflexividade radical": 4.3 (corpo; Fonte 11) (2); onde se confere: no exemplar do n.º 4, cap. 7 (1.6 e 1.12 citam as mesmas páginas). (6) ***As fontes do self*, cap. 2, pp. 51–52**, a vida como "busca", que o estudo dá pela p. 68 de Lizón (n.º 5): 5.1 (Fonte 3) e 6.3 (Fonte 23) (2 marcas) e, com a forma "página inglesa a confirmar", 2.5 (Fonte 13) e 3.6 (Fonte 34) (2 marcas, de outra forma); onde se confere: no exemplar inglês, cap. 2, pp. 51–52, e a p. 68 de Lizón. (7) **Rorty**, "Taylor on Truth", em Tully (org.), 1994 (n.º 40): hiperbens × bens ordinários: 1.5 (corpo; Fonte 96) (2); onde se confere: no volume de Tully (n.º 45). (8) **Wallace**, o primeiro presidente da seção de Oxford da Campanha pelo Desarmamento Nuclear: 1.1 (Fonte 88) (1); onde se confere: no capítulo de Wallace sobre a *New Left Review* (n.º 48). (9) A definição da marca, no "Como ler este estudo" (1).
Localizações a confirmar (28 marcas)	(1) O "Como ler este estudo": a definição da marca (1). (2) **Desouza**, a "reavaliação radical" (*radical re-evaluation*): 1.2 (corpo; Fonte 92) (2); onde se confere: na tese de Desouza (n.º 27), University of Victoria, 1998. (3) **MacIntyre**, *Depois da virtude*, 3.ª ed., pp. 218–219 [paráfrase]: 1.4 (corpo; Fonte 95) (2); onde se confere: no exemplar do n.º 34. (4) ***As fontes do self*, p. 107**, "a articulação é uma condição crucial da reconciliação": 1.5 (corpo; Fonte 29) (2); onde se confere: no exemplar do n.º 4. (5) **O título do capítulo 3 de *As fontes do self***, "A ética da inarticulação" [paráfrase]: 1.5 (corpo; Fonte 30) (2); onde se confere: no sumário do exemplar. (6) **A tese do livro sobre a vida ordinária** (parte III), que o estudo dá em paráfrase: 1.6 (corpo) (1); onde se confere: na parte III de n.º 4, a partir da p. 211. (7) **Casanova**, cap. 11, "narrativa mestra da Reforma": 3.5 (corpo; Fonte 56) (2); onde se confere: no capítulo do n.º 23. (8) **"Deus ama os advérbios"**: 3.5 (corpo; Fonte 31) (2); onde se confere: o título e a publicação, antes de qualquer citação (n.º 15). (9) ***Dilemas e conexões*, via Schoenberg**: 3.10 (corpo) (1). (10) **Habermas e Walzer**, pp. 109, 112, 116 e 99

Tipo	O que falta
	[paráfrase]: 3.11 (corpo; Fonte 57) (2); onde se confere: nos n.º 31 e n.º 49. (11) ***Hegel* (1975)** no Estudo VII: 4.1 (corpo) (1); onde se confere: o Estudo VII, cap. 1, bibliografia, que o cita "como leitura, sem página". (12) **A letra de Taylor que sustente o juízo de Williams**: 4.1 (corpo) (1); onde se confere: nos textos de Taylor, contra n.º 50. (13) **A palavra *phronesis*** em Taylor, não achada nos textos abertos: 4.2 (corpo; Fonte 6) (2); onde se confere: nas obras de Taylor que o estudo não abriu. (14) **Estudo X, 5.5**, "lê a razão platônica como domínio de si e o Bem como fonte moral" [paráfrase]: 4.2 (corpo; Fonte 72) e 5.1 (corpo; Fonte 33) (4); onde se confere: o texto do Estudo X, 5.5 (n.º 69). (15) **Estudo IX, 5.6**, o resumo de *As fontes do self* em três frases [paráfrase]: 5.1 (corpo; Fonte 31) (2); onde se confere: o texto do Estudo IX, 5.6 (n.º 68). (16) **Os *Pensées***: a leitura direta por Taylor, 2.15 (corpo) (1); onde se confere: em *Uma era secular*, p. 347, e em *A ética da autenticidade*, p. 121.
Teses e atribuições a confirmar (34 teses e 5 atribuições)	(1) **No "Como ler este estudo"** (2 teses): a definição da marca e o título da tese de Oxford (ver acima). (2) **Prólogo e 5.4** (3 marcas): a página antiga dos estudos "não tem Ficha dos Estudos VIII a XIV" (Prólogo, corpo), e "VIII a XIII" em 5.4 (corpo; Fonte 69); onde se confere: o Estudo XIV, 5.5 (n.º 73), e a página antiga; ver as discrepâncias, abaixo. (3) **1.1, a biografia, por Wallace** (4 marcas): o título da tese; as candidaturas de 1962, 1963, 1965 e 1968, com os distritos de Mount Royal e de Dollard; Northwestern; e o quadro cronológico (Fonte 87); onde se confere: em n.º 48, p. 16, e nos registros eleitorais e da universidade. (4) **1.5, Laitinen**, só o título (corpo; Fonte 97) (2); onde se confere: o livro (bibliografia, n.º 33). (5) **1.6 e 4.3**, a fórmula do Estudo XIII, "lê a interioridade como história e a vida comum como bem": 1.6 (corpo), 4.3 (corpo; Fonte 78) (3); e 5.1 (corpo; Fonte 37) (2); onde se confere: o Estudo XIII, 5.2 (n.º 72), e o Estudo XII, 5.3 (n.º 71). (6) **1.11** (3 marcas): o dito de 2017 sobre a recomendação da Comissão (corpo; Fonte 106) e "se Taylor aceita ou recusa o rótulo" (corpo); onde se confere: em fonte primária da Comissão e em entrevista de Taylor. (7) **3.12 e 4.5, o verbete da *Stanford Encyclopedia of Philosophy***, que distingue Arendt de Taylor: 3.12 (corpo; Fonte 58), 4.5 (corpo duas vezes; Fonte 61) (5); onde se confere: o verbete (n.º 42) e, para "se Taylor aceita o rótulo", a letra de Taylor. (8) **4.4, Ricoeur** (4 marcas): o Estudo IX, 5.6, quando diz que a letra de Ricoeur reunida não traz passagem em que ele leia Taylor (corpo; Fonte 82); e a página de *O si-mesmo como um outro* (corpo; Fonte 57); onde se confere: o Estudo IX (n.º 68) e o livro (n.º 39). (9) **5.1** (6 marcas, além das acima): o Estudo IX sobre Ricoeur (corpo; Fonte 31, composta), a página de *O si-mesmo como um outro* (corpo; Fonte 25), e o Estudo XIV, 4.9, sobre o tempo-eixo de Jaspers e Marcel (corpo; Fonte 38); onde se confere: o Estudo XIV (n.º 73). (10) **Atribuições** (5, das quais 1 define a marca): Honneth, Fraser, Skinner e a réplica de Tully, "não lidos", 1.9 (corpo; Fonte 102) (n.º 29), e "Carr, Taylor and Ricœur, 1985/1991", 4.4 (corpo; Fonte 58) (n.º 22), onde falta decidir quem assina o quê; onde se confere: nas publicações e no texto de n.º 36, n. 38, p. 110.
Paráfrases (49 passagens: 25 no corpo e 24 nas Fontes)	Cada uma é a tese sem a letra; falta a passagem e a página, e onde se confere é o texto citado. (1) 1.2: a avaliação fraca × forte (corpo; sem Fonte): *Philosophical Papers* 1 (n.º 3). (2) 1.4: os interlocutores essenciais e os cruciais, *As fontes do self*, cap. 2, p. 36 (corpo; Fonte 20) (2). (3) 1.4: MacIntyre, pp. 218–219 (corpo; Fonte 95) (2; também "localização"). (4) 1.5: o título do cap. 3 (corpo; Fonte 30) (2). (5) 1.6: a tese do livro sobre a vida ordinária (corpo) (1); Calhoun, n. 16, p. 244 (corpo; Fonte 98) (2). (6) 1.8: Appiah, p. 162 (corpo; Fonte 99) (2). (7) 1.9: Walzer, p. 99 (Fonte 101) (1). (8) 1.10: o "eu poroso" (*porous self*), em *Uma era secular* (corpo) (1). (9) 2.12: o "giro" e a "tomada", pp. 549–551 (corpo; Fonte 37) (2) e 3.8, pp. 549–550 (corpo; Fonte 39) (2): *Uma era secular*. (10) 3.10 (Fonte 48) e 6.1 (Fonte 18): a conversão, p. 728 (2; também "página"). (11) 3.11: Habermas e Walzer (corpo; Fonte 57) (2; também "localização"). (12) 4.2: Estudo X, 5.5 (corpo; Fonte 72) (2; também "localização"); Calhoun, p. 234 (corpo; Fonte 51) (2) e p. 244, n. 17 (corpo; Fonte 52) (2). (13) 4.5: *A ética da autenticidade*, p. 7, onde cita *A condição humana* (corpo; Fonte 17) (2); Calhoun, p. 247 (corpo; Fonte 59) (2). (14) 4.6: Thomson, n. 26 (corpo; Fonte 62) (2). (15) 4.7: o *anatta* e o caminho do Nirvana, *Uma era secular*, pp. 17–18 (corpo; Fonte

Tipo	O que falta
	27) (2). (16) 4.8: os ciclos de eras e a *ahimsa*, pp. 325, 612 e 689 — as páginas foram conferidas por índice e busca no texto (corpo; Fonte 32) (2); Sartre e Camus, p. 583 (corpo; Fonte 34) (2); Sartre, p. 726 (corpo) (1); o texto de Sartre, n. 17, p. 842 (corpo; Fonte 37) (2). (17) 4.9: o Deus oculto, p. 532 (corpo; Fonte 45) (2). (18) 5.1: Estudo IX, 5.6 (corpo; Fonte 31) (2; também "localização" e "tese") e Estudo X, 5.5 (corpo; Fonte 33) (2; também "localização").
Passagens por via secundária (72 marcas: 29 no corpo e 43 nas Fontes)	Cada uma foi lida dentro de outro texto, e falta cotejar a passagem no original; onde se confere está dito no fim de cada item. (1) **Wallace** (n.º 48), 16 marcas: Prólogo (Fonte 18); 1.1 (corpo, três vezes; Fontes 87 e 88, estas com "tese" e "página"); 1.11, p. 97, n. 283 (corpo; Fonte 83); 3.11, p. 231 (corpo; Fonte 53); 4.1, p. 232, n. 836 (corpo; Fonte 2); 4.8, p. 276 (corpo; Fonte 66); 4.9, p. 231 (corpo; Fonte 46); onde se confere: na tese de Wallace, nas páginas dadas, e nas obras de Taylor que ela cita (*Hegel*, p. 461; "Marxism and Humanism", p. 94). (2) **Newing** (n.º 36), 13 marcas: 3.2, pp. 79–80; 4.2, p. 78, n. 29; 4.4, pp. 77–78, n. 28, pp. 79–80, e n. 38, p. 110 (com "atribuição"); 5.1 e 6.1 (sem página); onde se confere: nos textos de Ricoeur que Newing cita (n.º 37; n.º 38). (3) **Estudo VII, 2.4 e 3.1** (n.º 66), 10 marcas, para as pp. 25 e 41 de "A política do reconhecimento": Prólogo, 2.9, 2.10, 3.3, 5.5, 6.1; onde se confere: no texto de Taylor (n.º 7), pp. 25 e 41, que o estudo já tem [V-en] nas pp. 26 e 38. (4) **Schoenberg** (n.º 41), 8 marcas: 1.10, p. 19 e p. 181; 3.10, p. 173; 4.7, p. 19 (com Stout); onde se confere: *Uma modernidade católica?* e *Dilemas e conexões*. (5) **Meijer** (n.º 35), 6 marcas, 1.2: a raiz em Frankfurt (1971), Flanagan, p. 146, e Abbey, p. 18; onde se confere: em n.º 28 e n.º 16. (6) **Abbey** (n.º 17), 4 marcas, 1.4 e 2.5: os planos "vertical" e "horizontal", Introdução, p. 5. (7) **A emissora canadense** (n.º 21), 3 marcas, Prólogo e 1.11: as recomendações da Comissão Bouchard-Taylor; onde se confere: no relatório de 2008. (8) **A *Stanford Encyclopedia of Philosophy***, 4 marcas, 3.12 e 4.5. (9) **Kotz** (n.º 32), 2 marcas, 1.10: "protegido" e "estrutura imanente"; onde se confere: a tradução da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. (10) **Lizón**, p. 68, 2 marcas, 2.5 e 3.6 ("página inglesa a confirmar"). (11) **Teixeira**, 2 marcas, 4.3 e 5.1: a p. 131 de *As fontes do self*, "início da frase não visto"; onde se confere: no exemplar do n.º 4, cap. 7, p. 131. (12) **Colorado** (n.º 26), 1 marca, 3.8: cap. 25, pp. 517–518. (13) **A Fundação Inamori** (n.º 12), 1 marca, 1.11: "individualismo holístico"; onde se confere: no texto da Fundação.
Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados	(1) **Wallace** (n.º 48): prenome, título exato e universidade; o Prólogo o chama "Charles Taylor, 2023" e o capítulo 4 "Redemption and Reform in A Secular Age" (Prólogo, 1.1, 1.11, 3.11, 4.1, 4.8, 4.9). (2) **Newing** (n.º 36): prenome, título e publicação (3.2, 4.2, 4.4, 5.1, 6.1). (3) **Schoenberg** (n.º 41): prenome e título do artigo de *Roczniki Filozoficzne* 64/4, 2016 (1.10, 3.10, 4.7); **Stout**, só nomeado. (4) **Colorado, Choi, Turner, Chernilo, Greene, Brooks e Van der Westhuizen**: prenomes e títulos; só os blocos (1.3, 1.4, 1.2, 1.5, 4.3, 4.7, 3.8). (5) **Meijer, Flanagan, Abbey (2000) e Desouza**: só por Meijer, exceto Desouza (tese, University of Victoria, 1998; 1.2). (6) **Kotz** (n.º 32) e **Teixeira** (n.º 43): prenomes e títulos (1.10; 4.3, 5.1). (7) **Casanova, Appiah, Habermas, Walzer, Rorty, MacIntyre, Laitinen, Thomson e Williams**: lidos pelos textos que as Fontes dizem; faltam prenomes, páginas ou títulos (1.4, 1.5, 1.8, 1.9, 3.5, 3.11, 4.1, 4.6, 4.7). (8) **Honneth, Fraser, Skinner e Tully**: nomeados, não lidos (1.9). (9) **A emissora canadense e a Fundação Inamori**: só pelo nome, para a Comissão e para o prêmio (Prólogo, 1.11, 4.5). (10) **Calhoun**, só pelo artigo de 1991 (1.3, 1.6, 4.2, 4.5, 4.7, 4.9). (11) **Ricoeur** (n.º 37; n.º 38; n.º 39): só por Newing, e *O si-mesmo como um outro* sem página (4.4, 5.1). (12) **A Stanford Encyclopedia of Philosophy**: verbete, autor e data (3.12, 4.5). (13) **Carr** (n.º 22): a discussão de 1985/1991, só por Newing (4.4). (14) Os intermediários dos Estudos V, VII, IX, X, XI, XII, XIII e XIV, citados por seção nas Fontes (ver a bibliografia, n.º n.º 64 a n.º 73).
Discrepâncias internas a fechar	(1) **Fichas**: o Prólogo ("O que a série já disse…") diz que a página antiga não tem Ficha dos Estudos "VIII a XIV"; 5.4 e a Fonte 69 do capítulo 5 dizem "VIII a XIII" e que o XIV escreveu "VIII a XIII"; onde se confere: o Estudo XIV, 5.5, e a página antiga; uniformizar. (2) **Wallace**: duas descrições da mesma obra, a conferir (ver acima

Tipo	O que falta
	e n.º 48). (3) **Tully**: o Prólogo diz "a réplica de Taylor a Tully", e 1.9 diz "a réplica de James Tully"; falta conferir quem replica a quem e em que volume (n.º 45). (4) **A data de *A ética da autenticidade***: 1992 (Harvard) neste estudo; 1991 no Estudo V, 4.14, que o Prólogo já corrigiu; conferir no impresso da edição de Harvard e na de Anansi.
Traduções e termos do estudo a rever com exemplar em mãos	(1) Todo o português de Taylor é do estudo, com o original em inglês nas Fontes (426 marcas [V-en] em passagens; nenhuma tradução portuguesa foi aberta): cotejar o português com o original quando o exemplar vier. (2) **"Vida ordinária"** (*ordinary life*) × **"vida comum"** (Estudo XIII, 5.2): 1.6, 3.5 e 5.1. (3) **"Moldura"** (*framework*; *immanent frame*) × **"estrutura imanente"** e **"protegido"** (Kotz, sobre a tradução brasileira); o estudo diz "moldura" e "blindado": 1.10; cotejar com a tradução da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, não aberta. (4) **"Teias de interlocução"** (*webs of interlocution*) × *urdimbre* (Lizón, p. 52): 1.4, 2.4. (5) **"Giro"** (*spin*) e **"tomada"** (*take*): 2.12, 3.8. (6) ***As fontes do si*** (Estudo IX, 5.6) × ***As fontes do self*** (este estudo): uniformizar o título em 5.1 (e na Fonte 31) quando se cita o Estudo IX. (7) **"Transcendência"**, **"hiperbem"**, **"bem constitutivo"** e **"fonte moral"**: cada uso vai marcado como voz de Taylor, e nenhum vira nome da Lux; falta conferir o inglês de cada ocorrência (Prólogo, 1.5, 3.9).

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens do budismo foram conferidas, quando possível, no páli (SuttaCentral) ou no sânscrito dos originais, com as traduções inglesas e portuguesas à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-pi], [V-skt], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

Marca	**Total**	**Corpo**	**Aparato**
[V-en]	457	167	290
[leitura do estudo]	105	90	15
[V via secundária]	61	28	33
[paráfrase]	35	19	16
[tese a confirmar]	29	20	9
[hipótese do estudo]	17	16	1
[… a confirmar]	15	12	3
[paráfrase; … a confirmar]	13	7	6
[texto do estudo]	7	0	7
[V-es]	5	4	1
[leitura do estudo; busca no texto integral]	4	0	4
[leitura do estudo; decisão n.º 3 de 20/11/2026 sobre o estudo xv]	1	1	0
[leitura do estudo; índice]	1	0	1
[inferência do estudo]	1	1	0
[leitura do estudo; hipótese do estudo]	1	0	1

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

Capítulo	**Citações**	**Palavras**
Prólogo — O estado da questão e o método	113	5578
1. Taylor em sua melhor forma	133	4966
2. Onde nos tocamos	127	3622
3. Onde nos separamos	157	5080
4. Taylor diante das casas da série	90	3716
5. O que a série já disse e a Ficha proposta	114	2648
6. Síntese, fórmula e questões abertas	109	4733
Total	843	30343

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.